

OFFICINA DE ENCADENADOR
Verissimo d'Almeida
RUA DE S. LAZARO, 23 E 25



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



1855

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL

DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUZITANA

Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires
Prop.—Lib. 4—Eleg. 10

Decima terceira série — Anno de 1907 — Tomo III



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

LISBOA

—
TYP. A VAPOR DA PAP. ESTEVÃO NUNES & F.º

58 — Rua Aurea — 60

1907

SÉDE
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

Rua Sociedade Pharmaceutica, no Bairro Camões

EDIFICIO DA SOCIEDADE

LISBOA

DIRECCÃO

PRESIDENTE — *João Mendes Carreiro*, Rua Paiva d'Andrade, Algés.

PRIMEIRO SECRETARIO — *Ernesto da Rocha e Castro*, Instituto de D. Amelia.

SEGUNDO SECRETARIO — *Armando de Campos Palermo*, Rua de Campo d'Ourique, 69, 1.º.

THESOUREIRO — *Antonino Alves Barata*, Rua Aurea, 128.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Commissão de Redacção

Francisco de Carvalho — DIRECTOR

João Mendes Carreiro — SUB-DIRECTOR

Fernando Mendes Pereira — VOGAL

Gaspar Maria do Nascimento — SUPLENTE

PEÇAS OFFICIAES

Acta da Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, realisada em 11 de dezembro de 1906

Presidencia do sr. Francisco de Carvalho

A's 9 horas da noite, estando bastante numero de socios honorarios e effectivos, e alguns convidados, na sala, os srs. presidente e secretarios occuparam os seus logares.

O sr. Presidente declarou que estava aberta a Sessão Solemne Anniversaria, e que nesta sessão se inaugurariam os retratos de dois antigos presidentes fallecidos, que haviam prestado relevantissimos serviços á Sociedade e á sciencia, e que por isso mereciam a nossa homenagem, como mostrariam os trabalhos dos srs. Cisneiros de Faria e professor Carvalho da Fonseca, encarregados, respectivamente, dos elogios historicos do dr. Joaquim José Alves e José Bento Coelho de Jesus, de quem eram os retratos.

Que primeiro, porém, convidava o 2.º secretario a informar a Sociedade do seguinte:

Alterações occorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 21.º anno da sua instituição

Foram admittidos

Para classe de Effectivos

Adelino de Moura Santos, Lisboa.

Antonio Ribeiro d'Albuquerque, Lisboa.

Ernesto dos Santos, Lisboa.

João Francisco d'Oliveira Junior, Lisboa.

João Gregorio Ferreira, Lisboa.
 José Benito Rodrigues, Lisboa.
 José Maria Pereira Ferraz, Cintra.
 Leopoldo Todi Gonçalves, Lisboa.
 Luiz José Botelho Seabra Lopes, Lisboa.
 Dr. Manoel Fernandes Cruz, Lisboa.
 Sebastião Vito Abreu da Silva, Lisboa.

Para a classe de Correspondentes Nacionaes

Arthur Zuzarte Pitta, Sines.
 Belarmino dos Santos Barata, Fundão.
 Humberto da Cunha Corrêa, Horta, Fayal.
 João Fernandes da Cruz, Tavira.
 Joaquim Fernandes Paulitos, Reguengos.
 Manoel Nunes, Coimbra.
 Mario de Mesquita Lopes, Cezimbra.

Pediram a demissão

Correspondentes nacionaes

José Alberto Marques Silva, Lagôa, Algarve.
 José Maria de Miranda, Torres Vedras.

Falleceram

Presidente Honorario

Dr. Joaquim José Alves, Lisboa.

Benemerito

Conselheiro Marianno Cyrillo de Carvalho, Lisboa.

Honorarios

Joaquim dos Santos Silva, Coimbra.
 José Bento Coelho de Jesus, Lisboa.
 Miguel José de Souza Ferreira, Porto.

Effectivo

Antonio Pedro Cardoso Alves d'Azevedo, Lisboa.

Correspondentes Nacionaes

- Antonio Francisco Nogueira, Almada.
- Antonio José Martins Pereira, Tournal do Pecegueiro.
- Antonio Manoel Augusto Mendes, Belem.
- Candido Augusto Ribeiro Gonçalves, Villa Nova de Gaya.
- Francisco Xavier de Paiva, Braga.
- Joaquim Gonçalves d'Aguiar, Pombal.
- José Fernandes Marques Junior, Almeida.

Resumo

Ficaram existindo

Protector.....	1
Benemeritos	7
Honorarios nacionaes.....	24
Honorarios estrangeiros.....	22
Effectivos.....	143
Correspondentes nacionaes.....	194
Correspondentes estrangeiros.....	26
Total....	<u>417</u>

Saldo da conta do anno anterior..... 847500

Receita cobrada durante o anno..... 1:1747920

1:2597420

Despeza ordinaria e extraordinaria..... 7957465

Amortisação de obrigações.. 2507000

Coupons pagos..... 2087000

1:2537065

Saldo em 30 de Junho de 1906 67355

Em seguida o sr. Presidente concedeu a palavra ao 1.º secretario, sr. João Mendes Carreiro, que deu conta do seguinte:

Centro de Documentação Farmacêutica
Ordem dos Farmacêuticos

Premio José Dionysio Corrêa, fundado no quinquagesimo anno da instituição da Sociedade.

Programma de concurso

A *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* em observancia do § 8.º do art.º 27.º dos seus estatutos tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programma para o concurso que ha de ser julgado no proximo anno.

Memoria sobre qualquer questão de pharmacia ou sobre assumpto de interesse profissional.

Condições

Os premios consistirão na adjudicação de diploma de «*Membro Benemerito*» acompanhado de um *bonus* de cinquenta mil réis, ao premiado em primeiro lugar.

No diploma de «*Membro Honorario*» aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias, que vierem a concurso, serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da Sociedade, por todo o mez de Abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario, a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão

solemne anniversaria, deverão ser para este fim approvadas pela Sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo: *Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, recebendo os seus auctores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade neste programma.

Relação dos individuos e corporações que brindaram a Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o septuagesimo primeiro anno.

Antonio Feliciano da Conceição Ribeiro Junior, de Carnide.

Elysio Fernandes das Dôres Tavares, de Macau.

J. B. Baillièrè et Fils, de Paris.

Poulenc Frères, de Paris.

Atheneu Commercial de Lisboa.

Direcção Geral de Instrucção Publica.

Smithsonian Institution de Washington.

Redacções dos seguintes jornaes:

Annaes do Club Militar Naval, de Lisboa.

A Medicina Contemporanea, de Lisboa.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas, de Lisboa.

Boletim da Sociedade de Geographia, de Lisboa.

Gazeta de Pharmacia, de Lisboa.

Boletim official do 15.º Congresso de Medicina, de Lisboa.

Boletim da Associação Commercial dos Lojistas, de Lisboa.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, de Lisboa.

*Boletim da Real Sociedade Nacional de Horticu-
lta de Portugal*.

Boletim da Liga Naval Portuguesa, de Lisboa.

Boletim do Hospital de S. José e annexos, de Lisboa.

Revista de Chimica pura e applicada, do Porto.

A Medicina Moderna, do Porto.

Archivo Pharmaceutico, do Porto.

A Dosimetria, do Porto.

O Instituto de Coimbra.

Revista de Medicina Veterinaria, de Lisboa.

O Vintem das Escolas, de Lisboa.

Heraldo da Madeira, Funchal.

Revista agronomica, de Lisboa.

Boletim da Sociedade Broteriana, de Coimbra.

Boletim Pharmaceutico, do Porto.

*Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do
Porto*.

Seguros e Finanças, de Lisboa.

El Restaurador Farmacéutico, de Barcelona.

Gaceta Sanitaria, de Barcelona.

Revista Científica Profissional, de Barcelona.

El Mundo Farmacéutico, de Barcelona.

El Monitor de la Farmácia, de Madrid.

Revista Medico-hydrológica Española, de Madrid.

La Farmácia, de México.

Boletim del Instituto Patológico, do Mexico.

Boletim del Consejo Superior de Salubridad, de San
Salvador.

Anales del Instituto Médico Nacional do México.

Le Mois Médico-Chirurgical, de Paris.

Le Mouvenent Hygiénique, de Paris.

La Vulgarisation Scientifique, de Paris.

Le Mois Scientifique, de Paris.

Bulletin des travaux de la Société de Pharmacie, de Bordeaux.

Depois convidou o sr. José Pedro Estanislau da Silva, Vice-Presidente da Sociedade, a desvendar os retratos, e a seguir deu a palavra ao secretario Cisneiros de Faria, para proferir o seguinte

Sr. Presidente — Meus Senhores

A Sociedade Pharmaceutica Luzitana paga hoje, em homenagem singela, despretenciosa, mas sincera, e certa de que cumpre um grato dever, uma divida contrahida para com um dos seus membros mais prestimosos, um dos seus filhos dilectos, que durante uma longa vida de trabalho incessante, demonstrou com exuberancia o seu amôr pela sciencia, a sua dedicação pela classe a que pertencia.

Em todos os tempos, por mais rudimentar que tenha sido o estado moral das sociedades, a honestidade de character, o amôr pelo trabalho, a comprehensão dos deveres civicos, elevaram sempre acima dos outros homens, aquelles que possuíam tão elevados dotes, fazendo-os credôres da nossa admiração e do nosso respeito.

Todos os dias vemos desaparecer da nossa convivencia, personagens distinctos, caracteres impolutos, espiritos brilhantes, uns esperanças prometedoras, outros nomes consagrados nas legiões do trabalho, todos cooperando para a realisação do mesmo ideal, procurando ser uteis á Sociedade.

De todas estas vidas que se extinguem numa comunidade de destinos, alguma cousa fica na memoria dos que subsistem, apreciando-lhes a sua obra, exaltando-lhes as suas qualidades, apontando-as aos vindouros como padrão de esforço, modelo de virtudes, exem-

plo a seguir na senda tortuosa e quasi sempre ingloria da vida.

O dr. Joaquim José Alves, á memoria de quem hoje, rendemos preito da nossa homenagem, relembrando a sua vida cheia de dedicação pela sua e nossa classe, distinguuiu-se como pharmaceutico eximio, chimico distinctissimo, professôr abalisado, parlamentar correcto, cidadão prestimoso, produzindo estas qualidades um typo inconfundivel, destacando-o com uma feição perfeitamente singular.

Dotado de fortes energias para o trabalho e para as luctas da vida, caminhou sempre guiado por um elevado ideal, «ser util ao seu paiz».

Soube alliar os seus interesses pessoaes aos deveres que a Sociedade nos impõe, e com uma tenacidade de ferro, vencendo as resistencias que procuravam tolher-lhe os movimentos, abrindo caminho muitas vezes atravez de malquerenças e obstaculos com que diligenciavam inutilisar os seus esforços, d'elles saiu sempre glorioso e cada vez mais cheio de auctoridade, conquistando pelo seu esforço a posição primacial que conseguiu occupar.

Nasceu em Villa Nova da Barquinha aos 23 de março de 1830, nesse periodo tão agitado da nossa vida historica, e d'ali partiu para Lisboa aos 15 annos de idade trazendo como unica bagagem algumas luzes de Portuguez e de Latim, ministradas por sacerdote amigo, e um decidido desejo de illustrar-se.

Quiz e acaso que fizesse jornada com o ministro de estado Bernardo Gorjão Henriques da Cunha, que conhecedôr dos desejos que tinha de continuar os seus estudos e os poucos recursos de que dispunha, lhe proporcionou ensejo de se instruir, mandando-o admitir como praticante na pharmacia do Hospital da Marinha.

Assegurados esses parcos meios de viver, mostrou-se digno da protecção dispensada, e em poucos annos,

tendo frequentado o lyceu, as Escolas Polytechnica e de Pharmacia de Lisboa, completou com distincção o seu curso regular de pharmaceutico aos 22 annos de idade, não se tendo utilisado do perdão d'acto nesse anno concedido.

Ainda ha bem pouco lembrava com palavras de saudosa gratidão, a memoria do seu protectôr, que lhe foi sempre sagrada.

Concluido o seu curso,urgia escolher um caminho, salientar-se, mostrar a sua superioridade, sem preterir ninguem, defrontando-se com todos, ganhar terreno com os recursos proprios, e conseguiu-o com brilhantismo.

O seu grande amôr pelo estudo, os seus largos conhecimentos facilmente lhe indicaram o caminho a seguir, e com a maior facilidade, passando de discipulo aplicado a professôr escrupuloso, começou transmittindo aos outros, quanto sabia, quanto estudava, com tal criterio, com tão bom methodo, mostrando taes dotes professoraes que em 1857, por doença do professôr da cadeira de Pharmacia, José Tedeschi, o Conselho da Escola Medica de Lisboa escolheu-o para substituir Tedeschi durante o seu impedimento, e com tão grande proficiencia se desempenhou d'esse cargo, que o Conselho lançou em suas actas palavras altamente elogiosas para a sua dignidade profissional.

Em cada um dos seus discipulos, que os teve ás centenas, e que hoje, espalhados por todo o paiz, representam, sem erro, um terço dos pharmaceuticos existentes, tem o dr. Joaquim José Alves um amigo dedicado, uma nova vida, uma reproducção das suas qualidades tão apreciaveis, tão sans que sempre se esforçou por transmittir-lhes.

Não julgo preciso testemunhar factos do conhecimento de todos, e já sobejamente consagrados; mas para dar ás minhas palavras uma auctoridade de que

tanto carecem, citarei a honrosa opinião que a respeito do dr. Joaquim José Alves formava o meu illustre professor dr. Eduardo Augusto Motta, distinctissimamente da Escola Medico Cirurgica de Lisboa, conceito que em carta me foi amavelmente communicado.

Diz o douto cathedratico:

«Abonando a sua proficiencia scientifica ha a registrar o facto de ter sido, como é notorio, o mais afamado explicador de Pharmacia do seu tempo.

«Fui durante 27 annos examinador de Pharmacia, 4 como simples vogal e 23 como presidente do respectivo jury, e tive durante este longo periodo ensejo de observar que ninguem, melhor que o dr. Alves, habilitava para os exames os aspirantes pharmaceuticos que não tendo frequentado o curso da Escola, podiam todavia ser admitidos a exame apresentando entre outros documentos, a attestação de boa pratica passada pelo respectivo pharmaceutico e convenientemente registrada nas Escolas Medicas do continente do Reino.»

Estas phrases, pela auctoridade de quem as profere e pelo cunho de sincera convicção com que são enunciadas constituem a apreciação mais justa e valiosa dos seus merecimentos como professor.

Foi realmente como analysta e como professor que mais se acentuou a sua individualidade, dedicando-se com especial esmero e notavel proficiencia á analyse chimica e toxicologica, exercendo cargos officiaes durante largos annos.

Assim, em 1861, por occasião do fallecimento de El-Rei D. Pedro V e de seus irmãos os infantes D. Fernando e D. João, apesar de ter sido bem comprovada pela autopsia a doença que victimou aquelles principes, circularam boatos de tal gravidade sobre a origens d'essas mortes, que o Governo, entregou, para tranquillizar a opinião publica, a um inquerito judicial a investigação da causa dos fallecimentos.

Nesse inquerito figurou a analyse chimica das visceras, e d'ella foram encarregados os pharmaceuticos Manoel Vicente de Jesus e Joaquim José Alves, indicados como os mais competentes pelos illustres chimicos que faziam parte da Commissão do inquerito, os professores Betamio d'Almeida, Visconde de Villa Maior e José Alexandre.

Pela distincção d'esta escolha se pode avaliar o bom conceito em que já então era tido como chimico analysta.

Como professôr, «foi o mais afamado do seu tempo» di-lo aquelle que com maior auctoridade o podia fazer.

Com effeito, durante 50 annos de leccionação ininterrupta, quantas gerações de pharmaceuticos o dr. Alves habilitou, preparando-os com solidos conhecimentos, atravez das profundas evoluções porque a sciencia chimica tem passado neste periodo, sempre conhecedôr da ultima palavra da sciencia, com uma intilligencia clara, um espirito joven mesmo na avancada idade.

Em 1889, contando 59 annos de idade, concluiu com o maior brilhantismo o curso de medicina, cirurgia e partos, na Universidade de Bruxellas, tendo apresentado como these um notavel estudo sobre os acidos organicos, trabalho que foi traduzido em differentes linguas e que lhe mereceu rasgados elogios de varios sabios, tanto do paiz como do estrangeiro.

Por este producto da sua muita applicação, se pode avaliar a profundeza dos seus conhecimentos e a tenacidade com que procurava illustrar-se.

Salientou-se ainda o dr. Joaquim José Alves na vida publica, occupando na politica papel predominante.

Foi durante varias legislaturas, um dos representantes da capital na Camara dos Deputados, militando ao lado de Fontes Pereira de Mello, e pelos seus discursos, que

se encontram publicados, se vê quanto lhe eram caros os interesses do seu paiz.

Na Camara Municipal de Lisboa, onde por varias vezes desempenhou o cargo de vereadôr, deixou o seu nome ligado a melhoramentos de importancia; e só abandonou a vida politica, quando completamente desiludido, julgou improfiqouos os seus esforços a bem da causa publica.

No tracto intimo era afavel, leal e correcto, conquistando facilmente amigos dedicados, embora a sua apparencia fosse um tanto severa, mas indiscutivelmente possuidôr de um coração em que se esmaltavam as mais sympathicas qualidades e as mais preclaras virtudes, tantas e tantas vezes demonstradas, muito especialmente no seio da familia, onde deixou um vacuo profundo.

Estes predicados, tivemos occasião de os apreciar quando, ha precisamente um anno, em sua caza, lhe entregamos o diploma de presidente honorario d'esta Sociedade.

Não quiz o destino, que por muito tempo exercesse estas honrosas attribuições, fazendo-o em breve desaparecer da nossa convivencia, onde as suas notabilissimas qualidades, encontrarão sempre um echo, lembrando quanto o dr. Joaquim José Alves, era dedicado a Sociedade Pharmaceutica Luzitana, que nelle perdeu um dos seus mais valiosos elementos.

Consultando os annaes da nossa Sociedade, desde 1852, encontrámos o seu nome ligado a todos os acontecimentos que de algum modo interessassem a nossa classe.

Vêmo-lo presidir ás nossas sessões, tomando parte em discussões acaloradas ao lado de Souza Telles, José Tedeschi, e tantos outros; caminhando para os gabinetes dos ministros pedindo melhoramentos e reformas para a nossa classe; vêmo-lo na nossa commissão de chimica, que por largos annos presidiu, e que tão no-

taveis trabalhos levou a effeito, sempre com o maior desinteresse, vizando sómente o bom nome da Sociedade Pharmaceutica ; vêmo-lo emfim, esforçando-se por erigir um edificio proprio, onde a Sociedade se installasse, esforço este que viu coroado do melhor exito e de que tão justamente se orgulhava.

E' para lamentar que vóz mais auctorisada do que a minha não ponha em relevo, em tão solemne occasião, essa vida tão preciosa, que passou deixando apoz si tão luminoso rasto; mas fallar de um homem de tão alto prestimo, é-me tão grato, faz-me como que participar de qualidades tão suas e que não possuo ; é viver um pouco da sua vida, que attrae, fascina, a ponto de não resistir á tentação de aceitar um encargo para o qual sabia de antemão não possuir os dotes precisos ; a sua vida, porém, é tão cheia de factos eminentes, de situações tão brilhantes, que a tarefa se tornou facil, e como veem, uma simples ennumeração de factos, falta do menor colorido, despida de todo o artificio, bastou para pôr em fóco uma personalidade distincta, para ajuizar de uma vida cheia de abnegação, tornando-nos orgulhosos por possuimos entre os nossos irmãos de trabalho um exemplo de quanto pode o esforço humano em face das qualidades excepcionaes com que a natureza dota os seus escolhidos.

Ficam pois ligeiramente esboçados os topicos d'essa vida notavel, que tanto se esforçou e com tão grande exito por nos deixar um nome que nos servisse de estímulo para o trabalho, de bussola nas escabrosidades das luctas a empreehender.

A Sociedade Pharmaceutica Luzitana, sempre prompta a acolher todos aquelles, que proveitosamente trabalhem em prol da classe pharmaceutica, bem prodiga se mostrou para com este seu illustre membro, concedendo-lhe successivamente os diplomas de socio effectivo em 1852, membro honorario em 1860 ; socio

benemerito em 1862; e finalmente elegeu-o seu presidente honorario em 13 de dezembro de 1905, distincção suprema que lhe é dado conceder; e inaugurando neste momento o seu retrato nas salla das suas sessões, ao lado de tantas outras glorias da pharmacia portugueza, mostra que hoje, como sempre, não esquece os seus mortos queridos.

Lisboa 11 de dezembro de 1906.

JOSÉ ALEMÃO DE MENDONÇA CINEIROS E FARIA.

Seguiu-se o sr. professor Antonio Carvalho da Fonseca que disse o seguinte:

Senhores :

Quiz esta benemerita Sociedade depositar na minha humilde pessoa o encargo de fazer, n'esta sessão solemne anniversaria, o elogio historico do nosso fallecido collega Coelho de Jesus, que, com a mais elevada proficiencia e desvelado amor profissional, soube conquistar a estima e consideração da grande familia pharmaceutica.

Quando em 1898, eu recebia o convite para realizar, em igual dia, dentro d'esta Sociedade, uma conferencia sobre *o que tem sido a pharmacia e as relações intimas que a ligam ás sciencias naturaes*, accedi, como agora, a tão honrosa distincção; mas forçoso é confessar, que, neste momento, me sinto verdadeiramente embaraçado, tal é a commoção que se apodera de mim ao lembrar-me das qualidades excepçoes que ornavam o extinto pela rectidão do seu character, pela bondade do seu trato, pelo interesse e boa vontade com que servia a todos aquelles que se lhe approximavam.

Desde 1836, meus senhores, que aqui se tem realisado com a maior regularidade as sessões solemnes anniversarias,

Se compulsarmos a historia d'esta benemerita Sociedade, encontramos gravados em letras de ouro discursos notaveis, não só pelo rendilhado da forma, mas ainda pela profusão dos conceitos com o fim de evidenciar a importancia d'esta Sociedade scientifica, pela sua utilidade ás sciencias naturaes e arte pharmaceutica bem como pelos serviços que ella presta á Humanidade.

Em outras sessões solemnes vultos eminentes teem proferido discursos sentidissimos em homenagem ás virtudes de fallecidos illustres.

Ao lembrar-me d'essas peças litterarias, que tanto fizeram brilhar os seus auctores, redobra o enleio por me sentir desprovido de engenho, motivo porque vos venho pedir a vossa benevolencia para a falta de correcção e elegancia no estylo

Senhores: Ao alvorecer do regimen de Liberdade, sob os auspicios da convenção de Evora Monte, instituiu-se esta benemerita Sociedade, para revindicar os seus direitos até alli abafados sob um jugo auctoritario, despota e vexatorio. Quebrados os laços, quasi por completo, á physicultura, a classe pharmaceutica, pela sua Sociedade, entrou em uma nova phase de aperfeiçoamento.

Grande é o numero de pharmaceuticos, que por aqui teem passado, e numerosos são os que, pelo desempenho de varios logares, qual d'elles o de maior responsabilidade, tem sabido impôr-se á consideração de todos nós pela sua dedicação á honrosa profissão que exercem.

Entre essa pleiade de homens illustres destaca-se naturalmente Coelho de Jesus, pelos cargos que nesta Sociedade occupou e pelos meritos que ella soube re-

conhecer-lhe, investindo-o em todas as commissões até ao espinhoso encargo da presidencia.

Ao lançarem-se os fundamentos d'esta benemerita Sociedade, José Vicente Leitão, na primeira sessão solemne anniversaria de 24 de julho de 1836, interpretando o sentir de todos aquelles que fundaram a sociedade, para a elevar, pediu com instancia que se reformasse o ensino pharmaceutico, ou talvez melhor se organisasse a instrucção pharmaceutica.

Depois as differentes camadas que teem passado pela Sociedade, tiveram sempre o anhélo de que ella possuisse casa propria e quiz a sorte, justa d'esta vez, que fosse sob a presidencia de Coelho de Jesus, que se realisassem estas duas aspirações tão legitimas, tão ale vantadas: a construcção da casa e a reforma do ensino.

E era ver a paternal satisfação com que Coelho de Jesus assistia aos progressos materiaes da construcção da casa, que é nossa, que é de todos os que fazemos parte d'esta benemerita Sociedade, satisfação que não era inferior á que elle sentiria se se tratasse d'uma propriedade sua, exclusivamente sua.

A casa inaugurou-se e viu Coelho de Jesus realisados um dos seus maiores desejos.

E na reforma do ensino? Eu que, como secretario ao seu lado, sempre o acompanhei durante essa quadra, longa mas gloriosa, que precedeu a decretação do ensino actual, posso testemunhar, n'este momento solemne, como sempre tenho affirmado, que a attitude de Coelho de Jesus foi inexcedivel em dedicacão, amor e até sacrificio, concernentes a obter-se para a classe pharmaceutica o Decreto do seu ensino, padrão glorioso na nossa historia e tanto mais glorioso quanto antiga era a ambição de o possuir.

E quando chegou o dia em que foi satisfeita a nossa legitima aspiração, era vêr a alegria juvenil de Coelho de Jesus, alegria franca, sincera e leal por se conse-

guir aquillo por que elle tanto trabalhou, e que muitissimas vezes corria tão mal, que o inicio do desespero em todos nós se patenteava e portanto em Coelho de Jesus, que assim como sentia as nossas alegrias e rejubilava, tambem sentia as nossas tristezas e compungia-se.

E' longa a lista da interferencia de Coelho de Jesus nas coisas da vida pharmaceutica.

Além dos muitos cargos que exerceu, como o de membro da commissão de revisão da pharmacopéa e da commissão do regimento, em regra inherentes ao logar de presidente da Sociedade, de que sempre tão levantadamente se desempenhou, foi com applauso geral Vice-presidente da Commissão de Chimica da Sociedade de Geographia, e em 1898 representou a classe pharmaceutica no Congresso de Medicina, sendo um dos presidentes honorarios, distincção que recebeu da commissão organisadora.

A este congresso apresentou um trabalho sobre a *maneira de evitar a repetição do aviamento das formulas toxicas e remediar a venda de medicamentos em estabelecimentos estranhos á pharmacia*, que foi consagrado pela opinião e provou mais uma vez que Coelho de Jesus era tão erudito ao occupar-se das coisas da sua profissão, sob o ponto de vista superior, como habil artista ao executar a pratica da sua industria e que a elle bem se póde applicar o conceito, encerrado nos dois versos do grande epico:

«Com o braço ás armas feito

«E a mente ás musas dada.»

Tambem Coelho de Jesus fez parte dos corpos gerentes do Monte-Pio Geral, e tal foi a sua conducta, que ainda hoje alli é lembrado com saudade.

Senhores: Começa a Historia a fazer a justiça devida a quem a merece.

A's vezes succede e não é raro, que durante a existencia d'um homem a multidão inconsciente, muitas vezes deixando-se impulsionar por quem não devê, faz sentir-lhe momentos de angustia indevidos; mas quando a tampa do caixão cae sobre o seu cadaver frio, a Historia insuspeita, passa uma esponja sobre injustiças praticadas e ergue á sua devida altura o homem que serenamente aprecia.

Coelho de Jesus que occupou dignamente a presidencia d'esta sociedade; que foi brioso e desvelado amigo da classe que tanto nobilitou; que trabalhou indefectivelmente pelas prosperidades e melhoramentos da familia pharmaceutica, é digno de ser considerado como um dos nossos benemeritos e bem procedeu a Sociedade em inaugurar-lhe o seu retrato, para que, quando a sua memoria desapparecer dos nossos corações, por terem deixado de se contrahir, ella ressaltando da tela que lhe reproduz a imagem, continue perduravelmente a viver nas paginas dos nossos fastos, nas folhas dos nossos annaes.

Disse.

A. CARVALHO DA FONSECA.

Finalmente o sr. Presidente leu o que segue

da Ordem dos Farmacêuticos

Meus Senhores

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que hoje celebra a data da sua fundação, continúa, apesar de antiga, pois conta 70 annos de existencia, a dar provas de grande vitalidade, isto é que tem poderosos elementos de vida. A sua força vem-lhe da maneira dedicada e correcta, porque procura ser util aos seus membros,

que a todos attende: a uns esclarecendo-os sobre pontos de sciencia, em que precisam ser illucidados, e a outros sobre varios assumptos de exercicio profissional.

Este modo de proceder tem-lhe conquistado a estima e consideração da classe pharmaceutica, e tambem das instancias superiores; e é com satisfação que affirmo, que durante o tempo da minha presidencia, devido ao auxilio valiosissimo dos meus collegas da Direcção, e de todos os consocios, esse prestigio manteve-se, sendo sempre uma das nossas preoccupações: conservar o bom nome da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Honrosas são as suas tradições, que é indispensavel não esquecer, porque nos dão o direito de pugnar, respeitosa e sim, mas com a devida altivez, pelo credito e desenvolvimento da pharmacia portugueza.

E, como ha uma questão de alta importancia, de que depende esse desenvolvimento, que na actualidade preocupa a classe, pelo muito que lhe interessa e tambem á saude publica, bem desejava poder dizer-vos que está resolvida.

Mas, visto ser uma causa realmente importante, devemos confiar, estar mesmo certos, de que, num futuro mais ou menos proximo, será satisfatoriamente resolvida.

Sabem os meus collegas que me refiro á reforma do exercicio de pharmacia, que tanto necessita de nova regulamentação.

Devo dizer-vos que a commissão mixta, encarregada d'essa reforma, da qual fiz parte, trabalhou com verdadeira dedicação e independencia, elaborando um projecto, onde não se attendia aos interesses d'este ou d'aquelle, mas unicamente ao bem geral.

Embora esta seja a verdade, nunca os commissiona-

dos se illudiram, e esperaram sempre, que o seu parecer fosse impugnado.

Que lhes importava, porém, isto, se elles só desejavam fazer alguma coisa de util, que ficasse, preocupando-se apenas com o bem da communitade?

Dominados todos por esta nobre ideia, facil foi, a elementos que se julgavam heterogenos, comprehenderem-se logo no iniciamento dos trabalhos, e convencerem-se de que chegariam a bom termo, satisfazendo assim os desejos da maioria dos nossos collegas, e as exigencias publicas.

Com effeito, as felicitações que a commissão recebeu de diferentes pontos do paiz, e que se tornaram conhecidas, em sessões publicas da classe, são, por assim dizer, a confirmação do que fica exposto.

Como sabeis, meus senhores, essa commissão era composta de membros das collectividades pharmaceuticas nacionaes, nomeados segundo uma proposta do nosso illustre consocio sr. Adriano Mourato, e em attenção a um officio da Associação dos Pharmaceuticos Portuguezes.

O seu trabalho foi profusamente distribuido; e se algum pharmaceutico deixou de receber o projecto, foi por extravio ou devido a ignorar-se a sua existencia.

Discutiui-se aqui, nesta casa, em sessões publicas, segundo as resoluções da Sociedade.

Forçoso é, porém, dizer ou afirmar, que essa discussão corria esterilmente; apesar de bastante numero de sessões que houve, pouco se adiantou.

Os incidentes succediam-se uns a outros, e a discussão do projecto, ainda não teria terminado, isto sem exagêro, se a commissão, vendo-se injustamente aggravada, lhe não pozesse termo, indo em seguida communicar ás collectividades que a elegeram a resolução tomada.

D'aqui a causa porque esse projecto passou para a

Sociedade Pharmaceutica Luzitana, que, em virtude de uma proposta do esclarecido socio sr. Ismael Pimentel, convidou as suas congengeres a nomear delegados, que viessem discuti-lo.

Essa discussão realisou-se em sessão de 18 de abril, sendo o projecto approved com modificações, respeitando-se, é claro, a parte que havia sido approved nas sessões de classe.

D'esta forma ficou a Sociedade habilitada a poder desobrigar-se do compromisso que havia tomado para com o sr. Inspector Geral dos Serviços Sanitarios do Reino, que tinha em officio pedido alvitres sobre a melhor maneira de reformar o exercicio da pharmacia, a quem se respondeu, que seria enviado um projecto. Cumpriu-se isto, pois, a Mesa enviou a s. ex.^a, em tempo opportuno, o citado projecto.

O assumpto que estou tratando, já de si melindrossissimo, não melhorou, permitta-se-me a expressão, com a nova phase que soffreu.

Assim o sr. conselheiro Eduardo Jose Coelho, pouco antes de abandonar o poder, nomeou uma commissão encarregada de elaborar um projecto de reforma de exercicio, sendo eu, nessa commissão, o vosso representante.

Causou certa admiração o facto citado, ao qual a Sociedade foi completamente extranha.

Na verdade, não aconselhamos, em tal conjuntura, o passo que se deu, porque podera contribuir, para demorar a melhora de que tanto se carece; e publicamente, em sessão da Sociedade, emittimos a nossa opinião, apenas o caso nos constou.

Não se póde negar que a commissão, excluindo o vosso representante, não seja composta de profissionaes habeis e intelligentes; mas tambem a commissão mixta era constituida por pharmaceuticos não menos intelligentes, não menos habeis, não menos zelosos e não

menos conhecedores das necessidades e dos desejos da classe, e o seu trabalho não... agradou a todos, procurando os dissidentes inutilisa-lo.

Ora, como não será facil fazer coisa melhor, que mais vantagens apresente, é claro (abstrahindo outras considerações que poderia fazer), que o projecto da commissão official será sujeito a grandes criticas, e dará causa a reclamações, que retardarão a solução do problema.

Não se pôde esperar outra coisa, nem será facil harmonisar os combatentes de ambos os lados; e nós mesmo que trabalhámos nos dois campos, se tivéssemos com o nosso voto, de decidir o pleito, resolviamos-lo, sem hesitar, em favor da commissão mixta.

São para ella todas as nossas sympathias, porque os seus membros foram, sem querer, obrigados a penoso trabalho, que se lhes pediu em beneficio da classe, sendo o que mais contribuiu para este sacrificio, quem violentamente procurou todos os meios de que pode dispôr para annullar o citado projecto.

Depois, o projecto da commissão official está prompto, e não agrada mais de certo do que aquelle que resolve sem tibiezas, cathegoricamente, questões que muito interessam á vida pharmaceutica.

Assim as consultas nas pharmacias e a limitação d'estas, etc., etc., tinham, nesse projecto, satisfatoria solução o que não acontece no official.

Diz-se, para combater esses principios, que não devem tolher-se as liberdades individuaes, quando essa liberdade tem limites e não pôde admittir-se nem permittir-se, com prejuizo de outrem.

Aqui, é até prejudicial á maioria dos profissionaes, que se utilisam da faculdade, que a lei lhes concede: poderem estabelecer-se aonde quizerem.

Com effeito não é desconhecido da classe, que o paiz não comporta mais pharmacias; e que os que se

teem esquecido d'isto e estabelecido nos ultimos tempos, vivem, salvo rarissimas excepções, cheios de difficuldades, o que teriam evitado se soubessem esperar pela occasião de poder adquirir qualquer pharmacia, que offerecesse relativas garantias.

Tambem não é menos certo, meus senhores, que as consultas nas pharmacias são um grande onus que ellas teem, e que a sua receita é algumas vezes inferior á despesa; e que, quando ha saldo, este é inferior ao que existiria, se, acabando as ditas consultas, houvesse, como noutros tempos, a devida distribuição do receitauario.

Foi, portanto, um péssimo systema que se inveterou em os nossos costumes e que apenas utiliza a um limitado numero de medicos e pharmaceuticos, sem vantagens sensiveis para os doentes, como se tem mostrado em discussões havidas nesta sala.

Posso, porém, dizer, que conhecedor como estou do pensar da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, defendi, como me cumpria, visto ser seu representante no seio da commissão official, os pontos que ella tem discutido e approved e que satisfaziam as suas justas aspirações.

Quando pois a Sociedade tiver conhecimento do citado projecto, póde discuti-lo desassombradamente, e proceder como julgar mais conveniente.

E' até vantajoso que as diferentes sociedades pharmaceuticas se manifestem sobre elle, habilitando se assim o governo a proceder em harmonia com as necessidades publicas.

Que não serão poucos os obstaculos que se hão de apresentar, sendo preciso para os vencer, um grande desejo de ser util á classe pharmaceutica.

Foi o que aconteceu com a refórma do ensino, e não fosse a vontade firme, energica do nosso Presidente Honorario, sr. conselheiro Hintze Ribeiro, nada se conseguiria.

Repetir-se-ha agora o caso, isto é, encontraremos igual apoio na actual situação?

Não é facil responder a esta pergunta, e só o tempo nos esclarecerá.

O que podemos affiançar é que o illustre chefe do partido regenerador pensava em concluir a sua obra de regeneração da classe pharmaceutica, e que, portanto, tencionava melhorar o exercicio da pharmacia.

E' esta uma questão importante, que a direcção que nos succeder não esquecerá, empregando todos os seus esforços, afim de que seja resolvida satisfatoriamente.

N'outro assumpto de certa importancia teve a Mesa de intervir.

O antigo ministro das obras publicas, sr. conselheiro D. João de Alarcão, no seu decreto de reorganização de fomento agricola, esqueceu-se de que os pharmaceuticos podem cooperar com os agronomos, engenheiros, medicos e veterinarios, em serviços publicos do seu ministerio, porque havendo nas Escolas de Pharmacia cadeiras de analyses bromatologicas e de toxicologia e possuindo portanto os pharmaceuticos, estudos especiaes e desenvolvidos, sobre analyses de substancias alimenticias, devem ser chamados a occupar cargos, para que legitimamente estão habilitados, e que são da natureza dos que foram creados por aquelle ministerio.

Mostrou-se que não ha necessidade de importar chimicos estrangeiros, para analysts ou professores de chimica das escolas industriaes, porque com a criação das novas Escolas de Pharmacia cessou a falta que se dava, e que são os diplomados por estas escolas que devem exercer esses logares,

Ainda a Sociedade teve que se occupar da consulta dos consocios: srs. Gonçalvez, de Villa Nova de Gaya, perguntando se é obrigatorio nas pharmacias livro de registro do receituario, respondendo-se-lhe negativamente, e de José Augusto Carolino, de S. João de Cam-

pos, ácerca de assumptos de exercicio profissional, a quem tambem se respondeu, depois da Sociedade, em sessão, ter a isso habilitado a Mesa.

Se, porém, sobre estas consultas, se resolveu sem ouvir as respectivas commissões, outras consultas houve dos srs. Annibal Dias Saraiva, de Móra, e de José Maria Soares Teixeira, que tiveram de ser enviadas á commissão de pharmacia, afim de as estudar e apresentar pareceres, os quaes foram discutidos e approvados em sessões ordinarias.

Não ficou a Sociedade Pharmaceutica Lusitana esquecida das sociedades scientificas nacionaes, e mesmo de algumas estrangeiras, porque continuaram as boas relações que existem de longa data.

E pela commissão organisadora do congresso internacional de medicina, foi convidada a Sociedade a fazer-se representar no mesmo congresso, tendo eu sido honrado com essa representação.

Como informei a Sociedade, em tempo opportuno, foram dispensadas, ao seu representante, todas as regalias concedidas aos delegados das outras sociedades scientificas, o que bem justifica o credito de que goza a nossa agremiação. E este credito deve manter-se, augmentar mesmo, por isso que os novos diplomados, que possuem uma instrucção variada, e vastos conhecimentos de chimica, não de pelo seu saber e pela sua dedicação á causa pharmaceutica, contribuir para a prosperidade da nossa Sociedade, pagando assim o devido tributo a quem principalmente devem os seus valiosos conhecimentos.

Isto não quer dizer, que esta collectividade não tenha, em todos os tempos, tido socios prestimosissimos, que prestaram elevados serviços á communitade e á sciencia. Este anno perdeu ella alguns de verdadeiro merito,

Assim, em 19 de outubro de 1905, via desaparecer

o seu socio benemerito, conselheiro Marianno de Carvalho, seu antigo secretario, que lhe prestára bons serviços, e que era o pharmaceutico que, em Portugal, mais se havia elevado.

Pertencêra ao curso do conde do Restello e de Anthero da Costa Oliveira, ambos fallecidos ha annos, e que tambem foram bons socios e occuparam elevadas posições.

Marianno Cirylo de Carvalho andava afastado da pharmacia; nem as suas multiplas occupações lhe deixavam tempo para della tratar.

Não se esquecia, porém, de que era pharmaceutico, e estava sempre prompto a attender os seus antigos collegas, e principalmente a Mesa da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, como differentes vezes tive occasião de ver.

Tres mêses depois de perdermos Marianno de Carvalho, fallecia José Bento Coelho de Jesus, que durante largos annos foi nosso Presidente, cargo que conquistou no fim de occupar os logares de secretario da Mesa, e de nelles revellar bastante intelligencia e grande dedicação pela Sociedade. E' claro, que não quero dizer, que fôsse uma intelligencia superior, como Marianno de Carvalho, que possuiu faculdades privilegiadas. Mas era homem dotado de ideias bastante claras, com uma boa orientação, e consciencioso no desempenho das suas funções de pharmaceutico.

No trato era atrahente, gostando-se do seu convivio, e referindo-se sempre á Sociedade Pharmaceutica em termos que bem mostravam quanto lhe era dedicado; e na realidade prestou-lhe muito bons serviços, que não foram esquecidos, como se prova com a inauguração do seu retrato nesta sala, e com o elogio que o esclarecido professor sr. Carvalho da Fonseca acabou de fazer, e ainda com outras manifestações que se lhe promoveram.

Duas coisas, teve elle a grande satisfação de ver resolvidas, durante o tempo da sua presidencia: a reforma do ensino pharmaceutico e a construcção do edificio em que nos achâmos reunidos. Nunca poupou esforços em favor da resolução de tão difficeis problemas aos quaes muitas vezes sacrificou os seus interesses, por isso é justa a homenagem prestada á sua memoria.

E com José Bente Coelho de Jesus, e de mais membros da respectiva commissão, labutou muitissimo para se poder levar a cabo a obra da casa, outro socio benemerito, fallecido em março de 1905, o dr. Joaquim José Alves, do qual fallou o sr. Cisneiros de Faria, esclarecido secretario, que poz bem em evidencia os elevados meritos que possuia tão illustre professor.

Nunca esqueceremos o entusiasmo do dr. Alves, a vontade com que trabalhava e a confiança que tinha no resultado dos seus esforços, sabendo assim dissipar as duvidas, que ás vezes, no começo da campanha, um ou outro membro da commissão apresentava, fazendo portanto com que todos trabalhassem dedicadamente, até se levar á realidade a construcção do nosso edificio.

Bem merece, pois, a homenagem que se presta á sua memoria, que fica muito a quem do que a Sociedade deve a Joaquim José Alves.

Poucos socios lhe teem sido tão afeiçoados, e só conhecemos dois que estão no mesmo plano, e que, como elle, eram seus Presidentes Honorarios: referimos a José Dionizio Correia e José Tedeschi, que tivémos a satisfação de conhecer e de apreciar o muito que valiam.

O dr. Alves era ainda Director da Commissão de Chimica, e, pouco tempo antes do seu fallecimento, mostrou-nos as conclusões e resultados a que chegou numa analyse de quinas, o que tudo attesta, que apesar da sua idade não abandonára o trabalho nem a

sciencia, e que desejava continuar a ser util á Sociedade, visto que a sua ultima producção era para satisfazer a consulta do socio sr. Francisco de Jesus.

Elevou-se pelo seu talento, pela sua honestidade e trabalho constante, e não foi sem grande desgosto que os seus collegas e discipulos o viram desapparecer, não só por perderem um bom amigo, mas tambem devido a reconhecerem que podia, por muitos annos, continuar a ser util aos seus, á nossa agremiação, e a todos que precisavam do seu prestimo, que ainda era grande.

E como se, para a Sociedade e sciencia, não fossem já bastante estas mortes, perdêmo: mais este anno um socio honorario muito conhecido no paiz e no estrangeiro, pelos seus trabalhos analyticos e obras importantes sobre chimica.

Foi professor da cadeira de toxicologia da Escola de Pharmacia de Coimbra, e já por isto sabem os meus collegas, que falo de Santos Silva, que ha annos, num congresso que houve em Coimbra, representou a Sociedade.

Era tambem distinctissimo chimico-analista da 3.^a circumscripção do reino e chefe dos trabalhos praticos do laboratorio chimico da universidade.

Ainda falleceu outro socio honorario, Miguel José de Sousa Ferreira, do Porto, que durante largos annos foi na mesma cidade delegado da Sociedade, prestando nesta qualidade muito bons serviços, e sendo sempre zeloso no desempenho do seu cargo.

Falleceram mais os socios: Antonio Francisco Nogueira, Antonio Manuel Augusto Mendes, Antonio José Martins Pereira, Antonio Pedro Cardoso Alves de Azevedo, Candido Augusto Ribeiro Gonçalves, Francisco Xavier de Paiva, Joaquim Gonçalves de Aguiar e José Fernandes Marques Junior, que deram muitas provas de ser amigos da nossa collectividade.

Não será facil preencher o vacuo, que o desappare-

cimento d'estes collegas deixou; mas, felizmente, para attenuar tão grande falta, entraram, durante o anno, bastantes socios, o que é uma garantia ou affirmação de que a Sociedade possui grandes elementos de vida, que lhe asseguram a sua existencia, para bem da classe pharmaceutica.

E devido a esta circumstancia, a nossa receita foi superior á de 1905, como consta das peças officiaes lidas pelo sr. secretario.

E' me grato dizer, que as vossas commissões se desempenharam bem dos trabalhos de que foram encarregadas e que o nosso thesoureiro continuou a ser zelosissimo no exercicio do seu cargo, devendo se-lhe, em grande parte, o bom estado financeiro da Sociedade.

Devo tambem affirmar, que os nossos bons empregados com o seu muito zelo e amor pela Sociedade, auxiliaram efficazmente a vossa Direcção.

Disse.

F. DE CARVALHO.

O sr. Presidente, ao terminar o seu discurso, foi muito felicitado, assim como haviam sido tambem os outros oradores.

Encerrou-se a sessão quasi ás 11 horas da noite.


O 2.º secretario

JOSÉ A. DE MINDONÇA CISNEIROS E FARIA

da Ordem dos Farmacêuticos

SOCIEDADE PHARMA

Resumo da conta geral da receita e des

RECEITA	
Saldo em 1 de julho de 1905.....	84\$500
Quotas dos socios contribuintes.....	1:115\$400
Diplomas.....	36\$000
Assignaturas do jornal.....	5\$940
Annuncios publicados no jornal	17\$580
	
Réis.....	1:259\$420

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 30 de junho de 1906.

O 1.º SECRETARIO

João Mendes Carreiro

CEUTICA LUSITANA

peza do anno economico de 1905 a 1906

DESPEZA

Impressão do jornal	123	500	
Assinaturas de jornaes estrangeiros.....	10	350	
Contribuições.....	49	600	
Seguro do edificio e da mobilia.....	23	665	
Iluminação e limpeza do edificio.....	25	140	
Ordenado do Escripturnario.....	120	000	
Dito do continuo.....	192	000	
Portes de jornaes, avisos e correspondencia.....	35	590	
Despezas com a cobrança pelo correio.....	19	320	
Ditas de expediente e impressos.....	61	615	
Concerto e aquisição de moveis e utensilios.....	10	360	
Despezas miudas	27	015	
Ditas extraordinarias:			
Quota para o congresso de medicina de Lisboa...	5	500	
Dita para o congresso de chimica em Roma.....	5	000	
Despezas com a sessão solemne de 1905.....	2	420	
Reparos no telhado e na canalisação e bicos de illuminação do edificio.....	16	925	
Aluguel de trens para diversos actos em que a Mesa teve de representar a Sociedade.....	15	500	
Metade da despesa com a impressão do projecto de reforma do exercicio profissional.....	41	775	
Expedição de 971 exemplares do dito projecto...	9	710	96
			830
Amortisação de obrigações.....	250	000	795
Coupons das obrigações, pagos n'este anno.....	208	000	458
			000
			1:253
			065
Saldo para o anno economico seguinte.....			6
			355
Réis.....	1:259	420	

O THESOUREIRO

Antonino Alves Barata

CHIMICA

O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

(Continuado de pag. 234, dezembro de 1906)

Tinhamos ficado, no numero antecedente, de provar que o processo colorimetrico para a dosagem da agua oxygenada não era o melhor, como disse o dr. Alfredo Luiz Lopes.

Não seria preciso dizer mais, porque da leitura dos processos descriptos se comprehende logo que aquelle processo é o mais massador e o que offerece mais dúvidas sobre a sua exactidão; queremos comtudo que fiquem bem scientes os nossos collegas, da verdade do que affirmámos, pelo que accrescentamos mais alguns elementos, deixando muitos outros que tinhamos, mas que não apresentámos para não alongar mais este assumpto, já de si vasto, para melhor confirmar o que dizemos.

Um dos pontos importantes para a verificação de côres em analyses quantitativas, é a vista do analysta, e esta varia de analysta para analysta, não apparecendo os tons com a mesma intensidade, tornando se para muitos imperceptiveis pequenas differenças, o que já tenho visto succeder até com as analyses polarimetricas.

Esta circumstancia é importante e deve ser tida em consideração principalmente por um medico, que sobre isto mais pôde dizer do que nós.

Outra circumstancia que ha a attender, é a côr e a espessura do vidro, que mascaram bastante estas reacções. A espessura da massa liquida, e, portanto, o diametro interior dos tubos e a sua perfeita egualdada influem bastante nos resultados.

A intensidade de luz a que as analyses d'esta natu-

reza são feitas, tem também importancia em analyses quantitativas por este processo, e todos sabem que essa intensidade varia constantemente, e que ha dias successivos com intensidade de luz sempre differente.

No fim de tudo isto ainda se dá mais a curiosa circumstancia, de que, no caso d'algum dos concorrentes ter querido fazer a analyse colorimetrica pelo processo indicado, não poderia fazer senão a approximada, e n'isso ainda ha duvidas, porque no pseudo laboratorio chimico da pharmacia do hospital de S. José não ha, nem havia, o colorimetro de Duboscq, e mesmo que o mandassem buscar emprestado, como fizeram com o calcimetro, á Escola de Pharmacia, também lá o não havia, não obstante alli se terem feito todos os annos dosagens rigorosas do oxygenio activo da agua oxygenada, tendo sido um dos meus trabalhos e do nosso collega Jayme Tavares, que comigo trabalhou em grupo, que juntamente com outros estão na posse da Escola de Pharmacia, em relatorio por nós apresentado.

Julgando esta parte do concurso sufficientemente discutida passamos á prova seguinte.

Como anteriormente dissemos, d'este grupo faziam parte Campos Palermo, Vasconcellos e Albuquerque.

O ponto sahido foi o ensaio do sulfato de sodio.

Este ponto é bastante ingrato, porque o jury recomendo desde o começo, e chegou a fazer insistencia neste sentido, de que os concorrentes só procurariam o que vulgarmente inquina as substancias, tanto pelo lado das impurezas que pudessem conter, por defeito de preparação, como pelas falsificações vulgares que lhes fazem.

Fazer, portanto, o ensaio do sulfato de sodio nestas circumstancias era tarefa facil.

Torna-se-me, porém, difficil estar a fazer apreciações sobre os trabalhos dos meus collegas que tiveram ponto igual ao meu; primeiro porque estive attento ao meu tra-

balho e em sêgundo logar porque não quero estar a estabelecer parallelos entre mim e elles; isso levaria ao espirito de quem nos lê, que poderia haver parcialidade da minha parte, porque qualquer cousa que eu dissesse em seu desfavor vinha directamente em meu beneficio.

Aqui, limito-me a narrar alguns factos, que se deram no decorrer dos nossos trabalhos.

O primeiro a utilizar o apparatus de Marsh, para pesquisar o arsenico, foi o signatario d'estes artigos.

O apparatus de Marsh que nos apresentaram parecia ter vindo d'um ferro-velho. Tanto o tubo de carga e segurança como o tubo abductor atravessavam rolhas de cortiça, que tinham sido recortadas e perfuradas pouco artisticamente, de fôrma que o apparatus não vedava, o que reconheci pelos processos que é de costume uzar, tendo algum trabalho para conseguir pô-lo em estado de poder funcionar.

O tubo abductor era curtissimo, contra o que está estabelecido, e o vidro d'este tubo era do mais fusivel.

Desconhecendo a fusibilidade do vidro do tubo, e querendo obter anneis d'arsenico, caso o houvesse, puz um bico de Bunsen por baixo e a meio do pequeno tubo.

Não obstante os bicos darem uma chamma muito pequena e eu a ter enfraquecido para começar a operação, quando procedia ao ensaio em branco, o tubo começou a vergar vertiginosamente, o que sobresaltou sobremaneira o sr. Silva Machado, que estava proximo, e exclamou:

Oh, Senhor! A isto respondi que não havia novidade, pois que com um vidro d'aquella qualidade com a mesma facilidade com que tinha vergado se endireitaria, desde que se lhe conservasse o calor, e isso fiz.

Este incidente fez convergir a attenção da numerosa assistencia, que se compunha de quasi todo o pessoal

da pharmacia do hospital, sobre o que acabava de succeder, havendo depois apreciações pouco favoraveis para mim, d'alguns individuos que pouco ou nada d'aquillo percebiam.

Ha hoje tubos próprios para o apparelho de Marsh, e para trabalhos muito mais melindrosos do que aquelle, como são os de toxicologia, em que muito trabalhamos, e que supportam tres e mais bicos de Bunsen, muito mais poderosos do que os que estão no hospital, sem que o tubo funda por aquella fórma.

O tubo que puzeram no frasco nunca foi do apparelho de Marsh, mas sim para se poder fazer com elle, aquecendo-o a um bico de gaz vulgar, do systema Bunsen ou ao Maçarico, tubos para a conducção de gazes ou qualquer outra applicação, e não para aquelle fim.

Entendeu o jury que havia de pôr no apparelho de Marsh um tubo do apparelho d'Woulff.

Havia um meio, desde que o tubo era tão fusivel, para se obterem os anneis; era estar o tubo resguardado por uma rêde metallica, assim, e com pouco calor, ainda se poderia fazer alguma cousa, *embora já não seja para a epoca em que estamos.*

Tendo eu feito as observações precisas sobre o caso, disse-me o vogal sr. Machado que obtivesse as manchas n'um bocado de porcellana.

Devem os collegas fazer ideia, com a enorme temperatura a que arde o hydrogenio, o que seria do bico d'um tubo d'estes; que ha tubos com bicos de platina para este fim, mas este não o tinha.

Accendi o hydrogénio, mas a chamma começou a diminuir, devido á fusão do vidro e o bico se começou a cerrar.

No entanto tentei com a porcellana vêr se obtinha manchas de arsenico, não se depositando nenhuma.

Se houvesse simplesmente vestigios de arsenico, por

esta forma não se encontraria, porque já tenho feito analyses toxicologicas, em envenenamentos de animaes, de pequenas proporções e tendo-lhes posto de parte o canal digestivo, em que só depois de $\frac{1}{2}$ hora da incidencia d'um bico de Bunzen forte, e com toda a força da chamma, se consegue vêr uma tenue nuvem no primeiro estrangulamento do tubo, a seguir á dilatação sobre que incide a chamma.

Estes tubos com estrangulamento são os que actualmente se usam, porque offerecem mais vantagens na obtenção das manchas de arsenico ou antimonio.

Tendo procurado os chloretos pelo azotato de prata, e obtendo um precipitado branco d'apparencia caseosa, soluvel na ammonia e insoluel no acido azotico, levou-me isso á convicção de que os havia.

Ora é sabido de todos que estão habituados a fazer analyses chimicas, que quando nos apparece um corpo extranho, que qualquer reagente nos revela, não devemos contentar-nos só com isso, e sim procurar a confirmação da existencia do corpo revelado, empregando todos os meios de que podemos dispôr.

E' por isto mesmo que nos cursos de chimica se exige os varios reagentes de cada corpo, e não só um.

Ora fundando-me no conhecimento que eu tinha de taes indicações, não só pelos livros, mas pela experiencia e pela recommendação de professores abalisados, quiz fazer as reacções que conhecia dos chloretos, e para isso disse ao jury que queria fazer uma reacção a que os mais considerados chimicos ligam grande importancia, e entre elles Achilles Machado, meu saudoso professor, Ferreira da Silva, etc.

Essa reacção é muito facil de fazer, para o que basta simplesmente haver um balão com uma rolha atravessada por um tubo de vidro que communique com um recipiente qualquer contendo ammonia.

Dentro do balão deita-se o corpo que se suspeita conter

chloretos, di-chromato de potassio e acido sulfurico.

Aquecendo depois o balão formam-se vapores vermelhos de chlorhydrina chromica.

Estes vapores vermelhos dirigidos para a ammonia, aquecendo o tubo para que se não condensem, dão-lhe uma côr amarella, devido á formação do chromato d'ammonio.

O liquido que fica dá as reacções dos chromatos.

Imaginem o que respondeu o vogal sr. Emilio Fragosol?

Encolheu os hombros, saccudio a cabeça, e n'um arranco leonino disse com voz vibrante, que aquillo não era para alli, porque eram altas chimicas!!!

A minha situação era bastante critica, porque não fui ao concurso para me divertir nem para fazer o jury passar um mau bocado.

Eu não levava recommendações para os meus collegas, e é mesmo possivel que parte do jury me não visse com bons olhos, por eu ter contrariado, em certas occasiões da vida pharmaceutica, os seus intentos...

Tinha sido prevenido por collegas e condiscipulos que não pensasse em ficar em primeiro lugar, porque já estava destinado quem havia de ser o preferido, ou antes preferidos, para a Santa Casa.

Houve quem dissesse, horas antes da ultima prova do concurso, que ia escrever o nome de quem ficava atraz da porta d'entrada da Escola de Pharmacia.

E esse alguém tinha razões para estar bem informado do que havia, porque está em contacto com os magnates da Mizericordia, e cousas parecidas.

O nosso collega Moraes chegou-me mesmo a dizer quem ficaria, mas não lhe dei grande credito, não obstante me merecer a maior confiança e consideração, porque tudo poderia esperar, menos o que elle me disse.

N'estas circunstancias, não querendo ferir uma pen-

dencia com o jury, o que faria com que mais assirrados se tornassem contra mim, virei as costas ao sr. Frago e continuei nos meus trabalhos.

Quiz investigar se o sulfato tinha iodeto ou brometo, e para isso pedi agua de chloro.

Trouxeram-me uma agua que é provavel que já tivesse sido de chloro, mas que estava incolor, não tinha cheiro a chloro e estava muitissimo acida. Isto é, era um soluto diluido d'acido chlorhydrico.

Reclamei um tanto timido, com receio d'alguma investida, dizendo que aquelle reagente estava incapaz.

Foi o sr. Silva Machado que me attendeu e concordou comigo.

Mandou procurar se havia outra agua de chloro.

Trouxeram outra, mas tambem não estava boa porque tinha forte reacção acida e pouco cheiro a chloro, estava quasi incolor.

Como eu dissesse isto, um individuo que andava trazendo estas cousas, respondeu que a agua estava boa, porque cheirava a chloro.

D'esta vez não me pude conter, e tive que estar a dizer as razões porque affirmava que agua não estava como devia, e a explicar a facil alterabilidade da agua de chloro.

Este reagente deve ser recente e estar bem acondicionado. Não são precisos muitos dias para que o chloro, que é um oxydante indirecto, se combine com o hydrogenio da agua, para que tem extrema affinidade, e se forme ClH.

(Continúa)

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

PEÇAS OFFICIAES

Parecer da Comissão de Chimica sobre uma amostra
de sulfato de quinina, nacional

Senhores:

Por deliberação d'esta Sociedade, foi enviado á Commissão de Chimica um frasco dizendo conter uma amostra de sulfato de quinina, acompanhado de um officio dos srs. Ribeiro da Costa & C.^a, d'esta cidade, com fabrica de saes de quinina na rua Valadares, n.º 6-C, ao Poço do Bispo, a fim de que, depois de analysada, dê sobre ella o seu parecer.

O frasco que continha a amostra encontrava-se fechado com rolha de cortiça, tendo sobre esta uma capsula de estanho, côr carmezim, e gravados os seguintes dizeres: *Laboratorio Chimico-pharmaceutico—Saes de quinina—Ribeiro da Costa & C.^a—Lisboa.*

Apposto ao mesmo frasco encontra-se um rotulo com as designações seguintes: *Sulfato de quinina, fabricado no Laboratorio Chimico pharmaceutico de Ribeiro da Costa & C.^a—Rua Valadares—Poço do Bispo—Escriptorio e Deposito, 150—Rua do Arsenal—Lisboa.*

Aberto o frasco e procedendo-se ao reconhecimento das propriedades organolepticas da substancia contida no frasco, verificou-se a existencia de uma substancia branca, crystaes aciculares, sabor muito amargo, inodoro e efflorescente. Tornou-se soluvel na agua quente, alcool e ether, sem residuo.

Pela sua solubilidade podia desde já a vossa Commissão chegar a uma conclusão; mas entendeu proseguir na analyse não só para se certificar do seu grau de pureza, como ainda avaliar dos processos de prepara-

ção, que tantas vezes concorrem para que um determinado producto appareça inquinado de outras substancias por deficiencia no methodo empregado na extracção dos principios activos.

Começou, pois, a vossa Commissão por determinar a humidade e as cinzas, estando aquella dentro dos limites normaes e estas nullas, concluindo-se, por este facto, que não contem substancias mineraes.

Foi em seguida tratada a amostra do sulfato de quinina pela agua acidulada, com acido sulfurico, que não denunciou a presença de corpos gordos, sulfato de calcio e fecula.

Tratada pelo alcool a 60° e fervente dissolveu-se completamente não accusando, portanto, a existencia de saes mineraes, corpos gordos, assucar de leite e fecula.

Submettida a amostra a acção do acido sulfurico concentrado, o sulfato de quinina não se córou, mostrando assim a ausencia de assucares e da salicina.

Entendeu ainda a vossa Commissão pesquisar a cinchonina e a quinidina, que muitas veses acompanham os saes de quinina, devido aos defeitos de preparação. Para esta verificação agitou-se o sulfato de quinina com o ether, dissolvendo-se totalmente, não contendo, pois a cinchonina e a quinidina.

D'aqui conclue a vossa Commissão e é de parecer que a amostra do sulfato de quinina, fabricado no Laboratorio Chimico-pharmaceutico de Ribeiro da Costa & C.^a, constitue o sulfato de quinina *chimicamente puro*, tal como é exigido para os usos medicos.

Lisboa e sala da Commissão de Chimica em 25 de Janeiro de 1907.

O Presidente da Commissão

ANTONIO CARVALHO DA FONSECA.

RAUL LUPI NOGUEIRA.

Vogaes { JOSÉ A. DE M. CISNEIROS E FARIA.

JAYME TAVARES.

Quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

EM 30 DE JUNHO DE 1906

Protector

Sua Magestade Fidelissima El-Rei o Senhor D. Carlos I.

Presidente honorario

Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro—Lisboa.

Benemeritos

Agostinho Sisenando Marques—Lisboa.

Alfredo da Silva Machado—Lisboa.

Dr. Carlos Augusto May Figueira—Lisboa.

Eduardo Julio Janvrot—Rio de Janeiro.

Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro—Lisboa.

Joaquim Urbano da Veiga—Lisboa.

José Ribeiro Guimarães Drack—Lisboa.

Honorarios nacionaes

Adolpho Frederico Möller—Coimbra.

Alberto da Costa Veiga—Lisboa.

Antonino Alves Barata—Lisboa.

Antonio Joaquim Ferreira da Silva—Porto.

Dr. Antonio Xavier Pereira Coutinho—Lisboa.

Augusto Simões d'Abreu—Lisboa.

Carlos Ritcher—Porto.

Dr. Eduardo Augusto Motta—Lisboa.

Emilio Silvestre Dias—Lisboa.

Francisco de Carvalho—Lisboa.

Francisco Ferreira da Silva—Porto.

Francisco da Fonseca Benevides—Lisboa.

Francisco Maria Supico—Ponta Delgada.

- Dr. Guilherme José Ennes—Lisboa.
 Isidoro da Fonseca Moura—Porto.
 João Maria Holtremann do Rego Botelho de Faria—
 Lisboa.
 João Mendes Carreiro—Lisboa.
 José Pedro Estanislau da Silva—Lisboa.
 D. José de Saldanha Oliveira e Sousa—Lisboa.
 Dr. Julío Augusto Henriques—Coimbra.
 Luiz Antonio Rebello da Silva—Lisboa.
 Manuel Nepomuceno—Porto.
 Nuno Freire Dias Salgueiro—Porto.
 Vicente José de Seica—Coimbra.

Honorarios estrangeiros

- Mr. A. Andouard—Nantes.
 Mr. Alfred Rich—Paris.
 Mr. Arthur Petit—Paris.
 Mr. Bussy—Paris.
 Carlos von Bonhorst—Lisboa.
 Charles Lepierre—Coimbra.
 Mr. Eusébe Ferrand—Paris.
 Dr. Francisco da Silva e Castro—Pará.
 Henrique Picard—Brest, França.
 Dr. Hugo Mastbaum—Lisboa.
 Mr. I. Léon Soubeiran—Paris.
 João Francisco Alexandre Blanco—Rio de Janeiro.
 D. João José Villar—Salamanca.
 Dr. D. Joaquim Cassan—Valencia.
 José Praxedes Pereira Pacheco—Rio de Janeiro.
 L. T. de Nobéle—Gand, Belgica.
 Dr. D. Luis Bartual—Valencia.
 D. Luis Góngora—Barcelona.
 Luiz Rieddel—Rio de Janeiro.
 Dr. Manuel Thomaz dos Santos—Rio de Janeiro.
 Dr. D. Nicolás Ferrer y Julve—Valencia.
 Tristão de Sá Cheven—Rio de Janeiro.

Effectivos

- Abilio Raul Frazão—Lisboa.
 Albino Antonio Freire d'Andrade—Lisboa.
 Adelino Ferreira Bairrão Ruivo—Lisboa.
 » de Moura Santos—Lisboa.
 Antonio Alberto Marques—Lisboa.
 » Baptista Cabral—Lisboa.
 » Bento Coelho de Jesus—Lisboa.
 » Carvalho da Fonseca—Lisboa.
 » Cesario d'Almeida Alves—Lisboa.
 » Corrêa Pinheiro—Lisboa.
 » da Costa—Lisboa.
 » Diniz d'Abreu—Lisboa.
 » Ferreira—Belem.
 » Ferreira—Lisboa.
 » da Fonseca Pinto—Lisboa.
 » João Rosa—Lisboa.
 » José de Paiva Nogueira—Lisboa.
 » Maria da Gama Junior—Lisboa.
 » » Martins de Jesus—Lisboa.
 » Ribeiro d'Albuquerque—Lisboa.
 » Silva—Lisboa.
 Armando de Campos Palermo—Lisboa.
 » Arthur da Costa Lima Grijó—Lisboa.
 » Augusto Cesar—Lisboa.
 » Humberto Camacho Rodrigues—Lisboa.
 » José Carlos d'Oliveira—Lisboa.
 » Pereira da Silva—Lisboa.
 » Ribeiro dos Santos Viegas—Lisboa.
 Auralino Gonçalves—Lisboa.
 Aurelio Leonardo do Rego—Lisboa
 Bernardo Dias—Lisboa.
 Caetano José da Silva—Lisboa.
 Candido Augusto da Encarnação Santos—Lisboa.
 Carlos Augusto de Carvalho—Lisboa.

- Carlos Costa Carvalho—Lisboa.
 » Eugenio da Silva Carvalho—Lisboa.
 » Leopoldino de Abreu de Lima e Sousa Cordeiro—Lisboa.
 Cesar Alves d'Azevedo Pires—Lisboa.
 Conde do Restello—Belem.
 Cyrino da Silva—Lisboa.
 Diogo José da Encarnação Carvalho—Lisboa.
 Domingos Estanislau da Silva—Lisboa.
 » Francisco da Silva Nogueira—Lisboa.
 Eduardo Ferreira d'Oliveira e Silva—Lisboa.
 Emilio Agnello Ramos Rosa—Lisboa.
 » Augusto de Faria Estacio—Lisboa.
 Ernesto Gonçalves da Rocha e Castro—Lisboa.
 » dos Santos—Lisboa.
 Fausto Cardoso de Figueiredo—Lisboa.
 Felisberto Augusto Lopes—Lisboa.
 Fernando Augusto Callado Nunes—Lisboa.
 Fernando Mendes Pereira—Lisboa.
 Filippe Pereira de Mattos Miranda—Lisboa.
 » Ribeiro Chaves Meyrelles—Lisboa.
 » Valladas Preto—Lisboa.
 Francisco Cortez—Lisboa.
 » Carlos da Costa—Lisboa.
 » José Carneira—Lisboa.
 » José da Costa—Lisboa.
 » Luiz Nobre Sobrinho—Lisboa.
 » Mendes Gomes—Belem.
 Gaspar Maria do Nascimento—Lisboa.
 Germano Justiniano de Sousa—Lisboa.
 Henrique d'Oliveira Franco—Lisboa.
 Ismael Tristão Pimentel—Lisboa.
 Izidoro Marques Baptista—Lisboa.
 Jayme da Costa Tavares—Lisboa.
 Jayme José da Costa—Lisboa.
 João d'Assumpção Ferreira Veiga—Lisboa.

Centro de Documentação Farmacêutica
 da Ordem dos Farmacêuticos

- João Augusto Bezelga—Lisboa.
- » Carlos Alberto da Costa Gomes—Lisboa.
 - » Damaso Pires—Lisboa.
 - » Francisco de Jesus—Lisboa.
 - » Francisco d'Oliveira Junior—Lisboa.
 - » Francisco Tavares—Lisboa.
 - » Gregorio Ferreira—Lisboa.
 - » José da Costa—Lisboa.
 - » Maria Lopes—Lisboa.
 - » Maria Pereira—Lisboa.
 - » de Mattos Casaca—Lisboa.
 - » Paiva da Costa—Lisboa.
 - » Victorino Vieira—Lisboa.
- Joaquim Antonio Vaz Leirinha—Lisboa.
- » José Caetano Castella—Lisboa.
 - » Duarte Ferreira—Lisboa.
 - » Maria Correia—Lisboa.
 - » Marques de Sousa—Lisboa.
 - » de Mattos Alves Christovão Pinheiro—Lisboa.
 - » Pedro de Moraes—Lisboa.
 - » Quaresma de Moura—Lisboa.
 - » Vieira da Fonseca Junior—Lisboa.
- Jorge de Mendonça—Lisboa.
- José Abilio Ferreira Junior—Lisboa.
- » Alemão de Mendonça Cisneiros e Faria—Lisboa.
 - » Antonio da Costa Junior (Dr.)—Lisboa.
 - » Augusto Pancada—Lisboa.
 - » Bento de Almeida—Lisboa.
 - » Bento Rodrigues—Lisboa.
 - » de Mattos Cid—Lisboa.
 - » Maria Pereira Ferraz—Cintra.
 - » Feliciano Cardoso Alves d'Azevedo—Lisboa.
 - » Ferreira Fazenda—Belem.
 - » Ferreira da Silva—Lisboa.
 - » João Balthazar—Lisboa.
 - » Maria de Jesus Reya Campos—Lisboa.

- José Maria Monteiro Macedo—Lisboa.
» Maria Soares Teixeira—Lisboa.
» Martinho Nunes Junior—Alcochete.
» Nunes—Lisboa.
» Pereira Rodrigues—Lisboa.
» Vicente das Neves—Lisboa.
- Leopoldo Todi Gonçalves—Lisboa.
Luiz Pinto Leão d'Oliveira—Lisboa.
» José Botelho Seabra Lopes—Lisboa.
- Manoel Adriano Mourato Vermelho—Lisboa.
» Cordeiro Manso—Lisboa.
» da Fonseca Morato Godinho—Lisboa.
» Fernandes Cruz (Dr.)—Lisboa.
» Fernandes Pessoa—Lisboa.
» dos Reis Gonçalves—Lisboa.
» Martins Pinheiro—Lisboa.
» Pereira Guimarães—Lisboa.
» Peres—Lisboa.
» Pinheiro Cardoso—Envendos.
» Valente Serrano—Lisboa.
» Vicente de Jesus Abrantes—Lisboa.
- Mario Hugo da Costa Santos—Lisboa.
» Judice de Oliveira—Lisboa.
- Matheus Soares das Neves—Lisboa.
Maximiano de Sousa Ferreira Leitão—Lisboa.
Paschoal José de Moura—Lisboa.
- Pedro Augusto Ferreira da Silva—Lisboa.
» Augusto Franco Junior—Belem.
- Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles—Lisboa.
Raul Lupi Nogueira—Lisboa.
Rodrigo Gonçalves Bentes—Lisboa.
Rodrigo da Silva Ramos—Lisboa.
Sebastião Dias Braga—Lisboa.
» Vito Abreu da Silva—Lisboa.
- Seraphim Pires Coelho David—Lisboa.
Thebar d'Oliveira—Lisboa.

Venancio Firmino de Sampaio—Bemfica.

Correspondentes nacionaes

Abilio Ignacio Rosa—Castanheira de Pera.

Abel Augusto Proença—Trancoso.

Abilio Augusto Simões—Recarei.

Adelino Pedroso Barreto—Idanha-a-Nova.

Adolpho Raul Rebello da Fonseca—Vendas Novas.

Agostinho José dos Ramos—Porto.

Alfredo Faustino d'Andrade—Porto.

» Machado da Silva—Villa Franca do Campo.

» Theodoro Simões Manso—Villa do Avellar.

» Victor Baptista Alves Salvado—Covilhã.

Alvaro Maximo de Sousa Freitas Sampaio—Batalha.

Annibal Dias Saraiva—Móra.

Angelo Abrantes Pereira Morão—Zebreira.

Anastacio Rodrigues Portella—Ancião.

Anthero Augusto Leal Marques—Alemquer.

Antonio d'Almeida Oliveira Matta—Rio Maior.

» Augusto Vieira—Ponta Delgada.

» Baptista Alves de Lemos—Porto.

» Bernardo de Miranda—Arruda dos Vinhos.

» Braz Branco—Cadaval.

» de Sousa Pedroso—Covilhã.

» Coelho Baleiro—Amarelleja.

» Domingos Alvim—Braga.

» Duarte Maneira—Aldeia Gallega do Ribatejo.

» Epiphanio da Franca—Alcobaça.

» da Fonseca Simões—Thomar.

» Gomes Duque—Cabo Verde.

» Ignacio Piçarra—Beringel.

» Joaquim Cardote—S. Lourenço do Bairro.

» Joaquim Rosado e Silva—Elvas.

» José d'Araujo—Carapinheira do Campo.

» José da Costa—Lisboa.

» José Dias—Villa Nova de Portimão.

- Antonio José Pimentel—Valle Passos.
- » Manoel Alves—Belmonte.
 - » Maria Fernandes—Covilhã.
 - » Martins Vidigal Salgado—Benavente.
 - » Mendes Lopes—Cascaes.
 - » de Pina e Oliveira—Beato Antonio.
 - » Rosado Caieiro—Reguengos.
 - » Soeiro—Ferreira do Zezere.
- Arnaldo Augusto Caldeira—Povoia de Santa Iria.
- Arthur Zuzarte Pitta—Sines.
- Augusto Maximo de Oliveira Freitas—Poço do Bispo.
- » Mendes Leite—Taveiro.
- Aureliano José Santos Viegas—Coimbra.
- Bellarmino dos Santos Barata—Fundão.
- Bento Cesar Pereira—Villa Franca de Xira.
- Bernardo Rodrigues Ventura—Loanda.
- Bruno da Silva Lomba—Ponte de Lima.
- Candido Ferreira da Motta—Evora.
- Carlos Julio Martins Pereira—Merceana.
- Carlos Monteiro Torres—Benguella.
- Carlos Pereira Campeão—Alcobaça.
- Cesar Augusto de Fontes Simões—Torres Vedras.
- » Romano Baptista—Setubal.
- Cosme do Carmo Cardoso—Porto.
- Custodio Heitor—Carcavellos.
- Eduardo Augusto Marques Perdigão—Olhalvo.
- » d'Almeida Victoria—Fundão.
 - » Augusto Pereira Pimenta (Dr.)—Porto.
 - » Ribeiro—Linda-a-Velha.
- Elysio Augusto Maria d'Andrade—Tocha.
- Emygdio Gonçalves d'Azevedo—Aldeia Gallega do Ribatejo.
- Emygdio de Sá Xavier de Magalhães—Certã.
- Ernesto de Castro—Porto.
- Estevão Gomes—Anciães de Baixo
- Feliciano Castilho de Almeida—Fundão.

- Fernando Augusto da Paixão—Elvas.
 » Pimenta—Luso.
 Filippe Gomes Vieira—S. Vicente de Cabo Verde.
 Firmino Antonio Sotto Maior Raposo — Pernambuco.
 Florencio Pereira Garcia—Bombarral.
 Fortunato Rocha da Fonseca—Condeixa-a-Nova.
 Francisco Candido Barbosa—Rio Maior.
 » Cardoso Ayres Pinheiro—Fayal.
 » Costa—Belmonte.
 » Ferreira Simões Brandão—Santo Antonio da
 Cachoeira. Brazil.
 » de Paula Rebello—Angra do Heroismo.
 » d'Oliveira Sousa Pombeiro—Porto.
 » de Sousa Gomes—Villa Nova de Portimão.
 » José d'Amorim—Foz do Douro.
 » José Gomes Carmello—Estremoz.
 » José da Rosa Correia—Campo Maior.
 » Julio Tavares de Magalhães—Porto.
 » Lopes Pereira—Azeitão.
 » Manoel da Silva Alegria—Santo Antonio de
 Convallescença.
 » Prophyrio Albano Gonçalves—Salvaterra de
 Magos.
 » de Salles da Guerra—Borba.
 » Simões da Guia—Lisboa.
 Frederico Albino d'Araujo Leite—Mirandella.
 Hermenegildo das Neves e Sousa —Albergaria das Dôze.
 Henrique Eduardo Nunes dos Santos—Pará.
 Humberto da Cunha Corrêa—Horta, Fayal.
 Hygino Antonio da Silva—Villa Nova de Gaya.
 Jayme Guimarães de Almeida—Porcalhota.
 João d'Almeida e Sousa Junior—Vianna do Castello.
 » Baptista da Silva Mattos—Cabo Verde.
 » Baptista Ribeiro da Cunha—Fermil de Basto.
 » Fernandes da Cruz—Tavira.
 » José Pereira Leal—Pico de Regallados.

- João Mendes da Fonseca—Beja.
- » Mendes Lopes—Cascaes.
 - » da Rocha Lemos—Angra do Heroismo.
 - » Rodrigues de Noronha Junior—Azambuja.
 - » Simões de Castro e Costa—Figueira da Foz.
 - » Torres Pinheiro—Thomar.
 - » dos Santos Duarte—Benguella.
 - » Vellasco Galliano—Loanda.
 - » Vellez Trindade—Portalegre.
- Joaquim Albino Fernandes—Beira, Moçambique.
- » Augusto Jorge da Silva—Tortuzendo.
 - » Baptista Alves de Lemos—Porto.
 - » Calixto da Silva Guedes—Cartaxo.
 - » Evaristo de Almeida—Coruche.
 - » Fiel Figueiras—Lagoa.
 - » Fernandes Paulitos—Reguengos.
 - » Fernandes Teixeira—Santa Cruz da Trapa.
 - » Jesus Cardoso Sousa—Maiorca (Figueira da Foz).
 - » Mendes Corrêa—Coruche.
 - » Pereira Cardoso—Villa das Vellas, S. Jorge.
 - » da Silva Gomes—Belem.
 - » da Silva Teixeira—Pinhel.
 - » Vaz Agostinho—Vizeu.
 - » Vieira da Silva—Alcantarilha.
- José Antonio Filippe de Proença—Peniche.
- » Antonio Lobo de Carvalho—Vidigueira.
 - » Antonio Vieira Alves—Lisboa.
 - » Antunes de Sousa—Souzellas.
 - » Augusto Lopes do Rego—Chão de Couce.
 - » Augusto Carolino—S. João de Campo.
 - » Augusto Piteira Falcão—Montemór-o-Novo.
 - » Augusto da Costa e Salles—Mealhada.
 - » Adelino da Costa Faria—S. Thomé.
 - » Dordio Rebocho Paes—Cano.
 - » Elysio Mendes Alves—Torrozzello,

- José Ferreira de Mattos—Ilha do Principe.
- » Francisco da Silva—Beja.
 - » Gonçalves Bandeira—Faro.
 - » Ignacio—S. Thomé.
 - » Joaquim Duarte Imaginario—Chamusca.
 - » Juvenal Pinto Soromenho—Seixal.
 - » Maria da Costa Villela—Paços de Ferreira.
 - » Maria Martins—Guarda.
 - » Martins da Costa—S. Pedro de Cintra.
 - » de Mattos Casaca—S. Braz d'Alportel.
 - » de Mello Alves Brandão—Coimbra.
 - » das Neves Pereira da Cruz—Peniche.
 - » Patrocínio d'Oliveira—A Dos Francos.
 - » Pedro Dias—Ourique.
 - » Pedro Xavier Rodrigo—Castello Branco.
 - » Pereira Chaves—Aldeia da Ponte.
 - » Ribeiro Lopes—Lagos.
 - » da Silva Fortes—Gavião.
- Julio Carlos Gonçalves—Vinha da Rainha.
- Lazaro do Ó Oliveira—Olhão,
- Luiz Antonio da Costa—Vidigueira.
- » Gomes da Silva—Angra do Heroismo.
 - » Gonçalves Casco—Reguengos.
- Manoel Alves de Sá—Villar do Paraizo.
- » Augusto Annes—Dondo.
 - » da Conceição Rocha—Vianna do Alemtejo.
 - » da Costa—Sobral do Mont'Agrazo.
 - » Euzebio de Souza—Angra do Heroismo.
 - » Duarte Ferreira—Rocio de Abrantes.
 - » das Dores Tello da Fonseca—Porto.
 - » Evangelista Junior—Almodovar.
 - » Ferreira da Cunha—Ilhavo.
 - » Ferreira Geraldés—Aldeia Gallega do Ribatejo.
 - » Ferreira da Motta Ferraz—Abrantes.
 - » Francisco Charráz—Aldeia Nova de S. Bento.
 - » do Livramento Pires—Ponte de Sôr.

- Manoel Joaquim Charrua—Olivaes.
 » José Fernandes Costa—Coimbra.
 » Maria Vieira—Alverca do Ribatejo.
 » Nunes—Coimbra.
 » Pereira de Barros—Campo Grande.
 » Rodrigues Machado—Mina de S. Domingos.
 » dos Santos Marrazes—Monte de Caparica.
 Marciano Pereira dos Santos Beirão—Lisboa.
 D. Margarida Ayres Malheiros—Bellas.
 Mario de Mesquita Lopes—Cezimbra.
 Maximiano Augusto Rosa de Macedo—Freixcanda.
 Pedro Barneto Nogueira—Sardoal.
 Raul Ferreira Vidal—Estarreja.
 Ruy Lopes—Villa da Povoação.
 Sebastião José Dantas—Loanda.
 Seraphim da Paz Medeiros—Alcacer do Sal.
 Silvestre Maria Lopes—Portalegre.
 Theotonio Alberto Mendes—Angra do Heroismo.
 » Ernesto da Silva e Camara—Capellas, Ponta Delgada.
 Vasco d'Oliveira Duque—Vallada.
 » Sequeira de Moraes—Ponta Delgada.
 Virgilio Augusto de Medeiros Botelho—Ponta Delgada.
 » de Mesquita Lopes—Cezimbra.

Correspondentes estrangeiros

- D. Angel Bellogin—Aguasal, Madrid.
 D. Angel Garrido—Madrid.
 Mr. Augustin Nicot—Paris.
 Mr. Debreux—Bruxellas.
 Mr. Donato Valdez Fuguet—Tocuyo, Venezuela.
 Mr. Emile Gibert—Moulins.
 D. Frederico Gomez de La Mata—Madrid.
 D. Francisco Enriquez—Madrid.
 Mr. G. N. Zaniviano—Athenas.
 Mr. H. Verhassel—Anvers.

- Dr. D. Joaquim M. Salvaña Comas—Barcelona.
D. Joaquim Olmedilla y Puig—Madrid.
D. Juan Gualvento Talegon—Madrid.
D. Juan Pedro Blesa—Madrid.
D. Juan Roiz del Cerro—Madrid.
Mr. Louis Creteur—Bruxellas.
D. Luciano Garrido—Madrid.
Manoel S. Soriano—México.
D. Mathias Avilez—Rebledo de Chabelo.
Mr. De Mayer—Bruxellas.
D. Nemesio Lallana—Madrid.
D. Nicolás Gomez Calleja—Madrid.
Mr. O Debeck—Bruxellas.
Dr. Pedro Leite Chermont—Pará.
Mr. Theodore Belval—Bruxellas.
Dr. Vande Walle—Bruxellas.

CHIMICA

Nova reacção do oleo de figados de bacalhau Vreven (1)

O auctor propõe a reacção seguinte, para distinguir o oleo de figados de bacalhau, e convida os seus confrades a experimental-o: misturam-se 5.^{cc} d'oleo com 5.^{cc} d'ether; juntam-se 25.^{cc} d'alcool forte (92 a 98,°); deixa-se depositar; o liquido limpido sobrenadante é vertido em uma capsula de porcellana de fundo chato, e adiciona-se-lhe gotta a gotta acido nitrico fumante (D=1,48).

A' aproximação de cada gotta, produz-se coloração azul fugaz.

E' preciso ter o cuidado de lançar uma grande quantidade d'agua na mistura acima indicada, desde que o

(1) Annales de pharmacie de Louvain.

ensaio esteja terminado, porque esta mistura, que contem alcool, ether e acido nitrico, poderia aquecer e produzir explosão com desenvolvimento de abundantes vapores nitrosos.

O acido iodhydrico na tinctura d'iodo (1)

Na tinctura d'iodo, antiga, fórma-se sempre uma certa quantidade d'acido iodhydrico, que, pela sua applicação, provoca muitas vezes erythemas. Evita-se este inconveniente juntando á tinctura d'iodo um sal de sodio: o borax.

M. Claret aconselha o emprego da seguinte formula:

Borato de sodio.....	2 grammas
Tinctura d'iodo.....	12

Nesta formula o borato de sodio produz, com o acido iodhydrico, o iodeto de sodio e acido borico, ficando um e outro em solução.

O borato de sodio sendo mais insolúvel no alcool, deposita pelo repouso no fundo do frasco.

G. NASCIMENTO.

Centro de PHARMACIA
da Ordem dos Farmacêuticos
oleo de ricinos em pó

Segundo uma patente allemã, obtem-se uma mistura pulverulenta, contendo proporção assaz consideravel d'oleo de ricinos, operando da seguinte fórma: precipita-se a caseina d'um litro de leite, ja privado da sua materia gorda; exprime-se até que não contenha

(1) La clinique

mais do que 70 p. 100 d'agua; juntam-se 5 c. cubicos d'um soluto de carbonato de sodio ao decimo, depois 40 grammas de assucar de leite e finalmente 80 grammas de oleo de ricinos; sécca-se no vacuo e pulverisa-se.

(*Repertoire de Pharmacie*).

G. NASCIMENTO.

VARIÉDADES

O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Sômos obrigados, por absoluta falta de espaço, a retirar, deste numero, o artigo do nosso distincto collega sr. Armando de Campos Palermo, em que responde a um periodico da classe, e continúa a afirmar o seu saber, e a honrar o nosso jornal, porque tem, realmente, revelado qualidades muito apreciáveis.

Vê-se que as Escolas de Pharmacia começam a produzir pharmaceuticos de bastante valor, o que é para os seus professores uma gloria, e para nós todos motivo de satisfação.

O artigo será publicado em o numero immediato; que nos desculpe o seu auctor.

Sulfato de quinina nacional

Ha muito, desde julho de 1906, que foi quando nos chegou ás mãos um frasco de sulfato de quinina, que desejávamos visitar a fabrica, onde actualmente se prepara este producto. Só, porém, ultimamente nos foi possivel realisar o nosso intento, que nasceu da vontade que tínhamos de nos esclarecer, para dissipar umas pequenas duvidas que haviam feito nascer em o nosso espirito.

Isto não dizia respeito á qualidade do sulfato, que

nos agradou muito; reconhecendo que o estrangeiro não era melhor, e que, portanto, não devíamos hesitar em contribuir com o nosso parecer, para que elle fôsse introduzido nos usos medicos do exercito.

Depois, os bons credits que já gozava o Laboratorio de productos chimicos e pharmaceuticos dos srs. Ribeiro da Costa & C.^a, dirigido pelo nosso collega sr. José Pereira Rodriguez, pharmaceutico serio e muito considerado na classe, pela sua probidade moral e scientifica, eram garantias de que o producto seria sempre bom, isto é, igual á amostra que tínhamos obtido, e que submettemos ao nosso exame.

O resultado dos ensaios a que procedemos não podia ser mais satisfatorio, o que tudo contribuiu, para podermos prestar á industria nacional o pequeno serviço que citámos.

A preparação do sulfato de quinina portuguez, é, incontestavelmente, uma honra para o nosso paiz, e presta um bom serviço aos cultivadores de quinas das nossas colonias, porque toda a quina consumida na fabrica é das colonias portuguezas.

Era, pois, natural o desejo que tínhamos de ver a fabrica em laboração, desejo que augmentou, quando a casa Ribeiro da Costa pediu á Sociedade Pharmaceutica que lhe mandasse analysar o seu sulfato de quinina. O bello resultado da analyse, feita pela commissão de chimica --que o sulfato é chimicamente puro--, veio dar razão ao nosso proceder.

Quando se discutiu o parecer da commissão, em sessão da Sociedade Pharmaceutica, se incommodo de saude nos não prendêsse em casa, teriamos dito então que a visita que fizemos á citada fabrica, nos deixou as melhores impressões.

Está numa casa ampla, com boas accomodações, tendo uma ponte propria de embarque, pois o edificio, do lado sul, é batido pelas aguas do nosso formoso Te-

jo, o que é de uma grande vantagem para o estabelecimento—situado na Rua Valladares, ao Poço do Bispo—por facilitar a conducção dos seus productos para o mercado de Lisboa, ou d'aquelles de que carece para a sua laboração.

O nosso collega e consocio Pereira Rodriguez, da melhor vontade nos mostrou a fabrica, prestando-nos os devidos esclarecimentos, até aonde isso era possivel.

Bem sabia o illustre pharmaceutico que eramos incapazes de nos servir das informações, que podessem prejudicar a casa, em que tão amavelmente eramos recebidos; mas não estranhámos a sua reserva, em alguns casos, porque era própria do cargo que tão proficientemente exerce. Começámos a nossa visita, vendo o aparelho em que a casca de quina é convenientemente preparada, para ser submettida á acção de um soluto alcalino, e lá estava grande quantidade devidamente impregnada de soluto, e já no enxugadouro proprio.

Depois vimos as machinas hydro-extractoras, que estavam funcionando, e portanto extrahindo quinina.

Tambem vimos depositos de certa grandeza, onde o sulfato de quinina se separa da agua, já devidamente purificado; e daqui passa para vasos em que crystallisa.

Não poucos kilogrammas de sulfato de quinina havia nestas condições. Dos crystallisadores mudam-no para a estufa, que é bastante ampla, onde entrámos e estava bastante sulfato a seccar. Aqui, na estufa, encontrámos um modesto empregado, sr. Aurelio de Mattos, (que estava verificando se podia retirar-se o sulfato), que o nosso collega nos apresentou, como um habil preparador, e que é auxiliar valiosissimo, porque já havia trabalhado na antiga fabrica Luso-Africana.

Este prestante empregado, que era amigo do nosso collega Rodriguez, muito influiu para que elle fizesse ver aos proprietarios do Laboratorio, srs. José de Sousa Gomes Coelho e Silverio Antunes Ribeiro da Costa,

quanto credito adqueririam, não deixando morrer uma industria que muito os honraria e o paiz, porque é limitado o numero de fabricas de sulfato de quinina. A dos srs. Ribeiro da Costa & C.^a parece-nos que é a setima.

O sr. Pereira Rodriguez sente-se feliz pelo apoio que os proprietarios da casa prestaram á sua ideia, comprando o machinismo da antiga sociedade Luso-Africana; e é tambem com muita satisfação que fazemos esta noticia, que mal traduz a boa impressão que nos ficou da visita que fizemos.

E' sabido que no mesmo Laboratorio se preparam muitos outros productos, como por exemplo sabonetes, mercurio, etc. etc., que muito honram o nosso consocio, e justificam a sua competencia e zelo no cargo que lhe está confiado.

F. DE CARVALHO.

NECROLOGIA

Dr. Clemente Pinto

Falleceu este illustre medico, reitor do Lyceu Central de Lisboa, e professor distinctissimo da Escola Medica do Porto.

No seu trato era muito agradável, como tivemos occasião de ver, quando, em 1902, na camara dos senhores deputados se discutiu o projecto de reforma de ensino pharmaceutico, de que o fallecido professor foi relator, e a quem por esta circumstancia, mais de uma vez fallámos.

Prestou bons serviços á nossa causa, por isto, e tambem pelas suas bellissimas qualidades, e ainda porque era um homem novo, é com muito sentimento que registamos a sua morte.

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 26 de Dezembro de 1906

Presidência do Sr. Francisco de Carvalho

Socios presentes: Srs. Francisco de Carvalho, Augusto Simões de Abreu, Aurelio Rego, Felipe Pereira de Mattos Miranda, Domingos Estanislau da Silva, Ernesto de Castro, Jayme José da Costa, Sebastião Victor Abreu e Silva, Ciryno da Silva, Armando de Campos Palermo, Francisco Carlos Costa, Gaspar Maria do Nascimento, Thebar de Oliveira, Mario Hugo da Costa Santos, José Pedro Estanislau da Silva, José Maria Soares Teixeira, Antonio Diniz de Abreu, Paschoal José de Moura, Mario Judice de Oliveira, Fausto Cardoso de Figueiredo, Fernando Mendes Pereira, João Francisco de Jesus, João Francisco Tavares, Antonio da Silva e J. A. Cisneiros de Faria.

Não tendo podido comparecer o sr. João Mendes Carreiro, 1.º secretario, passou a exercer este cargo o sr. Cisneiros de Faria, 2.º secretario, sendo convidado Armando de Campos Palermo a desempenhar as funções de 2.º secretario.

Aberta a sessão, foi lida a acta da sessão de 28 de novembro de 1906, sendo approvada.

O sr. 1.º secretario leu a correspondência, na qual havia uma carta da viuva do fallecido collega dr. Joaquim José Alves, declarando que offerecia as obrigações que possuia da Casa da Sociedade, que opportunamente enviará, e duas medalhas que o nosso ex-consocio tinha obtido durante o seu curso de medecina na Belgica, pelos seus brilhantes trabalhos escolares.

Sobre esta carta fala o sr. José Pedro Estanislau da Silva, dizendo que tinha tambem recebido uma carta

da viuva do dr. J. J. Alves, em que lhe communicava o desejo de fazer a offerta, acima mencionada, á Sociedade, carta que tinha entregue ao continuo da Sociedade, para a entregar ao sr. Presidente. O sr. Francisco de Carvalho declara não ter ainda em seu poder a referida carta; mas que, tão depressa lhe viesse á mão, a mandaria archivar como valiosa lembrança.

A assembleia delibera, por unanimidade, agradecer á viuva do nosso inolvidavel collega a sua importante e significativa offerta.

São lidos officios da Sociedade de Geographia, Sociedade das Sciencias Medicas, Mealheiro das viuvras e orphãos dos operarios, agradecendo o convite da Sociedade para se fazerem representar na sessão solemne anniversaria.

O sr. Presidente participa á assembleia que está doente o nosso collega sr. professor Antonio Carvalho da Fonseca, motivo porque não podia comparecer nesta sessão.

E', tambem, participado o fallecimento do nosso collega Emilio Agnello Ramos Rosa, approvando-se um voto de condolencias por tão infausto acontecimento, e resolvendo-se officiar á familia do fallecido, participando-lhe o sentimento da Sociedade pelo golpe que a atingiu.

O sr. Fausto de Figueiredo pede a palavra para apresentar uma proposta, que, depois de exposto o seu fim, é considerada urgente.

Esta proposta, que é largamente fundamentada, vem assignada pelos nossos collegas J. da Costa Gomes, Armando Humberto Camacho Rodrigues, Antonio João Rosa, José Francisco Mendes, Mourato Vermelho, Fausto Cardoso de Figueiredo, Paschoal José de Moura, Alberto da Costa Veiga, Bernardo Dias, Antonio José Paiva Nogueira, Joaquim José Vieira da Fonseca Junior, João Augusto Bezelga, Candido A. da Encar-

nação Santos, Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles, Luiz Pinto Leão d'Oliveira, Caetano José da Silva, Mattos Miranda, Thebar d'Oliveira, Eduardo da Cunha Serão, Antonio Bento Coelho de Jesus, Rodrigues da Silva Ramos e Manoel Vicente Serrano.

N'esta proposta pedem os signatarios o auxilio e esforço da Sociedade Pharmaceutica, junto das instancias superiores, afim de ser feita justiça ao nosso collega Silverio Mendes Marques Couceiro, que depois de ter arrostado com o insalubre clima da Guiné, arruinando a sua saude no desempenho da sua profissão e em serviço official, foi exonerado do seu logar, por incapaz de todo o serviço activo, vendo-se o nosso collega n'uma lucta sem treguas com a miseria, como premio da sua abnegação no desempenho dos seus deveres sociaes.

Os signatarios, condoidos do nosso collega, pedem á Sociedade Pharmaceutica Luzitana que envide todos os seus esforços para que seja dada meia reforma e os vencimentos em divida, desde a data da sua exoneração, ao nosso desditoso collega, afirmando assim mais uma vez, a sua nobre missão em prol da classe pharmaceutica.

Esta proposta foi approvada por unanimidade.

E' lido um officio, de uma commissão da Liga Nacional Contra a Tuberculose, participando a sua constituição, para levar a effeito uma Exposição de Hygiene, por occasião do IV Congresso da Liga Nacional Contra os Tuberculosos, que se realisará de 4 a 9 de Abril de 1907, e pedindo a coadjuvação da Sociedade para aquelle effeito.

Pede a palavra Armando de Campos Palermo, que faz a seguinte consulta á Sociedade:

1.º

Que quantidade de iodeto mercurico é preciso para saturar 10 gram. de azeite esterilizado, e quaes os cui-

dados e condições em que se pôde fazer essa saturação?

2.º

Ha alguma incompatibilidade entre o soluto de tartrato de potassio e de ferro e o Licôr de Fowler? Se ha, de que natureza é?

3.º

Que processo se deve seguir para a esterilisação dos solutos d'ergótino, sem prejuizo das suas propriedades physiologicas?

4.º

Qual o melhor processo de esterilisar solutos aquosos de cacodylato de gayacol, sem que se decomponham?

5.º

Que processo se deve empregar para a esterilisação de empolas de chloreto mercurico, motivo por que se devem esterilisar as empolas d'aquelle anti-septico, e justificação de preferencia do processo indicado?

O consulente pede que as commissões deem os seus pareceres, á maneira que torem concluindo o trabalho, sobre qualquer dos quesitos.

O sr. Presidente declara que vae mandar a consulta para a commissão de chimica, ficando resolvido que esta, peça o auxilio da commissão de pharmacia, nos pontos que forem de sua competencia.

Passa-se á ordem da noite. Eleição dos corpos gerentes da Sociedade, para o proximo anno de 1907.

O resultado da eleição foi o seguinte:

1.º

Presidente

João Mendes Carreiro 23 votos (eleito)
 José Pedro Estanislau da Silva.. 1 voto

Vice Presidente

José Pedro Estanislau da Silva.. 22 votos (eleito)
 Silva Machado 1 voto
 Augusto Simões d'Abreu 1 »
 João Mendes Carreiro 1 »

2.º

1.º Secretario

Ernesto da Rocha e Castro 22 votos (eleito)
 Fernando Mendes Pereira 1 voto

2.º Secretario

Armando de Campos Palermo . . . 23 votos (eleito)
 Fernando Mendes Pereira 1 voto
 João Francisco de Jesus 1 »

1.º Vice-Secretario

Fausto Cardoso de Figueiredo . . 22 votos (eleito)

2.º Vice-Secretario

José Bento d'Almeida 24 votos (eleito)

3.º

Thesoureiro

Antonino Alves Barata 25 votos (eleito)

Vice-thesoureiro

Luiz Pinto Leão d'Oliveira 24 votos (eleito)

Centro de Documentação Farmacêutica
 da Ordem dos Farmacêuticos

Bibliothecario-Archivista

José Maria Soares Teixeira. . . . 24 votos (eleito)

Vice-Bibliothecario-Archivista

Domingos Estanislau da Silva . . . 24 votos (eleito)

4.º

Commissão de chimica

1.º operador: Antonio Carvalho
da Fonseca 24 votos (eleito)

2.º operador: Raul Lupi Nogueira 24 » (eleito)
Fernando Mendes Pereira 1 voto

3.º operador: José Allemão de
Mendonça C. de Faria 23 votos (eleito)

Substituto

Jayme da Costa Tavares 24 votos (eleito)

5.º

Commissão de Pharmacia

Filippe Pereira de M. Miranda.. 21 votos (eleito)

Ernesto da Rocha e Castro 19 » (eleito)

Manoel Adriano M. Vermelho . . . 23 » (eleito)

Jayme José da Costa 1 voto

Fernando Mendes Pereira 1 »

João Francisco de Jesus 1 »

Substituto

Aurelio Leonardo do Rego 23 votos (eleito)

6.º

Commissão de Redacção

Francisco de Carvalho 21 votos (eleito)

Fernando Mendes Pereira 22 » (eleito)

João Mendes Carreiro.....	21	»	(eleito)
Fausto de Figueiredo.....	1	voto	
Mourato Vermelho.....	1	»	
Jayme José da Costa.....	1	»	

Substituto

Gaspar Maria do Nascimento.... 23 votos (eleito)

Terminada a eleição pede a palavra o sr. Francisco de Jesus, afim de expôr um estudo seu sobre o Licôr Arsenical de Fowler.

O sr. Presidente observa ao sr. Francisco de Jesus que tinha sido dado para ordem da noite a eleição dos corpos gerentes, e que s. ex.^a podia ter falado antes da ordem da noite, como fizeram outros collegas, se tivesse vindo mais cedo, não se oppondo, comtudo, a que falasse, desde que a assembléa assim o entendesse.

Foi consultada a assembléa sobre se podia falar o sr. Francisco de Jesus, e o seu parecer foi favoravel ao nosso collega.

O sr. Francisco de Jesus faz umas ligeiras observações sobre a orientação que a Sociedade Pharmaceutica deve tomar, para tornar a classe pharmaceutica mais unida e obter mais proficuo resultado do seu trabalho. Em seguida faz uma larga exposição do seu estudo sobre o licôr de Fowler, citando estudos feitos sobre aquelle preparado pharmaceutico em diferentes nações, não sendo possivel aqui dar rigorosamente a noticia sobre tudo o que disse o nosso collega, por ser difficilmo acompanhá-lo no seu discurso; mas foi convidado pelo sr. Presidente a mandar, por escripto, á Sociedade o resultado dos seus estudos sobre o referido medicamento.

A'cerca deste assumpto usou da palavra Campos Palermo, que pediu algumas explicações ao consocio Francisco de Jesus sobre a differença de propriedades phy-

sicas e chímicas entre o anhydrido arsenioso, vitrico e o porcellanico, respondendo o nosso collega que só tinha visto como esses anhydridos se comportavam no caso da manipulação do Licôr de Fowler.

Encerrou se a sessão ás 11 $\frac{1}{2}$ da noite.

Pelo 2.º secretario.

ARMANDO DE CAMPOS PALEIMO.

CHIMICA

O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia

(Continuado da pag. 40)

Um dos membros do jury d'este concurso, que parece, que vae tendo pouco agradaveis impressões das consequencias produzidas, veio deffender a honra do convento, querendo provar que não houve combinação de frades com freiras, para o que ameaça fazer cousas extraordinarias, *dôa a quem doer.*

Começa a sua defeza em termos que lhe são proprios, e já muito conhecidos, tornando obscuro, complicado, difficil de perceber, o que expõe. Costume antigo.

Por estas poucas palavras e pelo conhecimento que os leitores tem das pessoas que faziam parte do jury, logo todos põem o dedo no sr. Emilio Fragoso; e alguns até já terão dito, que o presidente do jury, grande amigo do sr. Fragoso, o foi chamar para fazer parte do jury, com o fim d'es'te vir depois quebrar lanças em defeza da obra que se havia de levar a effeito. Isto sem malevolencia...

Vamos dizer alguma cousa sobre a desastrosa justi-

ficação d'esse membro do jury, que em vez de se defender se culpa mais e a seus companheiros.

O sr. Emilio Fragoso tendo falta de argumentos capazes para defender o jury, deturpa o que eu escrevi, transcrevendo trechos, que dependem d'outros, para reproduzirem o sentido do auctor, que d'aquella fórma ficam incompletos e incompreensíveis. Outros, ainda, escreve-os completamente de fórma differente á que eu escrevi.

Será uma rabulice admissivel nos periodicos politicos, mas acho tal procedimento desleal e, portanto, pouco proprio, em questões scientificas.

Provarei, como de costume, o que digo.

Transcreve o sr. Fragoso o seguinte trecho :

«Os pontos de chimica foram patentes aos concorrentes 20 dias antes do 1.º dia de provas.»

Mas não transcreve a parte onde digo que, os pontos de pharmacotechnia que os senhores tinham tirado d'um formulario da Santa Casa, que ainda não tinha sido distribuido aos pharmaceuticos fornecedores, e da existencia do qual a maioria dos concorrentes não sabia, o qual foi dado a alguns por empenhocas, não foram conhecidos senão na occasião; isto é, só se conheceram os que sahiram. E como o sr. Fragoso me obriga a ser mais franco e a expôr melhor os factos direi ainda, claramente, que o programma trouxe os pontos com taes disposições, embora não indicasse quaes das provas seriam tidas em maior consideração, porque os pharmaceuticos, que se queria que ficassem, não estavam aptos a executar os trabalhos de chimica, sem um espaço grande de tempo, que os habilitasse a isso, ao passo que os de galão branco os iriam fazer sem difficuldade.

Com as provas de pharmacotechnia succedia o contrario. Havia probabilidades dos de galão branco as não executarem com tanta facilidade porque, segundo a opi-

não do sr. Fragoso, aquella classe não dá profissionaes. Tudo para este homem é tão imperfeito!

Ora aqui tem o que o seu procedimento, me obrigou a dizer.

O sr. Fragoso bem vê que tudo isso não pode ser traduzido pelo trecho que transcreveu, e que o sentido era completamente diferente, como se deprehendia da leitura do trecho, com os seus complementos.

Outro ponto importante da deteza do *empergaminhado* collega, com sua licença, é afirmar que tinha sido amavel para com certos concorrentes, dizendo no seu jornal que estes, não obstante terem apresentado melhor documentação, foram preteridos por que o concurso era de provas praticas!!!

O senhor Fragoso chama a isto amabilidades, mas eu chamo-lhe uma exautoração. Mais valia calar-se do que dizer amabilidades d'estas, porque se tornava mais amavel.

A sciencia dos concorrentes, com mais documentos de valor scientifico, e entre elles o tal de grandes doctes d'intelligencia e saber, está nos papeis...

Isso é bom para *jornalistas*.

O sr. Fragoso sabe bem que o collega Abilio Frazão já deu provas publicas da sua competencia profissional em concurso, incomparavelmente mais importante do que este, e foi mais classificado, do que o foi agora, para aviar o 315 e o 318 do formulario da Santa Casa.

Com relação ao superior que foi bater á porta de um jornal e lh'a fecharam, é simplesmente falso.

O que esse superior póde provar ao sr. Fragoso, é que tinha mais do que um jornal, para tratar da questão, mas que não os quiz utilizar, por motivos que direi, e entre aquelles está a gazeta de pharmacia.

Os collegas hão de achar graça a isto: mas é um facto ter-me um collega de toda a probidade, da intimidade do sr. Fragoso e da minha, participado que o

mesmo sr. Fragoso lhe dissera que tinha o seu jornal á disposição de quem quizesse escrever alguma coisa com relação ao concurso...

Da minha critica ás provas do primeiro grupo tira o sr. Fragoso as seguintes conclusões:

1.º Que os concorrentes precisavam palmatoria (no fim de tudo isto ainda pancada!...) por não terem titulado os solutos graduados.

Ora palmatoria e umas orelhas de papelão, precisava o sr. Fragoso em dizer uma coisa d'estas.

Eu pergunto-lhe, qual é mais importante em analyse, a verificação d'um soluto titulado ou a verificação da pureza dos reagentes com que se trabalha?

E algum dos concorrentes fez essa verificação, incluindo o meu collega e amigo Mario Judice d'Oliveira?

Além da dosagem do Oxygenio activo da O^2H^2 , tinham os concorrentes do 1.º grupo de lhe procurar as impurezas, fazer as reacções características e o relatório, em que naturalmente implicava um calculo para a determinação dos volumes de O.

Se o jury queria que os concorrentes fizessem os solutos titulados dissesse isso e não lh'os fornecesse.

E' assim que se faz em toda a parte.

Na 2.ª conclusão, diz o sr. Fragoso que eu escrevi *que um dos candidatos fóra perguntar a um dos membros do jury, se a galheta de Mohr, que pediu e lhe deram, estava graduada até á torneira!*... e accrescenta o sr. Fragoso — como se tal pergunta devêsse fazer-se, etc.

Eu não escrevi isso, leia melhor. O que eu escrevi, foi isto:

Que o collega Frazão tinha deixado que o liquido se esvasiasse por completo.

N'esta altura, e quando Abilio Frazão se dispunha a tornar a encher a galheta, visto ainda se não ter dado a viragem no copo onde estava a O^2H^2 , um dos can-

didatos dirigindo-se ao vogal Silva Machado, perguntou-lhe se as galhetas da casa eram graduadas até á torneira; e não escrevi a galheta que pediu e lhe deram, o que já muda todo o sentido, porque quem disse isto ao sr. Machado foi um dos candidatos que não estava prestando provas, para lhe chamar a attenção, para o que o concorrente Frazão acabava de fazer, visto estar todo o jury distraído, pensando talvez no final das bodas.

O sr. Frágoso diz que eu entérro os concorrentes, ao passo que o digno membro do jury lhes quer dar palmatoadas; mas eu sou obrigado a apontar todos os erros que sei, assim como as correções de trabalho, para ser imparcial e para se estabelecerem depois parallelos

O sr. Emilio Frágoso queria que dissésse que andavam todos bem, menos o sr. Oliveira, quando eu não costumo levantar questões, que me sejam pouco proprias, nem tão pouco deprimir qualquer concorrente, porque vi em todos, collegas probos e trabalhadores.

Quem andou peor no concurso foi o jury, do principio ao fim, como estou provando e continuarei a provar. O que aqui escrevo é com o assentimento de todos os concorrentes, porque, certamente, até os preferidos me acompanham em sua consciencia?!

— Não duvidámos.

Passo a agradecer ao sr. Frágoso ter tido a lembrança de me responder, porque muito me coadjuva no trabalho de pôr bem a descoberto a farçada deste concurso, que, aliás, é a imagem e semelhança da maioria d'elles.

Uma das cousas que o sr. Frágoso traz em meu auxilio é a copia exacta do programma.

Uma das condições do concurso é a seguinte:

Para a prova do ensaio de medicamentos, todos os candidatos deverão comparecer no local indicado, pelas

12 horas da *manhã* do dia 2 de Novembro, onde aquelle que pela ordem alphabetica ficar em primeiro lugar, tirará á sorte um dos dez seguintes pontos, *o qual todos immediatamente executarão* procedendo ao ensaio com relação, apenas á pesquisa das substancias que geralmente inquinam o medicamento etc.

Esta disposição foi letra morta, e a sua alteração fez tomar ao concurso um rumo completamente opposto.

A dita disposição do programma, visava nitidamente, a que todos os concorrentes executassem a mesma prova de chimica, para assim se fazer um confronto entre as aptidões, reveladas pelos concorrentes, n'uma operação chimica igual.

Não se importou o jury com o programma, e entendeu dividir os concorrentes em 4 grupos, promovendo assim 4 trabalhos de chimica differentes, de fôrma a estabelecer a confusão nas apreciações, por os trabalhos serem muito differentes no seu valor.

Que responderá o collega de *berrantès galões* a isto?

Naturalmente que os concorrentes eram muitos e se não podiam vigiar bem os seus trabalhos.

E' isto que me consta, que tem dito o jury.

Fraca desculpa, para escangalhar um programma tão desalmadamente.

Na Misericordia esperavam que concorressem mais de 50 pharmaceuticos, concorreram apenas 11, por ter constado que o logar já estava dado, e o jury achou muitos os concorrentes !!!...

Se esperando tanta gente se fez aquelle programma, com tão pequeno numero melhor o podiam cumprir.

—Não foi o programma alterado pelo jury só nesta parte. Foi-o em toda a linha.

Assim, as provas praticas de pharmacotechnia deveriam começar a ser prestadas no dia 26 e seguintes, por grupos de 2 candidatos.

Nestas provas entraram os candidatos em 2 grupos de 3 e um de 4, portanto, formaram 3 grupos.

Nas provas que o programma mandava executar ao mesmo tempo houve 4 grupos, e nas que mandava fazer em grupos de 2 organisaram 3 apenas.

E isto é gente que diz ter feito justiça.

Basta o respeito que houve pelo programma para se avaliar o résto.

Era melhor acabar com estes concursos, para evitar os sacrificios pecuniaros e de trabalho que o estudo acarreta, e haver escolas para ensinar a arranjar empenhos, a adular vaidades, e a captar sympathias pelos processos mais aperfeiçoados.

Emquanto á pilula que o sr. Fragoso tem na garganta, por haver pharmaceuticos a que denomina de galão branco, dir-lhe-hei que foi um dos taes de galão branco que preparou, em aproximadamente 20 dias, os dois pharmaceuticos que estão na Misericordia, para irem ao concurso, e que fizeram pasmar V. Ex.^a pela competencia que mostraram; e que são exclusivamente os pharmaceuticos de galão branco que teem lecionado os alumnos de pharmacia, desde que os exames estão mais difficeis, alcançando por vezes triumphos; e foi ainda a este seu creado, de galão branco e dos mais obscuros, que se dirigiam alguns dos concorrentes para os preparar a lá ir, o que não fez por tambem concorrer, e teria sido mais uma graça, se me tivesse prestado a isso, vêr os meus discipulos mais classificados do que eu.

Emfim, a Deus nada é impossivel, e o sr. Fragoso, que é deista, sabe-o bem.

Vendo me obrigado a responder ao artigo do sr. Fragoso, publicado na Gazeta de Pharmacia, julgo te-lo feito de modo a destruir quanto n'elle affirmava, e desculpe o habil collega esta refrega, mas não é só prégar moralidade, é preciso tambem pratica-la.

Pelo seu artigo, sobre o regulamento de serviços pharmaceuticos da Misericordia, vejo que está alguma cousa penitenciado da irreflexão que teve, mas isto é preciso haver muito cuidado, principalmente da parte de quem se colloca em evidencia.

Estimo as suas melhoras, e até breve.

No proximo artigo continuarei descrevendo os trabalhos do concurso, na sua parte scientifica, para não tornar a questão interminavel.

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

PHARMACIA

Esterillisação da mucilagem de gomma arabica (¹) — Bühner

Todas as pharmacopeias fazem preparar a mucilagem de gomma arabica dissolvendo a gomma a frio na agua. Ora a mucilagem assim obtida é muito alteravel e azéda rapidamente; é o que se observa no julepo gommoso, que toma depressa um mau gosto. Para pôr em evidencia esta alteração, basta expôr, durante algumas horas, uma mistura d'agua de flôres de laranjeira com mucilagem de gomma arabica; o liquido torna-se absolutamente inodoro.

Esta alterabilidade é devida a oxidase — que contém todas as gomas arabicas, oxidase que se caracteriza facilmente por meio da tinctura de guaiaco, recentemente preparada, que toma côr asulada.

A mucilagem perde a sua alterabilidade logo que é aquecida; a duração da acção do calôr varia segundo as gomas, mas gomma alguma contém oxidase capaz de resistir a um calor prolongado durante meia hora.

(¹) Journal suisse de pharmacie.

Com a mucilagem aquecida, não se observam as incompatibilidades apontadas, e a agua de flôres de la ranjeira adicionada de mucilagem conserva o seu cheiro.

A mucilagem esterilisada torna-se opalescente, mas, como é menos viscosa, filtra-se muito facilmente; o *filtratum* é menos turvo, mas conserva ainda uma ligeira opalescencia.

**Preparação rapida do elixir parégorico
por Forget (1)**

Para se preparar o elixir parégorico, sem a demora de muitos dias, como indicam os formularios, tomem-se as proporções do acido benzoico, essencia d'aniz e camphora prescriptas, e façam-se dissolver em 390 gr.^s d'alcool a 90.º; d'outro lado dissolvam-se a quente 3 gr.^s de extracto d'opio em 260 gr.^s d'agua distillada; junte-se este ultimo soluto á solução alcoolica; deixe-se esfriar e filtre-se. Esta preparação conserva-se sem deposito algum.

G. NASGIMENTO.

BIBLIOGRAPHIA

Formulario dos medicamentos novos

H. Bocquillon-Limousin, doutor em pharmacia, pela Universidade de Paris, publicou, para 1907, o seu formulario de medicamentos novos, que na verdade está escripto com bastante concisão e clareza. Contém esclarecimentos muito uteis, sobre os medicamentos introduzidos recentemente na therapeutica, sem que es-

(1) Repertoire de Pharmacie.

queça os productos importantes descobertos nos annos anteriores, que tambem regista e trata devidamente.

Relativo a todos elles, expõe tão completamente, quanto isso é possivel num formulario, tudo o que convém saber: synomyia, descripção, composição, acção physiologica, propriedades therapeuticas, modo de emprego e doses.

E', pois, um livro util, que continúa a manter os creditos adquiridos, e já muito conhecido entre nós.

VARIÉDADES

ROBERTO DUARTE SILVA

(Continuado de pag. 220, nov. de 1906)

N. 5

Apontamentos biographicos sobre ROBERTO DUARTE SILVA, publicados na Revista Intellectual Contemporanea, sob o titulo—Um sabio portuguez, ROBERTO DUARTE SILVA—e transcripto no Jornal da Sociedade pharmaceutica lusitana de maio de 1888

Entre os portuguezes que, por assinalado merito e por importantes trabalhos scientificos, honram a patria e não a deixam entre estranhos esquecida e ignorada, citaremos o nosso illustre chimico e celebrado professor parisiense o sr. ROBERTO DUARTE SILVA.

Não pretendendo fazer uma biographia d'este nosso illustre compatriota, porque nos escasseiam elementos para isso, limitamo-nos a alguns apontamentos, ha pouco obtidos de um amigo e collaborador nosso.

Nasceu o sr. ROBERTO DUARTE SILVA em 25 de febreiro de 1837, na villa da Ribeira Grande, ilha de Santo Antão, sendo seus paes os srs. Francisco José Duarte e D. Mathilde Rosa Silva.

Tinha o nosso distinctissimo patricio dez annos, quando o seu pae o entregou á direcção de um habil pharmaceutico, recentemente estabelecido em Santo Antão, para praticar na sua pharmacia.

Esse homem honrado e bondoso, que tanta influencia devia ter na vida do futuro chimico, era Antonio Gonçalves de Almeida Rhino.

Logo se distinguio o novel praticante por um incansavel desejo de saber, e um aturado amor ao estudo e, apesar da sua tenra idade, por relevantes serviços prestados durante uma epidemia.

Almeida Rhino, que presentia um brilhante futuro para o seu protegido, mandou-o estudar a Portugal (1854). Esta viagem satisfazia decerto uma das muitas aspirações do estudioso mancebo, retemperava-o de forças e de coragem para continuar na sua carreira, depois do credulissimo golpe que o ferira profundamente, a morte de seu pae.

Chegado a Lisboa, ROBERTO SILVA residiu na pharmacia da viuva Rhino, e seguiu os seus estudos theoreticos debaixo da direcção do conhecido pharmaceutico João José de Sousa Telles.

Um anno apenas, depois de sair de Santo Antão, falleceu alli o seu protector que o não esquecerá, contribuindo — *post-mortem* — para a continuação dos seus estudos, como ultima lembrança de amizade.

Depois de estudar ainda na pharmacia dos srs. Antonio Feliciano Alves d'Azevedo & Filhos, fez com distincção em 1858 (1), o seu exame pharmaceutico, merecendo os louvores do jury, no acto do exame.

Se, porém, uma carreira honrada e um futuro certo sorriam ao distincto moço, era ferido de novo, no mais das suas affeições, pelo fallecimento de sua mãe, que

(1) Foi approvedo com louvor no exame de pharmacia em 21 de março de 1857.

uma epidemia de cholera, dizimando a gente de Santo Antão, ceifara longe d'elle.

Vamos agora encontrar o nosso biographado em Macau, onde se demora tres annos, e em seguida estabelecido em Hong-Kong, de sociedade com um medico francez. Ahi, se um desmedido trabalho lhe permittiu adquirir uma pequena fortuna, uma pertinaz doenca, filha do mesmo trabalho, obriga-o dois annos depois, em 1862, a regressar a Portugal.

Na China, ROBERTO DUARTE SILVA adquiriu muitos amigos entre os francezes que andavam n'esse tempo em Hong-Kong e, por instancias de alguns d'elles, passou a Franca, pouco tempo depois da sua chegada a Portugal.

Em Paris, n'esse grande centro onde tanto abundam os meios de instrucção e de aperfeiçoamento, ROBERTO DUARTE SILVA prosegue com ardor nos seus estudos favoritos. Estuda com WURTZ, LANGLEBERT e DORVAULT, adquirindo geral estima e muita consideração como homem de sciencia e de futuro. Nada é capaz de desviar o illustre moço dos seus estudos predilectos — nem os seus negocios particulares, nem a perda de uma parte das suas economias, sepultadas nos azares d'uma casa de commercio ingleza. Em breve obtem o grau de licenciado em sciencias, e pouco depois é nomeado chefe dos trabalhos de analyse chimica da Escola de artes e manufacturas, e professor da cadeira de chimica e physica industriaes da municipalidade de Paris. Desde então a sua carreira scientifica, como professor e como chimico, tem sido das mais distinctas.

Como professor, tem a palavra extremamente facil e sempre correcta, tornando-se notavel a sua facilidade de allocução elegante e graciosa. Como chimico, entregamos a sua apreciação ao distinctissimo sabio francez o sr. TROOST que, n'um parecer lido á Academia das sciencias de França e publicado nos seus *Comptes-ren-*

de 21 de dezembro de 1885, declara o seguinte:
(Segue o relatorio inserido no doc. n.º 3)

Foi em Paris, no decurso dos seus trabalhos, que uma violenta explosão fez perder ao illustre experimentador o uso de um olho.

Os francezes têm distinguido o nosso compatriota: è membro da Sociedade chimica de Paris e da Sociedade franceza para o adiantamento das sciencias.

A patria tambem não o tem esquecido; é socio correspondente da Academia Real das Sciencias e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Ha dias foi agraciado com o grau de commendador da Ordem de S. Thiago.

Das suas qualidades particulares diremos que, como filho, era a gloria e satisfação de seus paes, que teve a infelicidade de perder tão cedo, mantendo-se intacto o culto e respeito pela sua memoria; como irmão foi sempre dedicado e extremoso, devendo-lhe a educação o sr. Antonio Duarte Silva, hoje distincto pharmaceutico em S. Vicente.

Como homem distingue-se pela sua honradez e probidade de character, pelo seu trato agradável, e pelo tom variado da sua conversação insinuante e instructiva, reflexo de uma brilhante intelligencia e de uma solida instrucção.

E, com todos estes distinctissimos dotes e qualidades, affirma o sr. R. D. SILVA um talento de primeira grandeza, um trabalho constante e meritissimo, um coração limpo e uma consciencia de homem de bem (1).

(*Revista intellectual contemporanea*, n.º 6, pagg. 46 a 48; publicação adstricta ao jornal *O interesse publico*, 1886).

(*Continua*).

(1) E' tambem auctor d'este artigo o mesmo prof. dr. José JULIO RODRIGUES.

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 8 de Janeiro de 1907

Presidencia dos Srs. Francisco de Carvalho e João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Francisco de Carvalho, Armando de Campos Palermo, Gaspar Maria do Nascimento, Ernesto de Castro, José Pedro E. da Silva, José Bento de Almeida, Arthur Lima Grijó, João Francisco de Jesus, Jayme José da Costa e Joaquim Vieira da Fonseca Junior.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 26 de dezembro de 1906.

Em seguida, o antigo Presidente, sr. Francisco de Carvalho, declarou que ao deixar o logar devia agradecer aos srs. secretarios, que faziam parte da Mesa, a cooperação leal, e provas de amizade que sempre lhe deram; e que, por isso, era com saudade que se despedia de s. ex.^{as}, que podiam sempre contar com a sua estima, assim como a Sociedade podia contar com a dedicação de tão illustres membros.

Que agradecia igualmente aos seus amigos a lembrança que tiveram de querer reelege-lo; mas as suas muitas obrigações actuaes, não lhe permittiam aceitar

mais do que o cargo de director da Commissão de Redacção.

Que estaria eleito Presidente o sr. José Pedro Estanislau da Silva, que tão inteligentemente tem exercido o cargo de Vice-Presidente, se s. ex.^a attendendo ao seu estado de saude, não tivesse affirmado que só accetteria o cargo de Vice-Presidente.

Não sendo possivel demovel-o do seu proposito, estava naturalmente indicado o sr. 1.^o secretario, que pelo seu character, intelligencia e amor á Sociedade, tão bem pôde exercer o cargo de Presidente. Que, porém, allegando as suas obrigações, não queria ser eleito, e indicou quem, pelos seus relevantes serviços e saber, deveria exercer tão elevado cargo na Sociedade; mas os seus amigos, que são todos que o conhecem, não attenderam ao seu desejo, e unanimemente o elegeram, o que foi para s. ex.^a uma surpresa, que não podendo, felizmente, allegar falta de saude, e sendo dedicado á Sociedade, attendeu aos rogos que se lhe dirigiram, e por isso era com muita satisfação que ia entregar-lhe o lugar.

A seguir, o sr. João Mendes Carreiro, toma posse do cargo, assim como os de mais funcionarios, agradecendo a prova de consideração e de confiança que lhe haviam dado, que o obrigava a assumir a presidencia, e que faria por corresponder aos desejos da Sociedade pugnando pelos seus direitos.

O sr. Arthur Lima Grijó referiu-se a algumas irregularidades, praticadas no exercicio da pharmacia, offensivas dos nossos direitos, para o que chamou a attenção da Sociedade. Na ordem da noite foi approvada uma proposta do sr. Francisco de Jesus e por este motivo proclamado socio effectivo o sr. Arnaldo Germano de Freitas.

Ainda fallaram sobre uma communicacão do sr. Francisco de Jesus, os srs. Jayme Costa, Francisco de

Carvalho, Estanislau da Silva e Campos Palermo.

Como fossem 11 horas e meia da noite, o sr. Presidente encerrou a sessão.

O 2.º secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Sessão de 29 de Janeiro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Luiz Seabra Lopes, Armando de Campos Palermo, Paschoal José de Moura, José Maria Soares Teixeira, Emygdio Gonçalves de Azevedo, Antonio Carvalho da Fonseca, João Francisco de Jesus e José Pedro E. da Silva.

Não tendo podido comparecer o 1.º secretario, sr. Ernesto da Rocha e Castro, o sr. Presidente convidou o sr. Luiz Seabra Lopes a exercer as funcções de 1.º secretario.

Foi lida a acta da sessão anterior (de 8 de Janeiro), pelo 2.º secretario, sendo approvada.

Em seguida o sr. 1.º secretario leu a correspondencia, na qual estava uma carta do nosso collega sr. Cosme Cardoso e Souza, de Maiorca, Figueira da Foz, em que pede providencias á Sociedade, sobre abusos que se dão no exercicio da pharmacia, em alguns estabelecimentos que menciona.

Depois de varios socios terem falado acerca do assumpto, e se ter visto, que embora justas as reclamações do nosso collega, ellas são a repercursão do que vae pelo paiz fóra, resolveu-se officiar-lhe communicando que ha probabilidades de ser approvada uma lei de exercicio profissional, a qual porá termo aos abusos de que, infelizmente, a classe ha muito está sendo victima.

O sr. Presidente propõe um voto de sentimento pelo

fallecimento do nosso collega Filippe Meyrelles, irmão do nosso consocio sr. João Meyrelles, que foi approvedo por unanimidade; e participou que a Mesa representou a Sociedade no funeral.

Ainda o sr. Presidente informa que o sr. Freitas não accitou o diploma, por não ver nelle o seu nome exacto, quando foi passado exactamente como indica a proposta, resolvendo a Sociedade que fosse archivado.

O sr. José Maria Soares Teixeira propôz tambem um voto de sentimento pelo fallecimento do nosso distincto collega dr. Francisco Ferraz de Macedo. Foi approvedo por unanimidade.

O sr. professor Carvalho da Fonseca lamenta não ter podido comparecer na sessão, em que se procedeu á eleição dos corpos gerentes, pois desejava tambem votar nos collegas que foram eleitos, pedindo para ser exarada na acta esta sua declaração.

O sr. Francisco de Jesus diz ter lido num jornal inglez, que todas as nações tinham entrado n'um accordo internacional, sobre as fórmulas pharmaceuticas, em que deveriam entrar as substancias activas, menos Portugal.

Que esta questão foi levantada pela classe pharmaceutica de diversas nações, e todas ellas deram o seu parecer menos a nossa, lamentando esse facto.

Campos Palermo responde que os inglezes não tem razão nenhuma para nos accusar, pois não recebemos convite de especie alguma, nem sabemos se o governo o recebeu; mas, se o recebeu, é d'elle a culpa, e não dos pharmaceuticos portuguezes; continuando no uso da palavra, diz ter lido o trabalho do sr. Francisco de Jesus sobre o xarope de manná e Licor de Fowler, e que encontrou n'elle varias falhas e erros, o que attribue á rapidez com que o trabalho parece ter sido feito.

O sr. Francisco de Jesus tomou nota dos reparos feitos por Campos Palermo e levou o seu trabalho para o modificar.

Passa-se á ordem da noite: Propostas e pareceres de commissões.

Tiveram 1.^a leitura duas propostas para socios correspondentes, respectivamente assignadas pelos srs. Manuel C. Rocha e Francisco de Carvalho.

O sr. Carvalho da Fonseca lê o parecer da Commissão de chimica, sobre uma amostra de sulfato de quinina, que tinha sido enviada pela casa Ribeiro da Costa & C.^a, apurando-se do trabalho da Commissão que o sulfato de quinina era chimicamente puro. Este parecer foi declarado urgente, por isso entrou logo em discussão, sendo approved por unanimidade.

O sr. Carvalho da Fonseca respondeu tambem, mas vocalmente, sobre as seguintes consultas, que tinham sido feitas por Campos Palermo:

1.^o

Que quantidade de $P^{2}Hg$ é precisa para saturar 10 grammas d'azeite esterilizado, e quaes os cuidados e circumstancias em que se póde fazer essa saturação? Entre o iodeto mercurico e o azeite haverá alguma combinação ou será simplesmente uma mistura por solução?

2.^o

Ha alguma incompatibilidade chimica entre o soluto de tartarato de potassio e ferro e o licôr arsenical de Fowler? Se ha, de que natureza é?

Campos Palermo respondeu ao sr. professor Carvalho da Fonseca que considerava insufficientes os trabalhos feitos, para concluir que entre o iodeto mercurico e o azeite não havia combinação chimica; e não concordou que a quantidade de iodeto mercurico ($0,67$) que o sr. professor Carvalho da Fonseca diz ser o maximo que 100 gr. d'azeite dissolvem, na temperatura que julga mais conveniente, que é de 60° , seja essa na

realidade, pois já dissolveu muito mais que essa quantidade.

Sendo já muito adiantada a hora não poudo continuar a responder ao sr. Carvalho da Fonseca.

Encerrou-se a sessão ás 12^h e 10' da noite.

O 2.º Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Sessão de 26 de Fevereiro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Joaquim Maria Correia, Armando de Campos Palermo, Francisco de Carvalho, Antonio Carvalho da Fonseca, José Maria Soares Teixeira, Luiz José Botelho Seabra Lopes, João Francisco de Jesus, Manoel Adriano Mourato e José Nunes

Não tendo comparecido o 1.º secretario sr. Rocha e Castro, foi convidado a occupar esse lugar o sr. João Maria Corrêa.

Foi lida a acta da sessão de 29 de janeiro de 1907, pedindo a palavra sobre ella o sr. professor Carvalho da Fonseca, para dizer que julgava não estarem bem explicitas as declarações ou apreciações que havia feito acerca d'uma consulta, que tinha sido dirigida á commissão de chimica: approvou-se a acta sem modificação, depois do 2.º secretario ter mostrado que, o que estava na acta, era exactamente o que o sr. Carvalho da Fonseca tinha dito, e que portanto, s. ex.^a se havia equivocado.

O 1.º secretario leu a correspondencia, na qual estava um officio, em que se pedia a intervenção da Sociedade, numa arrematação de medicamentos por

preços muito diferentes dos que são estipulados por lei, facto que se deu em Macau.

Falaram sobre este assumpto varios socios, ficando resolvido officiar-se ao nosso collega, informando-o de que a Sociedade espera ver aquelle e outros casos remediados, com uma lei que regule, e que faça, portanto, cumprir com rigor o exercicio legal da Pharmacia.

O sr. Presidente participa á assembléa a dolorosa noticia do fallecimento do pae do nosso prestimoso collega e thesoureiro sr. Antonino Alves Barata, e que a Mesa representou a Sociedade na funeral. Foi approvedo um voto de sentimento, por tão lamentave facto.

O sr. Francisco de Carvalho agradece os cuidados que a Sociedade teve durante a sua doença.

O sr. Presidente diz que a Mesa cumpriu o seu dever, e que todos se regosijam por verem que está completamente restabelecido.

O sr. Francisco de Carvalho lê a noticia d'um jornal, sobre a reforma d'instrucção superior que vae ser discutida no parlamento, na qual se vê que as escolas de pharmacia ficam ainda sem autonomia administrativa, em contrario com o que fica estabelecido nas outras escolas superiores. Este assumpto foi largamente discutido, e ficou resolvido que a Mesa tratasse, junto das instancias competentes, de obter as mesma regalias para as escolas de pharmacia, que ficam tendo as demais escolas superiores.

O sr. professor Carvalho da Fonseca pede que as noticias das sessões da Sociedade sejam mais completas.

Entrando-se na ordem da noite, tiveram segunda leitura as propostas que dizem respeito aos srs. Bernardino Nicolas Cartolano, para socio effectivo, e Abilio Romão Coutinho, correspondente, sendo em seguida votadas e approvadas por unaninidade.

O sr. Carvalho da Fonseca faz a primeira leitura do parecer da commissão de chimica, sobre a consulta feita pelo socio Campos Palermo.

O sr. Francisco de Jesus apresenta uma proposta, com a nota d'urgente, para ser emendado o nome d'um collega que tinha proposto, afim de lhe adicionar Silva.

Depois de se ter discutido a urgencia, e devido ao adeantado da hora, encerrou-se a sessão eram 11 ¹/₂

O 2.º secretario,

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Acta dá Sessão de 12 Março de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Francisco de Carvalho, Ernesto da Rocha e Castro, Ismael Pimentel, José Pedro Estanislau da Silva, Francisco de Jesus, Paschoal José de Moura, Jayme da Costa, Filipe Pereira de Mattos Miranda e Armando de Campos Palermo.

Lida e approvada a acta da sessão anterior (26 de fevereiro de 1907), pede a palavra o sr. Ismael Pimentel, que declara congratular-se pela eleição dos socios que fazem parte da Mesa, e felicita-os por esse facto.

Em seguida lê varios rotulos, com formulas medicas, despachadas em estabelecimentos que não estão auctorisados por lei a tal fazerem. O sr. Pimentel lembra a grande conveniencia que ha de se montar, devidamente, o laboratorio da Sociedade, não só para cumprimento dos estatutos, mas para trabalhos de interesse collectivo, que nelle se poderão fazer; tanto mais que, agora, com o novo curso de pharmacia, vêm pharmaceuticos bastante aptos para trabalhos chimicos, e com entra-

nhado amor ao estudo, que muito poderão contribuir para o prestigio da classe pharmaceutica.

O sr. Mendes Carreiro agradece as palavras elogiosas que lhe foram dirigidas pelo sr. Pimentel, com referencia á sua eleição, e igual agradecimento faz Campos Palermo.

O sr. Francisco de Carvalho usa da palavra para se referir ao laboratorio, dizendo que numa sessão anterior tinha sido approved, que todos os annos se destinassem 40.000 réis para se ir melhorando o laboratorio; que, por emquanto, não se poderia augmentar essa verba, por causa dos encargos da casa da Sociedade.

Campos Palermo responde, dizendo que com tal disposição, só as gerações futuras veriam o laboratorio capaz de funcionar e manda para a Mesa a seguinte proposta: proponho que se nomei uma comissão afim de estudar o meio de se montar o laboratorio o mais breve possivel.

Esta proposta foi approveda por unanimidade, e foram nomeados para fazer parte da comissão o proponente e os srs. Rocha e Castro e Carvalho da Fonseca.

Foram nomeados socios effectivos os srs. José Valentim, proposto pelo sr. Joaquim Maria Correia, e Luiz Fernandes Martins, proposto por Armando do Campos Palermo, Ismael Pimentel e J. P. Estanislau da Silva.

O sr. Francisco de Jesus apresenta, com a nota de urgente, uma proposta para socio effectivo, sendo admitida a proposta, mas rejeitada a urgencia.

Campos Palermo e os srs. Ismael Pimentel, J. P. Estanislau da Silva e Francisco de Carvalho declaram que rejeitam a urgencia por ser um mau precedente esta alteração dos estatutos, que mandam que as propostas tenham leitura em 2 sessões, e por verem que o sr. Francisco de Jesus não justifica a urgencia, não

tendo nenhum dos socios presentes a minima intenção de melindrar o proponente ou o proposto, affirmando mais o sr. Francisco de Carvalho que talvez não possa comparecer á proxima sessão, mas se estiver presente da melhor vontade approva a proposta.

Teve, tambem, primeira leitura uma proposta do sr. Rocha e Castro, para socio effectivo.

O sr. Presidente declara que está sobre a Mesa um parecer da commissão de chimica, de que é relator o sr. professor Carvalho da Fonseca, mas que este consocio não pôde vir á sessão, por lhe ter adoecido, gravemente, um filho, o que bastante lamenta, ficando toda a assembléa bastante penalizada pelo desgosto soffrido pelo nosso collega e prestavel consocio.

Encerrou-se a sessão ás 11 e $\frac{3}{4}$ da noite.

O 2.º secretario,

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

CHIMICA

O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia

(Continuado de pag. 75)

Tinhamos ficado na questão dos reagentes, que, na sua quasi totalidade, estavam incapazes de servir, devido ás alterações porque tinham passado desde a era dos Affonsinos.

Deixemos o membro das *altas chemicas* debatendo-se na sua ingrata defeza, tratando de tudo enredar, e continuemos.

No 3.º dia de provas, coube a vez aos nossos collegas Paiva, pharmaceutico do quadro do Hospital de S. José, Marlo Judice d'Oliveira e Rosa, tambem pharmaceutico do quadro dos hospitaes.

O ponto que lhes sahiu foi o ensaio do sub-nitrato de bismutho.

Começaram os candidatos os seus trabalhos e, como os outros, luctaram com a deficiencia dos reagentes. O proprio Mario d'Oliveira quiz empregar o sulfocyaneto de potassio, na pesquisa dos compostos de ferro, mas deram-lhe um sulfocyaneto vermelho. Ora, este reagente que denuncia os saes ferricos pela côr vermelha que communica ás suas soluções, não devia ser dado aos concorrentes a não ser que o famoso oraculo da pharmacia portugueza entenda que os concorrentes deviam tambem preparar os reagentes na occasião — porque julgo que o jury, parte, sabia a côr que deve ter aquelle reagente.

Dos pontos tirados, era este o que se prestava para um trabalho de mais effeito; porque, de todos os productos que foram tirados para ponto, é este o que, além das impurezas que pode conter, por defeito de preparação, é vulgarmente falsificado devido ao seu alto preço.

Os concorrentes, depois de pesquisarem varios corpos, tendo todos encontrado o sub-nitrato de bismutho bastante falsificado, foram pesquisar o arsenico por meio do apparelho de Marsh.

Os primeiros que se serviram do celeberrimo apparelho de Marsh foram os collegas Paiva e Rosa. Estes candidatos para fazerem os seus ensaios, viram-se em difficuldades devido á incapacidade do apparelho, chegando o concorrente Paiva a cortar com uma thesoura a ponta do tubo do apparelho para assim sahir o gaz, porque com o calor o tubo fundia logo.

Estes nossos collegas fizeram os respectivos ensaios em branco, como manda a pratica.

O concorrente Mario d'Oliveira, tendo-se demorado nas suas pesquisas, julgou que lhe faltava pouco tempo para a hora em que devia terminar as provas.

Dirigia-se o collega Judice d'Oliveira para a casa, onde se faziam os relatorios, quando o sr. Emilio Fragoso o chamou dizendo-lhe que concluísse o seu trabalho, caso lhe faltasse alguma cousa.

O concorrente Judice d'Oliveira disse que lhe faltava pesquisar o arsenico, mas que lhe parecia estar a hora adelantada e não ter tempo para fazer aquelle trabalho.

O sr. Fragoso disse-lhe que ainda tinha muito tempo.

O concorrente dirigiu-se novamente para a meza de trabalho, afim de fazer o respectivo ensaio com o apparelho de Marsh.

N'esta altura o sr. dr. Alfredo Luiz Lopes, presidente do jury, dispensou o collega Oliveira de limpar o apparelho e de fazer o ensaio em branco.

Por esta forma o sr. Judice d'Oliveira, embora involuntariamente, não fez este trabalho, que n'uma analyse a sério nunca se despreza, e o sr. Fragoso deve-se lembrar de factos bastante lamentaveis para a classe pharmaceutica, que se deram em tempos, por falta do ensaio em branco no apparelho de Marsh.

N'esta especie d'analyse nunca ha que fiar nos reagentes, embora tenham as melhores procedencias.

Dizia um advogado em França, n'uma audiencia em que se tratava d'um envenenamento pelo arsenico: Sr. Juiz! O arsenico está tão espalhado na natureza que da propria casaca de v. ex.^a eu iria tirar arsenico.

O sr. Mario Judice d'Oliveira encontrou bastante arsenico, mas com a analyse feita n'aquellas condições, não podia concluir que fosse do bismutho, embora os culpados d'isso fossem os membros do jury, e n'este caso o mais culpado foi o presidente sr. dr. Alfredo Luiz Lopes.

O collega Mario d'Oliveira fez a distincção das manchas d'arsenico das d'antimonio; mas querendo formar o precipitado vermelho tijolo com o azotato de prata

não o conseguiu, porque esta reacção depende de certos cuidados e de pratica.

Esta reacção faz-se tratando as manchas pelo acido azotico, afim de oxydar o arsenico, mas depois é preciso neutralisar o acido com cautella, o que se costuma fazer com ammonia, passando uma vareta molhada sobre o acido.

A côr vermelha só apparece quando o meio estiver completamente neutro, pois que estando acido ou alcalino o precipitado não tem lugar.

No dia seguinte a estas provas, ouvi dizer a varias pessoas que o unico concorrente que tinha feito bem a analyse do bismutho tinha sido o sr. Mario Judice d'Oliveira.

Respondi a todas essas pessoas que não duvidava que do grupo do sr. Mario Judice d'Oliveira fosse elle o que fizesse melhor a analyse do bismutho; mas que essa analyse tinha sido feita só por tres dos concorrentes, porque aos outros tinham cabido trabalhos diferentes.

Comprehende-se bem porque se espalharam estes boatos, pois o fim, é claro, era ir dispondo as cousas afim de ser bem acolhida a preferencia do candidato Mario d'Oliveira. Não vi o relatorio do nosso collega, assim como não vi os dos outros concorrentes; mas como vi os trabalhos de todos, posso garantir que a analyse do sr. Mario não deu como resultado o apurar todas as impurezas que o bismutho continha, o que nada tambem é para admirar, porque o jury oppunha-se a que se fizesse uma analyse geral.

O nosso collega achou cobre no bismutho.

Peço ao sr. Fragoso que me diga sob que fórma estava esse cobre no bismutho. Era no estado metallico, de sal, oxydo ou qualquer outra fórma?

Tenho a convicção que o sr. Oliveira não deslindou isso.

Tambem me deu que pensar como passado um quarto d' hora das provas, se dizia cá fóra que o bismutho tinha acetato de cobre.

Pergunto tambem ao sr. Fragoso se do relatorio consta que todo o bismutho, que a analyse revelou, estava no estado de sub-azotato.

Tambem desejo que me diga que reagentes foram empregados para a pesquisa do ferro.

Posto isto, e ficando todos sabendo que a analyse do bismutho foi feita só por tres concorrentes, porque aos outros lhes coube corpos differentes, e que portanto não tem fundamento o que se disse, que de todos os concorrentes só um fez a analyse do bismutho bem, vamos dizer alguma cousa a respeito do concorrente Brandão, que tem o curso superior pela Universidade.

Este nosso collega fez a sua prova de chimica sósiinho, porque compareceu mais tarde, por motivo de doença, que justificou com attestado.

De todos os concorrentes foi este o que melhor trabalhou.

Este nosso collega fez uma analyse ao sulfato de magnésio, corpo que tirou em ponto, o mais completa possível, em tão pouco tempo. Tendo feito algumas reacções, e vendo que o sulfato de magnésio apresentava muitas impurezas, resolveu fazer uma analyse geral, não lhe tendo chegado o tempo porque era impossivel.

Quem está costumado a vêr trabalhar em chimica é que pode avaliar quem trabalha *sabendo o que faz*.

O nosso collega Brandão trabalhou com toda a pericia, mostrando conhecer de perto o que estava fazendo.

Se nós fôssemos do jury teriamos classificado o sr. Brandão em primeiro lugar, porque foi o candidato que andou melhor. Andou tão bem que não fez caso dos membros do jury e procedeu a uma analyse rigorosa, em vez de fazer o que elles diziam: procurar só o que vulgarmente inquina as substancias.

O desconcerto do jury foi tão grande, que para os primeiros candidatos não falsificou o corpo, e os outros corpos foram todos falsificados.

Apreciadas, na sua generalidade, as provas de chimica começaremos no proximo artigo a apreciar as provas de pharmacotechnia.

No ultimo numero da *Gazeta* do sr. Fragoso vem um artigo do membro das *altas chemicas*, em que Calino o inspirou, sobre o concurso que temos descripto. Na devida altura terá resposta.

Emquanto ao que s. ex.^a diz de nós precisarmos 30 dias de ponto, para escrevermos cada artigo sobre o concurso, desde já lhe declaramos que estamos prontos a acompanhar s. ex.^a aonde quizer, e perante auditorio concededor do assumpto, a fazer uma ou mais conferencias sobre assumptos de pharmacia ou sciencias annexas, tirados á sorte, dos livros que se usavam no tempo do sr. Fragoso ou dos que hoje se usam, tendo, é claro, o sr. Fragoso de fazer outro tanto, e os collegas depois farão as suas apreciações. A' queima-roupa é que deve ser. Não é com 20 dias de antecedencia.

Parece que os concursos de pharmaceuticos, vão degenerando em concursos de chronicos ou de creados de pharmacia.

Trata-se apenas da parte material, e da parte scientifica não se faz caso.

Façam-se as cousas, embora não haja a consciencia do que se faz.

Isto é certamente o resultado de haver superabundancia de sciencia.

E ainda havia quem andasse a clamar que se creasse um curso especial de pharmaceuticos, só para lentes das Escolas de Pharmacia e cargos officiaes.

Como os tempos mudam!

(*Continúa*)

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

FORMULARIO

Emulssão d'oleo de figado de bacalhau (1)

Carragahen.	10
Agua	500

Ferva a calor brando, durante meia hora, substituindo a agua evaporada; cõe sem expressão, de forma a obter 450 partes de decocto e misture:

Gomma adragantha em pó	1
Oleo de figado de bacalhau	500
Anêthol	2
Ether acetico.....	1
Essencia de amendoas amargas.	0,50

Junte esta mistura ao decocto do carragahen e 50 partes de glicerina.

Agite vivamente.

VARIÉDADES

Leite para diabeticos (2)

O leite, sem assucar, para diabeticos obtem-se da seguinte fórma:

Separa-se pela força centrifuga o creme de que se tira o assucar pelas lavagens com agua.

No leite desnatado precipita-se a caseina pela addição do acido acetico, recolhe-se num filtro, lava-se com agua para extrahir todo o liquido assucarado e redissolve-se o precipitado de caseina em um soluto di-

(1) Pharmacopeia belga.

(2) Pharmaceutisch Post.

luido de soda caustica, mas de modo que o liquido conserve ligeira reacção acida.

A este liquido junta-se um phosphato soluvel, de preferencia o phosphato sodico, em quantidade precisa para impedir a coagulação pela ebulição; depois junta-se um sal soluvel de calcio (chloreto de calcio), um pouco de sal commum, e emfim para assucarar um pouco de cristallose (sal sodico da methylsaccharina).

Ao liquido assim obtido reincorpora-se o creme lavado, que se tinha separado a principio.

Este leite pode ser esterilizado a 100° sem coagular.

Meio rapido de reconhecer vidro neutro

Se o vidro das ampolas, para injecções hypodermicas, é alcalino, póde alterar certos solutos.

Aquecendo em autoclave a 112°, uma ampola contendo soluto de sublimado a 1 0/0, a alcalinidade do vidro manifesta-se pela formação do oxydo amarello ou vermelho de mercurio.

G. N.

ROBERTO DUARTE SILVA

(Continuado de pag. 80)

N.º 6

Noticias sobre

a morte de ROBERTO DUARTE SILVA (1)

N.º 1

Por um telegramma recebido de Paris pelo nosso amigo senhor José Julio Rodrigues, teve-se em Lisboa a triste noticia do fallecimento de ROBERTO DUARTE SILVA.

(1) Commettemos uma falta, mas involuntaria, e só devida a não lermos o Index dos Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto, d'onde transcrevemos estas noticias: — não dizer o nome de quem prestou tão boa homenagem a Duarte Silva.

va, professor de chimica analytica na Escola central de Paris e um dos portuguezes que mais têm honrado no estrangeiro a nossa patria pelo seu trabalho, pelo seu talento, pela sua probidade e pela sua perseverança.

Homem bom e homem de bem, ROBERTO DUARTE SILVA, occupava um logar proeminente na sciencia chimica e seria de certo em poucos annos membro do Instituto de França, se a enorme fadiga, a que se não poupava, para ser um professor modelo e um verdadeiro sabio o não tivesse tão cedo roubado á estima universal e ao affecto de seus amigos. D'elle dizia ha poucos mezes o eminente professor SCHLOESING, que no seu rosto e no seu porte se poderia ver e apreciar o homem perfeitamente probó.

Que a memoria do nosso eminente patricio seja sempre acompanhada na patria que elle sempre acarinhou, pela estima de todos nós que n'elle encontramos, por tão largos annos, um estímulo e um exemplo tão digno de imitação e de registo.

Brevemente será publicada uma biographia d'este homem eminente, honra do nome portuguez.

(*Diario de Noticias*, de 11 de fevereiro de 1889, sob o titulo *Morte d'um portuguez illustre*).

Por noticia telegraphica, recebida ante-hontem em Lisboa, soube-se que falleceu em Paris o notavel chimico sr. ROBERTO DUARTE SILVA, professor da cadeira

Foi o sr. conselheiro A. J. Ferreira da Silva, distinctissimo professor da dita Academia e da Escola de Pharmacia do Porto, e nosso illustre consocio.

Que nos desculpe o douto professor, que deve ter notado a falta, que continuaria a subsistir, se agora não lessemos o citado Index.

de analyse chimica na Escola central d'aquella cidade, onde succedera ao celebre M. DUMAS e para concorrer á qual tivera que naturalisar-se cidadão francez.

Era o illustre homem de sciencia uma das mais distinctas individualidades do professorado scientifico moderno, sendo altamente considerado e respeitado entre os seus collegas, não só pelos seus brilhantes talentos, mas tambem pelas suas apreciaveis qualidades como homem trabalhador, esclarecido e honesto.

O sr. ROBERTO DUARTE SILVA nascera na ilha de Santo Antão, do archipelago de Cabo Verde, onde ainda tem parentes. Ha muitos annos que vivia em França, onde estabelecera um laboratorio, tendo conquistado cedo a mais honrosa reputação pela importancia e alcance dos seus estudos e dos seus trabalhos.

No seu entranhado amor pela sciencia, o sr. ROBERTO DUARTE SILVA fôra agraciado ha dois annos pelo governo portuguez, por honrosa sollicitação do sr. conselheiro Henrique Macedo, com a commenda da ordem de S. Thiago. O anno passado o sr. conselheiro Marianno de Carvalho, penhorado por alguns serviços valiosos pelo benemerito professor prestados ao nosso paiz, offereceu-lhe por intermedio do sr. conselheiro José Julio Rodrigues, um bello relógio de ouro com um monogramma e dedicatoria.

Estes simples factos provam como o illustre professor era considerado e estimado pelos seus collegas de Portugal. Tanto o sr. Henrique de Macedo, como os srs. Marianno de Carvalho e José Julio Rodrigues, são lentes da Escola Polytechnica de Lisboa. O nosso malogrado amigo sr. conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, outro eminente professor, tambem tinha em grande conta o notavel chimico, com cuja amizade se honrava.

O sr. ROBERTO DUARTE SILVA tinha apenas 52 annos d'idade e morreu pobre.

A sua morte deve ter causado profunda impressão

em Paris, onde o illustre portuguez era muito considerado e estimado, como é sentida sinceramente em Portugal por quantos o conheciam e admiravam.

O governo ordenou telegraphicamente á legação portugueza em Paris que se fizesse representar no sahiamento.

(*Commercio de Portugal*, de 12 de fevereiro de 1889).

3

Depois de uma noticia, em que se reproduzem os factos constantes da anterior, lê-se o seguinte:

O conselheiro José Julio Rodrigues parece que vae escrever uma longa biographia do erudito professor. Mais se diz que o governo ordenará o levantamento de um mausoleu no sitio onde o cadaver descança.

Aos seus os nossos pezames de amigo e de portuguez.

(*Correio de Portugal*, de 23 de fevereiro de 1889).

N.º 7

Homenagem da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana resolveu encerrar, após a leitura da acta, a sua sessão de hontem, em signal de sentimento pela morte do pharmaceutico ROBERTO DUARTE SILVA, o eminente chimico e professor ha pouco fallecido em Paris.

Este benemerito era socio da sociedade e estava em intimas relações com ella, enviando-lhe sempre os seus notaveis trabalhos de chimica.

(*Diario de Noticias*, de 14 de fevereiro de 1899).

(*Continúa*).

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 9 de Abril de 1907

Presidencia do sr. José Pedro Estanislau da Silva

Socios presentes: Srs. José Pedro E. da Silva, Manoel Adriano Mourato Vermelho, Armando de Campos Palermo, José Maria Soares Teixeira, José Nunes, Fernando Mendes Pereira, João Francisco de Jesus e Luiz Seabra Lopes.

Não tendo podido comparecer o sr. Ernesto da Rocha e Castro, 1.º secretario, foi convidado a ocupar o seu lugar o sr. Adriano Mourato Vermelho.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão (12 de março de 1907) sem discussão.

O 1.º secretario fez a leitura da correspondencia, na qual havia um officio dos srs. Ribeiro da Costa & C. agradecendo a analyse realisada e as apreciações lisongeiras que a Sociedade lhe fez, com referencia ao sulfato de quinina de sua preparação.

Leu-se tambem um officio do sr. Antonio Dias Amado, em que fazia recriminações á Sociedade, por não o terem admittido socio, e dizendo estranhar que lhe tivessem enviado um officio pedindo auxilio para um collega, que está em más circumstancias.

Todos os socios se manifestaram contra este officio, por não serem verdadeiras as ultimas affirmações do

sr. Dias Amado, ficando resolvido mandar-se-lhe dizer que a Sociedade nada lhe tinha pedido, e que se havia uma commissão, com o fim de angariar donativos para um collega, era de iniciativa e execução particular.

O sr. José P. Estanislau da Silva propõe um voto de sentimento pela doença da filha do nosso querido Presidente, sr. João Mendes Carreiro, sendo unanimemente approvedo.

Foram nomeados socios effectivos os srs. Arnaldo Germano de Freitas e Silva e Francisco Fernandes, respectivamente propostos pelos srs. João Francisco de Jesus e Ernesto da Rocha e Castro.

O sr. José P. Estanislau da Silva apresentou as seguintes consultas:

1.º Na seguinte formula:

Xarope de café.....	50 grammas
Chloreto de quinina.....	1

Deve-se dissolver o sal de quinina no alcool e juntar ao xarope?

2.º Pode receitar-se por formulas chimicas?

Pede a palavra Campos Palermo declarando que o chlorhydrato de quinina não devia ser dissolvido por duas razões principaes: 1.ª porque a addição d'alcool, nas proporções precisas para dissolver 1 grammam de chlorhydrato de quinina, póde ter inconvenientes para o doente, principalmente n'esta formula, que é quasi sempre empregada em crianças.

2.ª por incompatibilidade chimica resultante da acção do acido café-tannico sobre o sal de quinina, que dará em resultado a formação de tannato de quinina, que é insolúvel.

Com referencia á 2.ª consulta, diz que ninguem póde receitar por formulas chimicas, porque a lei expressamente o prohibe: manda que os medicos escrevam por extenso, em portuguez, e bem legivel.

Fala ainda largamente sobre os graves inconvenientes a que podia dar origem o receitar-se por formulas chemicas.

O sr. Fernando Mendes Pereira pede a palavra e diz ser da opinião de Campos Palermo, sobre as consultas feitas, depois de se referir, elogiosamente, ao mesmo pharmaceutico.

O sr. J. Francisco de Jesus usando da palavra, declara ter duvidas sobre se devia ou não dissolver-se o sal de quinina, não se dando por satisfeito com as explicações dadas pelos dois socios que falaram, pelo que foram as ditas consultas remetidas á Commissão de Pharmacia para dar o seu parecer.

Encerrou-se a sessão eram 11 $\frac{1}{2}$ da noite.

O 2.º secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Sessão de 14 de Maio de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. Fausto de Figueiredo, Armando de Campos Palermo, João Mendes Carreiro, Joaquim Vieira da Fonseca Junior, José Maria Soares Teixeira, Antonio Carvalho da Fonseca, José Maria Cerqueira Affonso, Jayme José da Costa, Domingos Estanislau da Silva, Ismael Pimentel, Sebastião V. Abreu e Silva, Luiz Fernandes Martins, Arnaldo Germano de Freitas e Silva, Gaspar Maria do Nascimento, João Francisco de Jesus e José Nunes.

O sr. Presidente convida o 1.º vice-secretario, sr. Fausto Cardoso de Figueiredo, a occupar o lugar do 1.º secretario, sr. Ernesto da Rocha e Castro, por este funcionario não ter podido comparecer.

O sr. Presidente abre a sessão e manda ler a acta da sessão anterior (9 de abril de 1907), pelo 2.º secre-

tario, Armando de Campos Palermo, que em seguida é approvada pela assembléa.

O sr. Fausto de Figueiredo lê a correspondencia, da qual faz parte uma carta do nosso consocio, sr. Francisco de Carvalho, na qual diz que não podendo comparecer á sessão por motivo imperioso, declara, por este meio á Sociedade, que na proxima sessão falará contra a affirmativa que fez um jornal da classe, dizendo que elle, signatario, tinha discordado em poucos assumptos, e, esses mesmo de pequena importancia, quando fez parte da commissão official, que elaborou o projecto de reforma de exercicio de pharmacia.

O sr. Francisco de Carvalho diz mais que assignou vencido, porque discordou em varios pontos, e alguns essenciaes, como provará, etc.

O sr. Carvalho da Fonseca apresenta uma proposta do sr. Francisco de Carvalho, afim da Sociedade protestar superiormente contra a extincção do Laboratorio Municipal do Porto, que tão relevantes serviços tem prestado ao paiz. O auctor da proposta justificou-a com o seguinte: «que o Laboratorio da Camara Municipal do Porto constitue uma grande obra nacional, porque contribue para levantar lá fóra o nome portuguez; que seria crime de lesa-ciencia deixar perder aquelle monumento, erigido pela tenacidade e saber de um grande mestre, que prestou relevantissimos serviços com os seus trabalhos de investigação scientifica, que tanto honram o paiz; e que esse homem illustre, é professor da 4.^a cadeira da Escola de Pharmacia do Porto, analyses toxicologicas, chimica legal, alterações e falsificações de medicamentos, e tambem socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, etc.»

Falaram diversos consocios, mostrando os grandes serviços que tem prestado aquelle estabelecimento e o seu illustre director, que é uma das mais elevadas glorias scientificas do nosso paiz.

Foi approvada a proposta, e, como fossem 11 1/2 horas da noite, o sr. Presidente encerrou a sessão.

O 2.º Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

PHARMACIA

Incompatibilidades dos iodetos pelo Prof. Pouchet (1)

O Prof. Pouchet indica, num seu livro, certas incompatibilidades mendicamentosas, que é util conhecer, dado o uso corrente dos iodetos.

Convem não os associar aos acidos, porque estes dão origem a uma dupla decomposição, pondo o iodo em liberdade, que pode reagir como irritante intenso.

O mesmo succede com a agua oxigenada, per-oxidos, o paraldeyde desloca o iodo das suas combinações.

Ha igualmente incompatibilidade com os metaes pesados: se se juntar, por exemplo, a uma solução d'iodeto um soluto d'acetato neutro de chumbo, forma-se um abundante precipitado amarello; têm-se seguido accidentes graves, ao emprego simultaneo de iodetos alcalinos e compostos mercuriaes. Sabe-se que o iodo se elimina em notavel proporção pelo suor, saliva e lagrimas sob a fórmula d'iodetos alcalinos: eis o que explica certas complicações de ophtalmia violenta, e mesmo o caso da perda dum olho, observado em um doente, em quem se praticavam, nos olhos, insuflações de calomelanos (collyrio secco de calomelanos) em quanto que ao mesmo tempo era submettido a um tratamento geral iodado.

Os iodetos alcalinos não podem ser associados a um

(1) L'Union Pharmaceutique.

grande numero d'alcaloides: sulfato neutro de quinina, sulfato de sparteina, etc.

Emfim, ha incompatibilidade dos iodetos com os compostos tannicos, como por exemplo com o extracto de folhas de nogueira ou com uma tinctura tannifera.

G. N.

Novos productos pharmaceuticos
(**Synonymia**)

As grandes fabricas de productos pharmaceuticos lancam diariamente na circulaçao compostos novos, de que se apressam a registrar os nomes commerciaes; porêm, a maior parte das vezes, a origem destas denominações fica obscura e appoia-se sobre uma ou outra propriedade destes corpos; para facilidade dos praticos a *Revue Pharmaceutique* publicou a seguinte lista dum grande numero de compostos, pondo o nome scientifico, deduzido da sua composiçao, a um lado, e o nome commercial a outro:

Nome scientifico	Nome commercial
Acetamidosalol.	Salophena
Acetylmorphina	Heroína
Acid. acetylosalicylicum.	Aspyrina
Æthylenperiodid	Diodoformio
Æthyl-morphina	Dionina
Æthyl-methyl-sulfonal. .	Trional
Albumin-iodoform	Iodoformogéna
» sulphoicithyolic.	Ichthalbina
Aluminium-naphtol-sulfonic	Alumnil
Amidopyrine	Pyramidão
Ammonium-sulfo-ichthyolic	Ichthyol
Amilum formaldehydie .	Amyloformio
Argentum-citric	Itrol

Argentum colloïdale	Collargol
Argentum lactic	Actol
» proteïnico	Protargol
Benzoyl-guaiacol	Benzosol
Bismuthum-albuminat	Bismuthose
» cinchonidin	
bi-iodat	Erythrol
Bismuthum - dithiosalicylic	Thioformio
Bismuthum-jodgallic	Airol
» B-naphtolic	Orphol
» subgallic	Dermatol
» tribromphenylic	Xeroformio
Butyprine	Trigemina
Calcium B-napholsulphoros	Asaprol
Casein-natrium	Nutrose
Chinin-aethylcarbonic	Euchinina
Colla-tannic	Tanocol
Creosot-carbonic	Creosotal
Diacetyltannin	Tannigenio
Dixthylmalonylharstoff	Veronal
Diamidophenol chlorhydric	Amidol
Ferralbumin	Ferratina
Formaldehyd-thyolin	Ichtoformio
Gelatin-formaldehyd	Glutol
Guaiacol-carbonic	Duotal
Hexamethylentetramin	Urotropina
Hexamethylentetramin tannic	Tannopina
Hydrargyr-jodcarbolsulfonic	Hydrarg-sozoidol
Iodpyrazolon	Iodopyrina
Kalium guaiacol	Thiocol

Kalium ortho-oxichinolin-sulfonic.....	Chinosol
Lactylphenetidine.....	Lactophenina
Menthol-valerianic.....	Validol
Methylacetanilid.....	Exalgina
Methylenditannin.....	Tannoformio
Monochloralpyrazolon...	Hypnal
Naphtol-salicylic.....	Betol
Oleum bromatum.....	Bromipina
» iodatum.....	Iodipina
Para-amidophenol chlorhydr.....	Rodinal
Phenetidin-citric.....	Citrophena
Pyrazolon-amydalic.....	Tussol
» phenyldimethylic.....	Antipyrina
Pyrazolon aceto-salicylic.	Acetopyrina
Pyrazolon phenyldimethylic coffein citric...	Migranina
Pyrazolon phenyldimethylic c. ferr. sesquichlorat.....	Ferropyrina
Pyrazolon phenyldimethylic salicylic.....	Salipyrina
Sapocarboll.....	Lysol
Sapocresol.....	Creolina
Sapoformal.....	Lysoformio
Tannin-albumin.....	Tannalbina
Theobromin-lith.-salicylic.....	Uropherina
Theobromin natr. acetic	Agurina
» salicylic...	Diuretina
Thiolin.....	Ichtyol
Urapurgol.....	Helmitol

G. N.

FORMULARIO

Emulsão de Scott

Segundo a *Revue Pharmaceutique de Flandres* pôde vêr-se a fórmula original deste preparado no *Apotheker Zeitung* e *Pharmaceutisch Zeitung* que é a seguinte:

Oleo de figados de bacalhau.....	150
Glycerina pura.....	50
Hypophosphito de calcio.....	4,3
» de sodio.....	2
Gomma adragantho.....	3
» arabica.....	2
Agua distillada.....	120
Alcool.....	11
Essencias de canella, amendoas e gaultheria ãa.....	II gottas

O melhor methodo de preparação consiste em misturar os diversos ingredientes, salvo o alcool e essencias, e batê-los com um bate-ovos em espiral. Termina-se pela addição do alcool e essencias.

G. N.

Cosmeticos que desenvolvem oxigenio

por M. R. von Forreger (1)

Encontra-se ha tempo no commercio um pó dentifrico chamado «Calox,» que parece conter per-oxydo de calcio. Como desenvolve oxygenio, reage desinfectando e embranquecendo os dentes; é muito apreciado pelo publico.

(1) *Amer. Drugg. e Pharm. Record*, Segundo o *Journal de Pharmacie et Chimie*.

O auctor crê que ha outras substancias inoffensivas analogas, que podem ser utilizadas para a preparação de pós, cremes para o rosto, etc., principalmente o per-borato de sodio (os per-boratos soluveis que produzem agua oxigenada em contacto com a agua) e o per-oxydo de zinco, recommendando pois as seguintes formulas:

Pó para o rosto:

Talco pulverisado.	94	grammas
Per-borato de sodio	5	»
Espirito de violeta	1	»

Se este pó é destinado a branquear a pelle, é preciso augmentar a proporção de per-borato.

Per-borato de sodio para os cuidados das unhas:

Mistura-se n'um vaso uma colher, das de café, de perborato de sodio com cinco a seis colheres d'agua tépida, até obter um liquido leitoso no qual se mergulham os dedos.

Nem as unhas nem a pelle circundante são atacados.

Pode igualmente servir simplesmente per-borato pulverisado, esfregando as unhas por meio d'uma escova ligeiramente humedecida.

Pó para polir as unhas:

Oxydo de estanho	30	grammas
Per-borato de sodio	2	»
Carmim	1	»

A mistura perfuma-se á vontade.

Pó para limpar as mãos:

Sabão pulverizado	30	grammas
Pedra pomes em pó fino ...	3	»
Kaolino.....	45	»
Per-borato de sodio.....	22	»

G. N.

VARIEDADES

O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia

(Continuado de pag. 95)

Os pontos de pharmacotechnia eram tambem praticos, e estes tirados na occasião de prestar as provas, tendo o jury dito que eram extrahidos do formulario da Santa Casa.

Estes pontos foram, como já dissémos, feitos por um formulario da Misericordia, que não tinha sido distribuido aos pharmaceuticos fornecedores.

Esse formulario só foi facultado a alguns pharmaceuticos, enquanto que a outros, que tambem concorriam, deram-lhes, ao pedi-lo na Misericordia, o formulario anterior áquelle, que era o que estava distribuido pelos pharmaceuticos fornecedores da Misericordia.

Estas affirmações provo-as quando fôr necessario.

No primeiro dia prestou provas o 1.º grupo, que, como já dissemos, era constituido pelos srs. Raul Abilio Frazão, Antonio José da Silva, Cunha e Silvedo. Constava o ponto de tres preparações.

1.ª Licôr de Fehling.

2.ª Suppositorio de manteiga de cacau com extracto d'opio.

3.ª Sôro physiologico gelatinado.

Todos fizeram os pontos razoavelmente, mas intervindo o jury algumas vezes com interrogatorios.

O sr. Abilio Frazão pediu uns moldes ou um appa-

relho para fazer os suppositorios, ao que se oppôz o sr. presidente, dizendo que não havia moldes para todos e queria que todos os concorrentes fizessem as provas pelos mesmos processos.

Onde está a coherencia?

Quando o candidato Silva pediu o calcimetro mandaram-lho buscar, porque lá não havia, não obstante os outros concorrentes do grupo fazerem as suas dosagens com o soluto de permanganato de potassio.

Se o sr. Frazão estava costumado a preparar os suppositorios com moldes ou apparatus, e o sr. Silva dosar o oxygenio com o calcimetro, ou se attendiam ambos ou nenhum.

Com o sôro physiologico houve uma perfeita contradança.

O sr. presidente acompanhava os concorrentes, a um por um, até ao autoclave; chegado ahi, perguntava: este preparado é de confiança? A que temperatura vae esterilisar isso?

Porque é que esterilisa a essa temperatura? Eram estas as palavras sacramentaes do sr. dr. Alfredo Luiz Lopes, que o sr. Fragozo diz ter ido, simplesmente, como delegado da Misericordia, como poderia ter ido o sr. conselheiro Pereira de Miranda ou qualquer outro.

Com o concorrente Silva chegou a reunir o conclave. Este concorrente entendeu que devia aprontar o balão do sôro de maneira differente da dos outros concorrentes — mas perfeitamente dentro das regras para levar a bom effeito aquelle trabalho. Simplesmente uma pequena mudança de technica, que é já muito nossa conhecida.

Reuniram-se os tres membros e fizeram grande numero de perguntas ao sr. Silva, ao que este respondeu com segurança, ficando o jury convencido perante as razões dadas.

Nas provas de chimica esteve o jury encolhido;

mas ao chegar ás de pharmacotechnia, bateu-se lesto, e eil-o constantemente em volta dos candidatos.

Quem se salientou mais foi sempre o sr. presidente; e quem se portou mais moderadamente foi o sr. Silva Machado.

Não admira; é quasi sempre assim: os que sabem mais, são quasi sempre os mais modestos.

No segundo dia trabalhou o 2.º grupo, que era composto do signatario e dos nossos collegas Albuquerque e Vasconcellos.

O ponto tirado tinha as preparações seguintes:

- 1.º Pomada mercurial 50 grammas.
- 2.º Pilulas d'azotato de prata a 0,0005.
- 3.º Empolas de cafeina n.º 10.

Ao lêr o ponto, o concorrente Albuquerque pediu as formulas ou onde se vissem, pois as não podia ter decoradas todas.

O sr. presidente não estava d'accordo; mas o sr. Silva Machado protestou e disse que se deviam dar as formulas, o que se levou a effeito.

Houve excepção para a pomada mercurial, porque o sr. Fragoso disse que era de opinião que cada qual a fizesse pela fórma que entendesse, para vêr os progressos que havia n'aquella preparação.

Quando alguns dos concorrentes já estavam fazendo a pomada appareceu o sr. presidente com um papel, no qual trazia escripto a proporção de mercurio que a pomada devia conter.

Devido á leveza d'animc, com que se permittia alterar a pharmacopêa — e amanhã bramarão por ella se não respeitar — cada qual fez a pomada como entendeu, e todos de fórma differente.

A ideia de incluir pomada mercurial nos pontos é Fragosacea, com certeza.

Ainda havemos de vêr em pontos de pharmacia: pisar linhaça e cortar althéa.

No proximo numero concluiremos as nossas apreciações sobre este concurso, que, nos ficará sempre de memoria, pela originalidade; reservando-nos o direito de responder ás estocadas que nos fôrem dirigidas.

A proposito d'este concurso escreveu o sr. Fragoso no seu jornal — fingindo esquecer-se da classificação que n'elle tive — que eu tinha ficado n.º 8.º ou 10.º classificado no concurso para pharmaceutico naval.

O sr. Fragoso devia lembrar-se de que já ficou reprovado n'um concurso, e de que eu, nem uma só vez a mim fiz referencias, mas sim que não devia ter ficado o concorrente que ficou, por ter havido quem andasse melhor.

Tambem nas minhas apreciações me não referi a documentos, e tenho sempre tratado das provas praticas do concurso.

Pois ficam os meus collegas sabendo que no concurso da Misericordia fui o 2.º classificado em provas, e no concurso para pharmaceutico da marinha fiquei no primeiro grupo, em classificação de provas e, portanto, melhor classificado que na Misericordia.

O sr. Fragoso chamou embroglio ao concurso de pharmaceuticos da armada, e n'esta parte estamos d'accordo.

Emquanto a dizer que eu costume criticar os jurys, o sr. Fragoso empregou mal o plural, porque o primeiro jury que critiquei foi o de que fez parte o mesmo senhor.

Ficámos, eu, Jayme Costa e alguns outros collegas, distanciados do 1.º classificado, porque o criterio dos medicos que faziam parte da junta de marinha, não foi o que devia ser, excepto para o primeiro classificado, que na realidade merecia bem o logar que lhe coube.

Neste concurso succedeu o contrario do que succedeu na Misericordia:

O primeiro classificado devia ser realmente o esco-

lhido, mas os outros concorrentes foram mal classificados; e na Misericórdia ficou no lugar quem não devia; e os outros ficaram classificados razoavelmente pela ordem das suas provas.

Não obstante haver provas practicas, no concurso do hospital da marinha, estas foram consideradas em 2.º lugar.

O programma dizia que a 1.ª condição era a melhor classificação no curso pharmaceutico, e esta classificação foi feita, unicamente, pelos valores das cartas, embora outros documentos legaes fossem apresentados, mostrando cursos de pharmacia com mais valores do que os das cartas, não tendo os concorrentes que possuíam esses documentos tirado as respectivas cartas, por motivo pecuniario, e por uma só carta ser sufficiente para serem admittidos ao concurso.

Esta orientação podia dar lugar a não ficar o concorrente que ficou, se elle em vez de apresentar a carta de pharmaceutico pelo curso antigo e os attestados em como tem o novo curso, fizesse o contrario; não obstante provava saber o mesmo e ter a mesma competencia, mas não ficava.

Nesta cousa de concursos de pharmacia não ha quem se entenda. A orientação sobre o valor da qualidade dos documentos varia em cada concurso.

Nem o concurso da Misericórdia nem o do Hospital da Marinha foram organisados como deviam ser.

Com taes programmas, jury algum pode fazer ideia segura das aptidões de cada concorrente.

Os concursos deviam ter provas practicas e oraes; e a documentação devia servir para desempates.

Assim já se via alguma cousa.

Fica respondido á piadinha do sr. director da *Gazeta de Pharmacia*.

Se eu fosse mal classificado, nas provas que prestasse em qualquer concurso da minha profissão, ficaria des-

gostoso ; mas, por uma questão de orientação sobre o valor de documentos, não agrada, mas não deslustra.

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Roberto Duarte Silva

(Continuado da pag. 100)

N.º 8

Discurso proferido por C. FRIEDEL, do Instituto de França, perante o feretro de R. D. SILVA, em 11 de fevereiro de 1889

(Traducção)

Meus senhores: Se obedecesse apenas aos dolorosissimos sentimentos e ao profundissimo luto que me domina e prende em face d'este tumulo, deveria conservar-me silencioso. A memoria, porém, do amigo dedicado, que perdi, impõe-me a obrigação de patentear a quantos o conheceram e estimaram, a todos os seus amigos, quanto elle era digno de affecto e de respeito pela elevação dos seus sentimentos, pela honestidade do seu espirito, pelo seu culto e obediencia a todos os preceitos do dever. Testemunha de metade da sua existencia, seu collaborador e seu amigo, a tanto devo o conhecel-o mais que muitos outros e o apreciar, por isso mesmo, mais intimamente a sua alma tão altiva quanto modesta, e cujos soffrimentos intimos eram, não raro, escondidos ainda aos seus mais queridos e predilectos.

SILVA, em verdade, não foi feliz, a despeito de triumphos grangeados por um trabalho obstinado, mantido inflexivel, a despeito mesmo de amigos fieis, que o acompanharam até ao seu ultimo suspiro.

Nascido em Santo Antão, uma das ilhas de Cabo Verde, de que ainda ha pouco fallava entre soffrimentos e cansaços, consecuencia de uma doença rebelde,

com o entusiasmo e a poesia que envolvem as recordações da mocidade e as saudades do paiz natal, estudou em Lisboa, estabelecendo-se mais tarde na China, onde passou quatro annos como pharmaceutico.

Estava ainda n'este paiz quando se realisou a nossa expedição ali; e, em momentos em que ao nosso exercito faltaram medicamentos indispensaveis, taes serviços lhe prestou e com tão largo desinteresse, que desde logo teve e obteve por amigos, que sempre o foram depois, os facultativos militares, com quem d'esta arte se relacionou.

Mais tarde, impellido e dominado por um ardente amor pela sciencia, bebido principalmente na leitura das obras de DUMAS, grangeados os meios que cuidava necessarios para o exito de seus projectos, vem a Paris — aprender.

Corria então o anno de 1863. E muito tinha que aprender, com effeito, começando pela lingua do paiz que procurára.

Não era, porém, homem que desanimasse; e, a breve trecho, fazia os seus exames de bacharelado e os de licenciado em sciencias physicas. Frequentou o laboratorio de WURTZ, onde o encontrei pela primeira vez, prendendo-me logo pelo seu ar sério e dedicação pelo estudo, e depois o laboratorio de PISANI.

Em 1867 publicou o seu primeiro trabalho original, seguido depois de muitos outros.

Não me cumpre analysal-os aqui, nem é este, para tal fim, o logar mais proprio; direi sempre, todavia, que todos revelam o mesmo escrupulo no estudo e grangearam para o seu auctor a intima satisfação, que é a primeira recompensa de quem investiga.

O alto apreço em que os teve a Academia das sciencias da França, concedendo a R. D. SILVA o premio JECKER, a eleição d'este para presidente da sociedade chimica de Paris, a sua nomeação de membro corres-

pondente da academia das sciencias de Lisboa e as distincções honorificas que lhes foram concedidas pela França e por Portugal, patenteiam bem claro o valor em que foram tidos por juizes competentes os trabalhos d'aquelle distinctissimo professor. Posso bem asseverar-vos que elle era então feliz, na plenitude da sua actividade scientifica, durante uma collaboração, que durou tres annos, e que ainda mais estreitou os laços que já nos prendiam.

Na febre de trabalho fugiu-lhe, porém, a modesta fortuna que possuia, malbaratada por infieis depositarios; e, conjunctamente, um triste fracasso de laboratorio, depois de o ter affectado, grave e dolorosamente por muito tempo, teve como resultado a perda de um dos olhos.

Esvaída a possibilidade de uma vida desafogada, ás suas investigações scientificas tornava-se mister, d'ora avante, associar o trabalho com que assegurasse o pão de cada dia. Tendo vagado por essa occasião um lugar de chefe dos trabalhos de chimica analytica na Escola central foi SILVA quem o obteve.

Poder-se ia suppôr a principio que lhe fossem compatíveis os encargos de sua posição official e os seus trabalhos scientificos anteriores, e assim succedeu na verdade até certo ponto.

A exagerada delicadeza, porém, da sua consciencia não lhe permittiu, quasi em seguida, que distrahisse a sua attenção para assumptos que não fossem os das suas conferencias profissionais de chimica analytica e os das manipulações que se lhes referiam, tudo accumulado com o exame e correcção dos relatorios manuscritos dos alumnos sobre as analyses que lhes eram incumbidas.

Comtudo era grande o seu desgosto por se conservar affastado das suas investigações e pesquisas. Aspirava a recommençal-as.

Não consentiu, porém, o destino que o fizesse por

absoluta impossibilidade material, ou apenas lhe forneceu o ensejo por que aspirava, quando as forças e a saúde lhe eram já, para isso, de todo insufficientes.

Organizára por forma tão correcta o ensino da analyse chimica na Escola central que, ao instituir-se a Escola municipal de chimica e de physica, foi logo indigitado o seu nome para professor de chimica analytica. E por tres annos amplamente satisfez a este duplo encargo com zelo equal, e nunca desmentido, em qualquer d'aquelles institutos.

A trabalho tão excessivo correspondeu, porém, quasi que a ruina da sua já tão precaria saúde.

Vagando mais tarde, em 1886, a cadeira de chimica analytica da Escola central, o conselho d'esta escola escolheu a ROBERTO DUARTE SILVA para a reger em tirocinio.

Entregue de corpo e alma a este novo serviço, resignou, para melhor o cumprir, o seu posto na Escola de chimica e de physica; e, ao ser, dois annos mais tarde, nomeado lente cathedrático d'aquelle curso, deviam ficar de certo com isso satisfeitas as suas tão legitimas aspirações!

Triste fatalidade, porém! O premio de tantos e tão porfiados sacrificios e trabalhos chegára tarde. A saúde, quasi extincta, reclamava os maximos cuidados.

Procurando melhorar em Cauterets, onde se tratou durante as ultimas ferias, reappareceu-nos tão doente e alquebrado, que nós, os seus amigos a nós mesmos nos perguntavamos se seria possivel que SILVA fizesse, n'aquelle estado a sua primeira lição.

Porque, é preciso dizer-vos: SILVA nunca permitiu que lhe fallassem em viagens que obstassem á regencia dos seus cursos, nem de substituição provisoria aos seus encargos officiaes.

Com surpresa de todos, no entanto, substituindo-lhe as forças physicas quasi perdidas o vigor do seu espi-

rito, logrou desempenhar-se de suas obrigações escolares até fins de dezembro findo, aparentemente mais vigoroso que nos primeiros dias do seu ultimo curso. Em seguida, porém, a breves dias de repouso, durante o qual se nos afigurava mais abatido que antes, deu ainda algumas lições, espacejadas pela benevolencia da direcção da Escola central, lições escutadas com emoção por seus discipulos, que, em presença do seu mestre, para elles bem proximo da morte, piedosamente dissimulavam a difficuldade que sentiam para ouvil-o. E ainda não ha 15 dias que SILVA proferiu a sua ultima lição, sabe Deus á custa de que enormes e não confessadas fadigas?

SILVA morreu, pois, sobre a brecha, sacrificando a sua vida ao cumprimento do seu dever.

Se alegrias houve na sua existencia, tão dignamente preenchida, exceptuando as que lhe resultaram de ser justamente apreciado pelos que amava e admirava, foram ellas, apenas, as alegrias austeras do sacrificio, do trabalho, da dedicação, do dever cumprido até o seu extremo limite, alegrias filhas de serviços sempre generosamente distribuidos por todos quantos tiveram a fortuna de conviver com elle.

N'elle havia ainda, para que taes e tão intimas satisfações podessem prevalecer a todas as outras, um profundo sentimento religioso que, sem o prender a qualquer culto externo, o amparou sempre nos seus soffrimentos, e lhe fez constantemente antever para além da vida terrestre, como que o *desideratum* e o premio da lucta que acompanha e attribula a triste vida humana.

Descança, agora, no eterno repouso, esse trabalhador illustre, legando a todos um grande exemplo e as mais profundas saudades.

(Continua).

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 28 de Maio de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Ernesto de Castro, Luiz José Botelho Seabra Lopes, Armando de Campos Palermo, Jayme José da Costa, Francisco de Carvalho, Gaspar Maria do Nascimento, Antonio Carvalho da Fonseca, João Francisco de Jesus, Fernando Mendes Pereira, Filippe Pereira de Mattos Miranda e José Nunes.

Aberta a sessão ás 9 ¹/₂ horas da noite foi lida e approvada a acta da sessão anterior — 14 de maio de 1907.

O 1.º secretario, sr. Ernesto da Rocha e Castro, leu a correspondencia recebida, havendo entre ella uma carta do nosso consocio sr. Freitas e Silva, em que faz varias observações sobre o extracto publicado nos periodicos da sessão anterior.

O sr. professor Carvalho da Fonseca communica ter recebido uma carta do sr. conselheiro Ferreira da Silva, agradecendo as manifestações que a nossa Sociedade lhe fez.

O sr. Francisco de Carvalho participa ter recebido, do sr. dr. Casimiro Simão da Cunha, uma carta offerecendo a valiosa collecção de regimentos dos preços dos medicamentos, que estão sobre a mesa, e pede á Sociedade que se manifeste sobre o caso, agradecendo ao bom amigo da nossa collectividade tão importante dadiua, o que foi approvedo por unanimidade, apreciando-se muito a dita offerta.

Em seguida, como representante da Sociedade Pharmaceutica, na commissão official de reforma de exercicio, e em vista de um artigo publicado num jornal da classe, o sr. Carvalho historia o seu procedimento na dita commissão da reforma do exercicio profissional, mostrando que se não conseguimos alguns dos desejos da nossa Sociedade não foi porque sua ex.^a o não tivesse tentado. Tudo lhe foi rejeitado, a não ser a proposta para fazer parte da Commissão da Pharmacopea, o Presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Que logo á alinea c) do artigo 3.^o do 1.^o capitulo apresentára uma emenda, afim de que, de futuro, não podessem mais crear-se pharmacias de associações de soccorros mutuos; que, porém, a proposta que fez, que tanto representava o sentir da classe, não foi bem recebida, e ficou não convencido dos argumentos apresentados, mas vencido, porque a rejeitaram.

Tambem sobre o artigo 27.^o se não esqueceu de dizer relativo ao § 1.^o, que não devia dispensar-se o papel impresso ou carimbado aos medicos conhecidos de pharmaceuticos, para evitar mais ou menos irregularidades que podem dar-se

Que não sympathisou com a ideia das camaras pharmaceuticas, e que bem claramente o disse, assim como disse, que se podesse ter assistido ás primeiras sessões, em que se approvaram as bases do projecto, teria pugnado para que delle constasse a prohibição das consultas nas pharmacias, contra as quaes se manifestou,

e que não insistiu no caso, visto o sr. presidente dizer que era assumpto liquidado.

Que tambem notára no artigo 64.º, que o sr. inspector tecnico do sello, que é um funcionario de merecimento, e lente de uma Escola de Pharmacia, não fazia parte do jury do concurso, que havia de examinar o pharmaceutico, que seria nomeado para a Alfandega, e que teria a seu cargo a verificação das especialidades pharmaceuticas; que por isso fallou contra a citada falta e apresentou uma proposta, que foi rejeitada.

Que tambem achou extraordinario o artigo 69.º, que leu e é o seguinte:

«E' permittido ás drogarias vender os medicamentos a que se refere o artigo 38.º desta lei e os de importação estrangeira.» Que estes medicamentos são as especialidades pharmaceuticas, e que não sabia, se os seus collegas viam bem a falta de coherencia que se dava, porque pertencendo á commissão technica de pharmacia elaborar a lista dos medicamentos que as drogarias deviam vender, iam cercear-se-lhe já estas regalias, por causa das especialidades pharmaceuticas. Que fallou contra esta falta, que achava até indesculpavel, como lá declarou, mas que as suas palavras e que a sua proposta teve a mesma sorte de outras: foi rejeitada.

Que contra a limitação de pharmacias, não disse o jornal a que se estava referindo, que não fallára: fallou e bastante, visto que se mostrava mais uma vez a falta de coherencia, porque as bases do projecto estabeleciam esta limitação, e no projecto desapareceu este bom principio, contra o que reclamou, mas sem resultado. Que o que se passou o fez convencer de que estava perdendo o seu tempo, e que nada conseguia em favor do que a Sociedade desejava, por isso abandonou a discussão, mas não os trabalhos, porque queria assignar vencido, como fez

Que ainda tratou de outros pontos secundarios, mas

o que disse bastava, para provar que não tratou só da limitação de pharmacias, e que assim ficava justificado o seu procedimento.

Entrando-se na ordem da noite, o sr. Presidente diz que o parecer da Commissão de chimica, feito em consequencia d'uma consulta dirigida á mesma Commissão por Campos Palermo, não póde continuar a ser discutido, nem posto á votação, porque não está conforme as praxes estatuidas, isto é, assignado, pelo menos, pela maioria dos membros da referida Commissão. Diz mais s. ex.^a que se o submetteu á discussão, depois de ter segunda leitura, foi porque julgou que não daria occasião aos debates, que tem havido entre o consulente e o sr. professor Carvalho da Fonseca; mas como via, que uma polemica scientifica se tinha levantado, em que havia campos oppostos bem definidos, lhe parecia melhor não continuar a discutir-se, sem que a commissão o apresentasse nos termos que indicou, dada a importancia do assumpto, e que estava certo que o consulente a isso se não opporia.

O sr. Carvalho da Fonseca pede a palavra e diz que sustenta tudo quanto affirmára, como podia provar já, mas concorda, plenamente, que o parecer não seja posto á votação, por não estar conforme o que determinam os nossos estatutos; e que, se o mandou assim, foi com a ideia d'elle ser visto primeiramente pelos outros membros da Commissão. Que um está, actualmente, em Beja, onde é professor do Lyceu.

Diz que sente bastante a maneira como foi tratado pelo consulente, no decorrer da discussão; que não estava costumado a isso, e declara que a commissão não póde tornar a fazer mais trabalhos, sem que o laboratorio da Sociedade esteja em condições de nelle se poderem realisar esses trabalhos.

Campos Palermo pede a palavra e diz concordar tambem com o sr. Presidente, para ser retirado o parecer.

Emquanto ao sr. Carvalho da Fonseca, declara que estranha que sua ex.^a se estimulasse com as suas apreciações, sobre o parecer, pois que em questões scientificas não costuma haver contemplações; e cita os exemplos de Pasteur, Davaine, Duclause, Colin e outros, que não obstante, serem amigos pessoas e trabalharem todos pela sciencia e pela humanidade, nas suas discussões, nas sociedades scientificas a que pertenciam, chegaram por vezes, no calor da polemica, a quererem lançar-se uns aos outros.

Aqui nada d'isso succedeu: houve simplesmente discordancia, que a sinceridade obrigou a mostrar. Declara que manteve sempre boas relações d'amizade com o sr. professor Carvalho da Fonseca e que julga continuará a manter; mas que em assumptos d'esta natureza é intransigente, e que só os argumentos e os factos o podem convencer.

Foi approvedo, por unanimidade, que o parecer voltasse á commissão, para os fins indicados.

Tiveram 1.^a leitura tres propostas para socios correspondentes. Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram onze e meia horas da noite.

O 2.^o Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Sessão de 25 de Junho de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Ernesto de Castro, Armando de Campos Palermo, Francisco de Carvalho, Jayme José da Costa, Antonio Carvalho da Fonseca, Antonino Alves Barata, João Francisco de Jesus e José Nunes.

O 1.^o secretario, sr. Ernesto da Rocha e Castro, lê a correspondencia, da qual fazia parte um officio do eminente chimico portuense, sr. conselheiro Ferreira

da Silva, illustre professor de Toxicologia, Bromatologia e Chimica Legal da Escola de Pharmacia do Porto, agradecendo a intervenção da Sociedade, que resolveu representar contra a eliminação do Laboratorio Municipal do Porto, de que aquelle nosso consocio era director.

O sr. Presidente participa á assembléa que procurou mais d'uma vez o sr. presidente do conselho, conselheiro João Franco, afim de se desempenhar do seu mandato, que diz respeito ao dito laboratorio de que era director o sr. Ferreira da Silva, mas que não conseguiu falar com aquelle estadista, por andar sua ex.^a muito occupado.

Não obstante, que não descurará o assumpto, e que procurará falar com sua ex.^a, o sr. presidente do conselho, para assim cumprir o que n'elle delegaram.

O sr. Presidente diz que tambem procurou o sr. ministro da fazenda, afim de reclamar contra o abuso de estrangeiros, que mandam caixeiros a Portugal, preparar certas confecções, que denominam de medicamentos e aos quaes põem dísticos em estrangeiro indicando procedencia tambem estrangeira, burlando assim o povo e lesando os interesses da nossa classe.

O sr. professor Carvalho da Fonseca declara que se informou—por lhe ter constado—sobre se havia qualquer disposição ou projecto relativo a augmento do quadro dos pharmaceuticos do exercito, que é o mais pequeno do mundo; e se se projectava obrigar os navios mercantes, que transportem passageiros, a ter pharmaceutico a bordo, mas as informações que obteve não o satisfizeram, e bom será que se trate do assumpto.

O sr. Jayme Costa pede a palavra e propõe que a Sociedade interceda junto das instancias superiores afim de que os programmas de concurso, para pharmaceuticos do Estado, se harmonisem com o estado actual da sciencia pharmaceutica, pois os programmas existen-

tes são defficientissimos, tendõ o inconveniente grave de não dar a elucidação precisa ao jury para destrinçar os mais dos menos habeis.

O sr. Jayme Costa fundamenta a sua proposta com os exemplos dos ultimos concursos havidos em Lisboa, em que além da defficiência das provas, por insignificantes, se vê o mais completo antagonismo na orientação, o que causa justificados receios aos pharmaceuticos, que em todos os campos se dedicam mais aos assumptos da sua profissão.

O sr. Jayme Costa diz que o programma do ultimo concurso, para pharmaceutico do Hospital da Marinha, foi elaborado por um empregano de carteira do ministerio da marinha, estranho á classe.

A assembléa approvou por unanimidade a proposta do sr. Jayme Costa.

Não havendo nada a tratar na ordem da noite, foi resolvido, por indicação do sr. professor Carvalho da Fonseca, que se dêsse a palavra ao sr. Francisco de Jesus para fazer a sua dissertação sobre vinhos em geral e vinho de quina em especial.

O sr. Francisco de Jesus pede lhe relevem qualquer falta, que notem na sua exposição, porque não é um especialista no assumpto. Traz á assembléa unicamente o resultado dos seus estudos.

Começa o sr. Francisco de Jesus por descrever, com grande precisão, as treze principaes regiões viticolas do país. Depois passa a referir-se aos vinhos das varias regiões sob o ponto de vista da quantidade de tannino. Faz tambem referencia á materia corante de varias especies d'uvas, alludindo ao caso d'algumas a conterem na polpa. Aponta o caso da Pharmacopêa Portugueza tractar apenas da força alcoolica dos vinhos, quando para os vinhos medicinaes ha outros componentes importantes a considerar.

O sr. Carvalho da Fonseca pede ao orador que não

complete a sua exposição visto a hora estar muito adeantada, e desejar dizer alguma cousa sobre o assumpto de que o sr. Jesus se tinha occupado. O sr. Francisco de Jesus accedeu da melhor vontade.

O sr. professor Carvalho da Fonseca diz que a exposição do sr. Francisco de Jesus interessa apenas aos viticultores, que, porém, nada interessa á classe pharmaceutica. Declara que conhece a divisão em zonas vinicolas, mencionada pelo orador, pelo *O Portugal* ao ponto de vista vinicola fundamentada na classificação de Ferreira Lapa. Diz que sua ex.^a podia ter tratado a questão dos vinhos sob outros pontos de vista que mais interessam á pharmacia, como por exemplo, o desenvolvimento das leveduras na pellicula da uva que, como se sabe, produzem a fermentação alcoolica no mosto. Que se podia tambem referir ao tartaro que se vae depositando á medida que a força alcoolica augmenta e ainda ao papel importante que o tannino desempenha como precipitante dos alcaloides.

Sobre este ultimo ponto o sr. Carvalho da Fonseca cita as seguintes experiencias, que diz ter realisado quando fez a these, que pretendia defender para o concurso de professor de pharmacia das novas escolas, e que era sobre vinhos medicinaes. Segue o relato das experiencias.

O sr. Carvalho da Fonseca declara que adquiriu 2 cães, um de 80 kilos e outro de 60, para assim obter animaes de peso equiparado ao de uma pessoa. Ao primeiro cão fez ingerir 5^{cc} de Laudano de Sydenham, preparado que encontrou no Hospital Veterinario, quando para ali foi nomeado, tendo tido o cuidado de não levantar o deposito, que era bastante pronunciado. O cão não revelou a menor alteração. Com intervallos de 4 dias foi administrando 10, 25 e 50^{cc}, tendo observado nas ultimas doses que o cão tinha perdido o appetite e bastante salivação nas primeiras 24 horas, vol-

tando depois ao seu estado normal. Em todas estas experiencias não notou o mais leve symptoma de paralysis, tão caracteristico nas intoxicações pela morphina.

Como a dose administrada era relativamente grande, deu lhe uma injeção hypodermica de 15^{cc} do mesmo Laudano, tendo sido os effeitos os mesmos já citados.

Todos estes estudos foram acompanhados por um distincto veterinario. Como o cão estava abandonado e as experiencias já duravam quasi um mez, foi mandado abater. Analysado o deposito que o Laudano continha, encontrou a morphina em dose apreciavel.

A proposito falou o sr. Carvalho da Fonseca n'um caso de intoxicação, de que ia sendo victima um medico militar, que estava tomando strychnina em vinho do Porto, effeitos toxicos que só experimentou na ingestão da ultima porção do vinho.

Para mostrar depois a differença de actividade que tem o Laudano, quando se substitue o vinho pela mistura d'alcool e agua, diz que empregou no cão de 60 kilos uma injeção hypodermica de 10^{cc} de Laudano obtido com este ultimo excipiente, e que o cão a breve trecho experimentava a paralysis dos quartos trazeiros.

O sr. Carvalho da Fonseca diz que extrahi o alcool, depois do Laudano feito, nos casos que indicou, para se não attribuirem quaesquer symptomas que os cães manifestassem, ao alcool.

Declarou tambem sua ex.^a que os vinhos medicinaes, que contem alcaloides, não têm uma posologia determinada, pois a vão perdendo pouco a pouco, devido á acção do tannino do vinho que os vae precipitando, e para exemplo indica as experiencias physiologicas acima descritas.

Sobre este assumpto pedem a palavra os srs. Jayme Costa e Armando de Campos Palermo.

O sr. Francisco de Jesus manda para a meza um requerimento, para não ser dada a palavra aos socios

que a pèdiram, e que se encerrasse a sessão, por estar muito adeantada a hora, o que a assembléa approvou, ficando os oradores com a palavra reservada para a proxima sessão.

O 2.º Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

CHIMICA

Comprimidos enzymoscopicos para a verificação rapida dos leites pasteurisados, por Bruère, pharmaceutico ajudante de 1.ª classe do hospital militar de Maubenge.

A conveniencia da esterilisação do leite está confirmada ha muitos annos, como uma arma poderosa, na lucha contra certas doenças contagiosas.

A' falta dum processo ideal, que permittisse esterilisar o leite sem manipulações additivas, respeitando a natureza e propriedades dos seus principios constituintes, tem-se recorrido á acção bactericida do calôr, ainda que assim se destruisse a actividade dos fermentos solueis, que dão ao leite cru o seu character de liquido vivo.

Na Dinamarca uma lei prescreve a pasteurisação a 85º do leite destinado á alimentação publica; muito recentemente, em França, o ministro da Instrucção publica, por circular datada de 12 de março de 1906, ordena o uso exclusivo do leite fervido, nos estabelecimentos de ensino primario e secundario.

Taes medidas de hygiene não seriam efficases se não houvesse uma verificação judiciosa, susceptivel de se poder exercer a todo o momento e sem difficuldades praticas.

Muitos processos teem sido apresentados a este respeito, com o fim de differenciar o leite cru do fervido, e baseados na existencia, em certos leites e principal-

mente no de vacca, de fermentos soluveis, dotados d'actividades biochimicas diversas, cujas manifestações oxydantes ou reductoras desaparecem a 80°, temperatura minima da esterilisação efficaz.

A technica geral, para a caracterisação dos fermentos oxydantes, indicada pelo prof. Bourquelot, foi applicada pelo prof. Dupouy no estudo da lactanaéroxydase, fermento oxydante indirecto do leite de vacca, da seguinte maneira:

«Fazendo-se um soluto aquoso a 1:100 de guaiacol crystallizado, obtem-se um reagente que, misturado a um só volume igual de leite de vacca cru, produz immediatamente e a frio, com uma gotta d'agua oxygenada diluida a $\frac{1}{10}$, coloração vermelho-grenat, emquanto que a mistura fica incolor se o leite foi pasteurizado a mais de 80° ou fervido.»

Charles Jillet, repetindo as experiencias de Dupouy, verificou a existencia do fermento oxydante indirecto nos leites de cabra, de vacca e de ovelha, leites activos; e observa a sua ausencia no de burra, egua e cadella, leites inactivos; demais, num estudo aprofundado sobre o leite de mulher, este auctor demonstrou que a presença do fermento oxydante indirecto era accidental e junto a um retrocesso mais ou menos accusado, muitas vezes transitorio, do estado colostrual, antes que se podesse verificar ao microscopio a presença dos elementos figurados.

Sendo o leite de vacca que alimenta, quasi exclusivamente o mercado, a presença do fermento oxydante indirecto, que perde a sua actividade a 79°, permite verificar se um leite foi pasteurizado.

Proseguindos os seus trabalhos sobre o valôr dos comprimidos reactivos e dosimetricos, na execução rapida das pesquisas de ordem chimica e biologica, o auctor realisou muito simplesmente a reacção de Dupouy pelas duas formulas de comprimidos seguintes:

Comprimidos enzymoscopicos n.º 1 (guaiacol):

Guaiacol crystallizado..... 10 gr.
Lactose anhydra e pulverisada, secca a 100º 40 gr.

Misture intimamente a secco e divida em 200 comprimidos.

Caracteres. Por dissociação na agua, estes comprimidos fornecem um reagente guiacolado extemporaneo que, num meio contendo enzymas oxydantes, produz coloração salmão, podendo accentuar-se até ao vermelho-grenat nas seguintes condições:

1.º Directamente em presença de aéroxydases: fermentos oxydantes directos.

2.º Indirectamente por intermedio da agua oxygenada em presença de anéroxydases: fermentos oxydantes indirectos.

A agua oxygenada necessaria para esta reacção é fornecida pelos comprimidos enzymoscopicos n.º 2.

Comprimidos enzymoscopicos n.º 2 (per-borato):

Per borato de sodio anhydro, pulverizado 25 gr.

Divida a massa a secco em 100 comprimidos de 0 g,25.

Caracteres. Num meio aquoso estes comprimidos produzem uma agua oxigenada extemporanea de reacção alcalina.

Verificação da pasteurisação. Esta prova, por meio dos comprimidos enzymoscopicos, executa-se da seguinte forma:

Num tudo d'ensaio agita-se um comprimido n.º 1 com 5^{cm3} d'agua, depois juntam-se 10^{cm3} de leite que se mistura por agitação; normalmente, o leite deve conservar a sua côr primitiva. Junta-se um comprimido n.º 2 e agita-se.

O leite cru e fresco produz immediatamente coloração salmão, que se accentua rapidamente em vermelho-grenat.

O leite pasteurizado a $+ 80^{\circ}$ e à fortiori fervido, não muda de côr. Sobre o ponto de vista pratico, é preciso observar as diversas influencias, susceptiveis de destruir esta reacção.

Temperatura. O fermento oxydante do leite de vacca tem o maximo d'actividade entre 40 e 50° ; a reacção, paralysada pelo frio, produz-se normalmente a $+ 15^{\circ}$.

Leite antigo. A' medida que o leite envelhece, a reacção vae-se operando com uma lentidão progressiva e acaba por desaparecer completamente no fim de alguns dias; um tal leite poderia, portanto, ser considerado como pasteurizado. Guiado pela experiencias de Ch. Gillet, que observou que parece haver um maximo d'intensidade da reacção córada, que corresponde á neutralidade do meio, o auctor considerou o acido lactico como agente paralysador da acção do fermento.

Para um mesmo leite antigo, os comprimidos de perbrato (agua oxygenada num meio alcalino) teem dado reacção mais nitida e rapida que a agua oxygenada diluida ao decimo; o mesmo leite anteriormente neutralizado pelo bi-carbonato de sodio produz reacção immediata. Por consequencia, na presença de leites duvidosos, que não dêem a reacção córada ou mesmo que produzam coloração pouco nitida, opera-se como segue:

Num tubo d'ensaio junta-se um comprimido de bi-carbonato de sodio de $0,25$, 2 ou 3cm^3 d'agua e 10cm^3 de leite, e agita-se. Neste leite bi-carbonatado faz-se a reacção de Dupouy por meio dos comprimidos 1 e 2 nas condicções indicadas.

Agentes conservadores. A presença, no leite, d'agentes de conservação, como sejam o formol, borax, chromato de potassio etc., póde retardar a reacção, mas não a impede.

Diastases vegetaes. A mistura do leite com uma ma

ceração de farellos ou farinha pode servir para encobrir a ebullicão praticada com o fim de conservação no periodo de calores; neste caso, o fermento oxydante indirecto, levado pela maceração aquosa, produz coloração alaranjada, que muda em cinzento pelos comprimidos enzy-moscopicos n.ºs 1 e 2.

Leites oxygenados. Paul Adam dá o nome de leites oxygenados a leites a que se addiciona agua oxygenada, seja com o fim de os conservar, seja para obter a sua esterilisação a frio: leite per-hydratado de Behring.

Um leite oxygenado recente, cuja addição tenha sido effectuada pelo menos ha 8 ou 10 horas — póde revelar-se pela coloração salmão obtida directamente pelos comprimidos n.º 1.

Conclusões. — Resumindo, a reacção de Dupouy, que permite verificar a acção bactericida do calor sobre o leite pela desaparição concomitante do seu fermento oxydante á tempepatura minima de esterilisação efficaz, representa actualmente a pedra de toque mais segura para a verificação dos leites pasteurisados e fervidos.

A applicação do methodo, pelos comprimidos enzy-moscopicos, parece constituir uma modificação pratica, susceptivel de permittir uma prova rapida, e podendo apresentar por isto um interesse real, na prophylaxia das diversas doenças contagiosas pelos microbios pathogenicos do leite.

G. NASCIMENTO.

VARIÉDADES

**O concurso para chefe dos serviços
pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia**

(Continuado de pag. 116)

Como o jury tivesse auctorisado a fazer a pomada mercurial, como melhor conviesse aos conçorrentes, houve peripecias dignas de menção.

Assim, o candidato Albuquerque fez a pomada segundo a formula que tinha visto n'uma revista, a qual aconselhava a addição de sublimado corrosivo para a extincção do mercurio; e fez a pomada por este processo, com rapidez notavel; mas o jury não se conformou com este processo, dizendo que era contra as regras da Pharmacia.

Este ponto dava margem a larga discussão; mas, como queremos ser breve, passâmos adiante.

Sobre as pilulas houve ainda exterioridades de sapiencia da parte do presidente e do vogal Fragoso.

Pedindo nós espatulas de prata, de porcelana, vidro ou outra substancia não atacavel pelo azotato de prata, o sr. Fragoso teve um pequeno ataque de nervos, e perguntou, arrebatadamente, para que eram espatulas de prata? (falando só n'esta qualidade de espatula para fazer mais barulho e mostrar a exigencia do concorrente) pois nas pharmacias se faziam com espatulas de pau e ficavam muito boas.

E não quer o sr. Fragoso uma appendicite, porque julga saber mais que os mestres!... Vá para a escola, vá, porque tem os seus conhecimentos muito rachiticos e mal armazenados.

Pedi tambem, a este digno membro, um frasco escuro para metter as pilulas, e deu me um branco dizendo que não era preciso.

Agora, é capaz de vir dizer que as pilulas estão negras, porque foram mal feitas.

Se o sr. Fragoso fosse ao menos amador photographico, não faria d'estas.

O presidente collocou-se por detraz de mim e não me largou; e quando viu que uma das pilulas se desmanchou, perguntou-me porque tal havia succedido; ao que lhe retorqui que era frequente isso succeder, e que facil se tornava concerta-la, como fiz.

Sua ex.^a não se quiz conformar, dizendo que era

porque a massa não estava boa. Que tal está o da re-beca! A resposta era outra; mas emfim, é provavel, continuando o sr. Fragoço a *combater a tal tutela medica*, que os srs. medicos não impliquem com a maneira de enrolar pilulas.

Na ultima parte do concurso, isto é, o ultimo grupo que fez parte das provas praticas de pharmacotechnia, foi o composto pelos srs. Paiva, Rosa, Mario Judice d'Oliveira e Brandão. Quem executou melhor esta parte foi o pharmaceutico do Hospital de S. José, Paiva, não lhe ficando muito distante o sr. Brandão.

Tiveram o seguinte ponto:

1.º Pilulas de terpinol, eucalyptol e sabão vegetal secco e em pó.

2.º Empolas de sublimado corrosivo.

3.º Pomada de Wilkinson modificada por Hebra.

A pomada fizeram-n'a todos bem. Nas pilulas houve grandes embaraços.

O primeiro classificado em provas, depois de suar para fazer a massa pilular, deu-se por vencido, e pediu por fim que lhe fornecessem sabão inteiro para raspar, porque assim não podia faze-las. A massa chegou a estar boa, mas como houvesse demora na divisão e enrolamento, negou-se. Deram-lhe o sabão inteiro, e o sr. Oliveira raspou-o, conseguiu fazer as pilulas, mas deixando metade da massa agarrada á pedra, porque do contrario apresentaria enormes bôlos e não pilulas, o que não admira, porque o sabão n'aquellas condições contem grande quantidade d'humidade, e por isso o mandam empregar em pó e secco na estufa. Então como explica o jury este fracasso do primeiro classificado? A formula das pilulas, tal como está no formulario e foi dada aos concorrentes, não é executavel? Se não é reformem isso, e se é expliquem porque consentiram que a formula fosse modificada, alterando portanto o ponto no decorrer do trabalho.

O sr. Judice d'Oliveira allegou na occasião que o sabão não estava capaz.

Estaria o sabão como os reagentes? Mas os outros concorrentes fizeram as pilulas com o sabão que mandava a formula!

Descalcem lá essa bota como poderem; e agora será mais facil, porque já a descalçaram da primeira vez.

As empolas de sublimado foram feitas por todo o grupo, excepto pelo sr. Mario d'Oliveira. O motivo, porque o sr. Oliveira não fez as empolas, foi ter-se dado o phenomeno de, repentinamente, ter faltado a agua na pharmacia do Hospital, logo depois dos outros concorrentes terem acabado as suas esterilisações.

A pharmacia do Hospital de S. José não tem bomba pneumatica para encher empolas, não obstante haver umas baratissimas e que satisfazem plenamente, de forma que se um dia falta a agua de pressão ficam de braços cruzados sem poder encher as empolas.

Podiam ter alterado a technica para esterilisação das empolas de sublimado, e te-las enchido no autoclave; mas bastou um cabello para os prender.

Este caso foi admiravelmente remediado pelo presidente do jury, que teve a genial ideia de tirar uma das dez empolas d'um dos concorrentes, cortar-lhe o bico com uma *thesoura* e manda la fechar pelo concorrente Mario. Este fechou a empola, mas depois de fechada virou-a logo com o bico para baixo, dando em resultado estalar a empola, devido ao contacto do liquido com o vidro quente.

Este incidente aliás de esperar, procedendo assim, embaraçou o concorrente, mas o sr. presidente novamente deu outra empola, sendo esta melhor succedida.

Feito este perfeito trabalhinho, o sr. presidente considerou-se satisfeito, recolheu ao gabinete das decisões com os outros membros do jury, e decorridos 5 minu-

tos, appareceu com a lista geral na mão estando os premios distribuidos pela fórma que segue :

- 1.º Mario Judice d'Oliveira.
- 2.º Brandão
- 3.º Campos Palermo
- 4.º Antonio José da Silva
- 5.º Januario Cunha.
- 6.º Abilio Raul Frazão.
- 7.º Paiva.
- 8.º Albuquerque.
- 9.º Vasconcellos.
- 10.º Julio Maria Nascimento Rosa.
- 11.º Achilleu Silvedo.

} ex-equo pelos documentos

Não se torna difficil perceber quem devia ter ficado no primeiro lugar.

O candidato do grupo dos tres empatados, que tinha melhores documentos, era o sr. Brandão; era este, portanto, que devia ter ficado. Que tenha paciencia, porque se andar cá por este mundo mais algum tempo, ha de ver a repetição d'estes actos de *moralidade*.

Incontestavelmente, o candidato Silva andou melhor que o 1.º classificado. E' facto que se affastou um pouco da quantidade de oxygenio, que a agua oxygenada continha, e foi tão sincero, que o escreveu no relatorio, em vez de pôr a quantidade máxima que ella costuma conter para usos medicinaes, como fez outro concorrente mais esperto, porque o jury nem para ao pé d'elle se chegou, devido a estar esquecido da technica do calímetro; mas em compensação fez o seu ponto de pharmacotechnia com toda a correcção e completo, ao passo que o sr. Oliveira fez o que atraz ficou dito.

Tinha ficado bem collocado em 7.º ou 8.º o sr. Oliveira, mas quizeram os fados que fôsse para primeiro. Eu dou-lhe os parabens mais uma vez, como costume fazer aos meus amigos, quando melhoram de situação, não posso, porém, ficar calado perante uma tão grande

injustiça e deixar de verberar indignado o procedimento d'aquelles que a cometeram, e que foram os membros do jury.

E' a primeira vez que censuro um jury, porque costume sempre proceder com conhecimento de causa, e com elementos irrefutaveis, como agora, em que fui testemunha presencial de tudo que se passou e conhecedor ainda, de fonte segura, do que se não viu.

Se fosse concurso para uma repartição publica, ou para qualquer lugar onde fica quasi sempre o concorrente, que a politica impõe, não me incommodaria a fazer uma letra; mas tratando-se d'um concurso d'homens que se dizem de sciencia, revolto-me de ver vergada a consciencia, pela banal vaidade de querer ter nomeada e mostrar superioridades ficticias.

A todos se pode perdoar uma falta d'estas, menos ao sr. Fragoso que no ultimo dia de concurso nem o viu, levando todo o tempo a escrever n'uma pequena secretaria.

E não se perdôa ao sr. Fragoso porquê?

Porque o sr. Fragoso dá sempre a entender que é o mais sagaz dos pharmaceuticos, e talvez dos homens, e deixou-se enganar tão facilmente.

Porque o sr. Fragoso tem combatido a tutela medica e agora sujeitou-se a ella, com a aggravante de ser na occasião em que os professores das Escolas de pharmacia, onde ha medicos, protestaram contra o facto de fazerem parte dos juries dos exames de pharmacia individuos que não são pharmaceuticos.

Porque o sr. Fragoso censura o sr. Carvalho da Fonseca, dizendo que elle andou a gabar-se de ter preterido um homem de sciencia, quando do concurso para o hospital veterinario, e agora foi exactamente fazer parte do jury da Misericordia para sentir o prazer de dizer na sua imprensa que os collegas, que foram ao concurso, precisavam todos de palmatoria.

Porque o sr. Fragoso se deixou vergar, cometendo assim uma deslealdade.

Porque o sr. Fragoso tendo acabado de dizer que succedia mais uma infelicidade á classe pharmaceutica de Lisboa, porque ia perder o fornecimento de medicamentos, se prestou a ir contribuir para a realisação d'aquelle empreendimento.

São estas já razões sufficientes para justifiarem a minha estranheza e indignação.

Não puguem tanta moral, que já tambem se não estranha tanto que a não pratiquem.

A coherencia vae sendo rara.

(*Continúa*). ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

**Casa da Sociedade — Obrigações sorteadas
em 25 de junho de 1907**

5, 46, 55, 57, 101, 114, 130, 158, 172, 175, 179, 206,
211, 215, 230, 247, 259, 267, 270, 314, 370, 394, 413,
415 e 447.

NECROLOGIA

Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro

Presidente Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Ficámos dolorosamente surprehendidos com a noticia do fallecimento d'aquelle notavel estadista, que tão bons serviços prestou á classe pharmaceutica.

Com a sua morte perdeu a Sociedade Pharmaceutica Lusitana um grande amigo, em quem podia confiar, assim como o illustre extinto estava certo de que tinha na classe pharmaceutica verdadeiras dedicações; e nós eramos do numero dos que não esqueciam o muito que se lhe devia.

Está o Jornal paginado, e este numero é de julho, mas apesar do triste factó se dar hoje, 1 de agosto, não queremos deixar de manifestar já o immenso desgosto que elle nos causou.

F. DE CARVALHO.

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

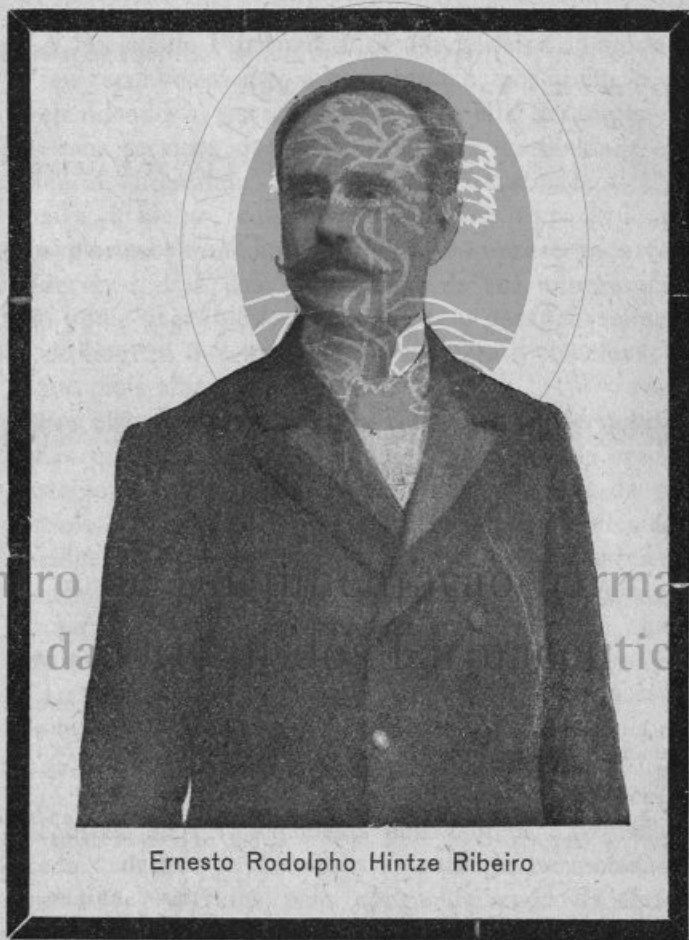
Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa



Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro

Presidente Honorario e Socio Benemerito da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

A Sociedade Pharmaceutica nunca deixa de mostrar o seu reconhecimento, a sua gratidão, por quem, comprehendendo a elevada missão que ella desempenha, os bons serviços que tem prestado á humanidade e á sciencia, honrando assim a classe pharmaceutica, a auxilia, a alenta, e, portanto, a anima a proseguir no seu glorioso caminho. Porque isto representa a verdade, e é uma das boas causas da sua importancia, não podia ficar indifferente perante o desaparecimento do homem que mais contribuiu para a sua elevação e que mais affirmou o seu prestimo.

Foi elle, esse homem eminente, dotado de nobilissimas qualidades; que era um erudito, grande orador parlamentar, um dos maiores, senão o maior da peninsula, pelos vastos recursos que a sua privilegiada intelligencia lhe fornecia, que satisfez os mais ardentes e mais justos desejos da nossa classe. Promettera reformar o ensino pharmaceutico, e nobremente cumpriu a sua palavra.

Todos os que assistiram á memoravel sessão solemne, que a Sociedade Pharmaceutica realisou no dia 17 de novembro de 1902, em que se prestou o devido tributo de gratidão ao estadista que tanto a nobilitára, e que tanto merecia as nossas homenagens e os nossos affectos, devem lembrar-se das palavras correctas, levantadas, proferidas pelo amigo dedicado da classe pharmaceutica, que ali foi receber e agradecer os seus

diplomas de socio Benemerito e Presidente Honorario, tão merecidamente concedidos.

Não é sem razão justificadissima, que dizemos, que Hintze Ribeiro era um bom amigo da classe pharmaceutica, que perdeu, na actualidade, com a sua morte, o maior e mais valioso defensor das suas regalias.

Com effeito, em differentes sessões da Sociedade declarámos, como consta do seu jornal, que, o então illustre politico, reformaria o exercicio da pharmacia.

E affirmavamos isto, certos de que assim succederia, porque, como Presidente da Sociedade, que eramos, mais de uma vez fallámos com o conselheiro Hintze Ribeiro, sobre a refórma do exercicio profissional, vendo sempre n'elle a melhor vontade de nos servir, dizendo até, n'um dos ultimos dias que foi ministro: póde estar certo que hei de reformar o exercicio de pharmacia, que, como declarei na camara dos dignos pares, é o complemento indispensavel da refórma do ensino.

Era bom, pelos impulsos do seu coração, e amigo de fazer justiça, a quem mais ou menos a merecia, pois perdoava sempre offensas recebidas, por isso não admira, que desprezando pequenas coisas succedidas, só se lembrasse de que tinha amigos dedicados na classe pharmaceutica, e que esta era merecedora do seu valioso apoio. Não se esquecia da prova eloquente que a Sociedade Pharmaceutica lhe havia prestado, o que torna maior a falta que lhe faz Hintze Ribeiro. A perda de tão grande luctador, pelos destinos da sua e nossa querida patria, senão podia passar desapercibida para nenhum dos factores que a compõem, é claro, pelas razões expostas, que aos pharmaceuticos causou verdadeiro pesar. A justificação d'estas palavras está no numero elevado de socios, relativamente aos seus meios de existencia, que accudiram ao convite feito pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, incorporando-

se no cortejo funebre do seu Presidente Honorario, que foi, na realidade, imponente, na triste realidade que representava, e constituiu uma verdadeira apothéose feita ao grande portuguez, que tão considerado era na Europa.

Que a morte de Hintze Ribeiro produziu na Sociedade Pharmaceutica Lusitana intenso pezar, prova-se ainda com o que se passou na sua sessão de 13 de agosto, em que todos se associaram, com verdadeiro sentimento, significativo na sua simplicidade e unanime manifestação, ás palavras realmente sentidas, que, com grande emoção, proferiu o illustre presidente effectivo e nosso amigo intimo sr. João Mendes Carreiro.

O que escreve estas palavras perdeu, incontestavelmente, um amigo pessoal, que sabia o desinteresse com que havia apreciado a sua obra pharmaceutica, e pela qual tanto tinha batalhado. Sabem os meus collegas que me refiro ao ensino pharmaceutico.

Nenhum favor pessoal lhe devia, porque só havia tratado de assumptos que interessavam ao bem geral da classe, sendo sempre recebido cavalheiramente, por isso tambem sou dos pharmaceuticos que mais sente o seu prematuro desaparecimento.

F. DE CARVALHO.

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 11 de Junho de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, José Alemão de Cisneiros Faria, João Francisco de Jesus, Francisco de Carvalho, Arnaldo Germano Freitas e

Silva, Paschoal José de Moura, Fernando Pereira e José Nunes.

Eram 10 horas e meia da noite, quando se abriu a sessão, e não estando presentes os secretarios da Mesa, foram convidados a exercer essas funcções o sr. José Allemão de Cisneiros Faria, como 1.º secretario, e João Francisco de Jesus como 2.º secretario.

Não foi lida a acta da sessão anterior.

Procedeu-se á leitura do expediente, no qual figurava uma carta do sr. José Antonio Gonçalves, pedindo esclarecimentos sobre a forma porque pode entrar para socio da Sociedade.

Ordem do dia

Foram approvados socios, depois de 2.ª leitura de propostas, por unanimidade de votos, os srs. Raul de Campos Palermo, Antonio Maria da Silva Malheiros e M. Augusto Pimentel Teixeira.

O sr. Presidente declara que na sala estão apenas seis socios, por terem saído dois em seguida á votação, e que por esse motivo vae encerrar a sessão.

Eram 11 horas.

O socio servindo de 2.º secretario

JOÃO FRANCISCO DE JESUS.

Sessão de 9 de Julho de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: — Srs. João Mendes Carreiro, Arnaldo Germano de Freitas e Silva, Francisco de Carvalho. Armando de Campos Palermo, Antonio Carvalho da Fonseca, Alberto da Costa Veiga, João Francisco de Jesus e José Maria Cerqueira Affonso.

Não tendo comparecido o sr. 1.º secretario, convidou o sr. Presidente um dos socios mais novos a occupar

o seu logar, cahindo a escolha em o sr. Freitas e Silva.

O 2.º Secretario leu as actas das sessões de 28 de maio, 11 de junho e tambem de 25 de junho de 1907, que foram approvadas.

O sr. Carvalho da Fonseca levantou um incidente sobre quem devia occupar o logar de 1.º secretario quando este não comparecesse ás sessões. Depois de terem tambem falado sobre este assumpto os srs. Francisco de Carvalho e Alberto Veiga, o sr. Presidente declarou que em harmonia com a nossa lei, que leu, quem deve occupar o logar de 1.º secretario, quando este não compareça, é um dos socios mais novos, que se acha presente, tal como havia feito, e não o 2.º secretario.

O sr. Alberto Veiga pede a palavra para declarar que se estivesse presente na sessão em que se tratou da reclamação contra a eliminação do Laboratorio Municipal do Porto, se teria associado com a melhor das vontades á manifestação feita ao sr. conselheiro Ferreira da Silva, illustre socio honorario.

Leu-se a correspondencia, da qual fazia parte um officio do sr. Mattos Miranda, em que este consocio diz ter sido instado para fazer parte da commissão encarregada de rever e apresentar parecer sobre o projecto de reforma de exercicio profissional elaborado por uma commissão official, e que com grande sacrificio accitou aquelle cargo, mas que não podendo continuar a exerc-lo, se demittia de presidente da mesma commissão.

Diz tambem, o sr. Mattos Miranda, que o seu officio é motivado pelo que a Sociedade lhe enviou, perguntando-lhe pelos trabalhos da referida commissão e pelos da commissão de pharmacia, declarando relativo a estes ultimos, que tem trabalhado e que espera brevemente apresentar parecer. Agradece tambem os pezames que lhe enviaram pela morte de seu tio.

O sr. Cerqueira Affonso diz ter insistido com o sr. Mattos Miranda, para que elle continuasse na commissão que tratava da refórma de exercicio, mas que não tinha conseguido demover s. ex.^a do seu proposito.

O sr. Presidente participa á assembléa que, tendo sabido do fallecimento do tio do sr. Mattos Miranda, lhe tinha mandado os pezames, em nome da Sociedade, havendo-lhe sido expedido um officio assignado pelo sr. 1.^o secretario n'esse sentido.

O sr. Francisco de Carvalho usa da palavra para dizer que era verdade ter o sr. Mattos Miranda accettato o logar de presidente da commissão, bastante constrangido, e a seu pedido, por serem muitas as suas obrigações.

E' lido um officio da commissão promotora da homenagem a Bernardino Machado, convidando a Sociedade a fazer-se representar na manifestação.

Os srs. Presidente e Francisco de Carvalho dizem que a Sociedade deve agradecer o convite; mas que, embora se trate de um homem digno do nosso respeito e de toda a consideração, não póde fazer-se representar, porque a nossa lei não lhe permite manifestar-se em assumptos mais ou menos politicos.

O sr. Freitas e Silva pede a palavra sobre o assumpto, e diz ser de parecer contrario, pois a Sociedade manifestando-se, iria prestar homenagem ao educador e ao homem de virtude exemplar. Faz a apologia do sr. conselheiro Bernardino Machado e refere-se á questão academica. N'esta altura, porém, o sr. Presidente faz sentir ao sr. Freitas e Silva que não póde continuar d'aquella fórma, pois que está tratando de assumptos politicos, o que prohibem, terminantemente, os nossos estatutos. O sr. Freitas e Silva insurge-se contra as observações do sr. Presidente; e como este não permite que o sr. Freitas e Silva continue n'a-

quella ordem de ideias, pede, verbalmente, a sua demissão e retira-se.

A convite do sr. Presidente toma o lugar de 1.º secretario o sr. Cerqueira Affonso.

O sr. Presidente agradece a valiosa offerta de livros, feita pelo sr. Alberto Veiga á Sociedade.

Tambem o sr. Presidente propõe um voto de sentimento, á que todos se associaram, pela morte da esposa do nosso collega Manuel Falcoeira, antigo socio e antigo secretario da Sociedade, que exerce a pharmacia no Rio de Janeiro, onde, para isto, fez o seu exame de pharmacia, com a apresentação do diploma conquistado numa das nossas escolas.

Que está lá honrando o nome portuguez, o que dizia com satisfação, e foi recebido com agrado.

Ainda o sr. Presidente communica que esteve no ministerio do reino até depois das 6 horas da tarde, com o sr. Fausto de Figueiredo, digno 1.º vice-secretario, e que chegou a entrar na sala das recepções; mas que eram tantos os que queriam fallar ao sr. ministro do reino, que, reconhecendo que mal lhe poderia fallar, se retirou; que a representação, porém, relativa ao Laboratorio Municipal do Porto, ha-de ser entregue brevemente, e que o sr. conselheiro João Franco ficou sabendo que era para isto que a Sociedade se lhe dirigia.

O 2.º Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Sessão de 30 de Julho de 1907

Presidencia do sr. José Pedro Estansláu da Silva

Socios presentes: — Srs. José Pedro Estansláu da Silva, Alberto Veiga, Fernando Mendes Pereira, João Francisco de Jesus, Domingos Estansláu da Silva,

Gaspar Maria do Nascimento, Jayme José da Costa, Luiz Fernandes Martins, Filippe Pereira de Mattos Miranda, Fausto de Figueiredo, Armando de Campos Palermo, Ernesto dos Santos, Rodrigo da Silva Ramos, Sebastião Victo d'Abreu e Silva e Mario Hugo da Costa Santos.

Não tendo comparecido o 1.º secretario, o sr. Presidente convida a occupar o seu logar, o sr. Fernando Mendes Pereira.

O 2.º secretario procedeu á leitura da acta da sessão de 9 de julho corrente.

Pede a palavra sobre a acta o sr. Francisco de Jesus que disse não dever constar da mesma, que o sr. Freitas e Silva tinha pedido a sua demissão, no decorrer da sessão, visto não poder fazê-lo em face dos estatutos.

O 2.º secretario declara que cumpriu apenas o seu dever, relatando na acta o que se passou na sessão; e que se o sr. Freitas e Silva não podia pedir a sua demissão, verbalmente, em plena sessão, tinha sido s. ex.ª quem havia transgredido os estatutos e não elle, que os tinha cumprido integralmente.

O sr. Fausto de Figueiredo pede a palavra, e diz que o 2.º secretario cumpriu o seu dever; e que elle e os mais socios que não compareçam em qualquer sessão, teem, contudo, o direito de saber o que n'ellas se passa; e que é pelas actas que teem de se regular.

O sr. Alberto Veiga é do mesmo parecer do sr. Fausto de Figueiredo.

Foi approvada a acta, por unanimidade, sem emendas.

O 1.º secretario lê a correspondencia, na qual se destaca um officio do Centro Pharmaceutico Portuguez, do Porto, convidando a Sociedade a fazer-se representar na grande reunião de classe, para se tratar do descanso semanal.

O sr. Presidente declara que, segundo as informações que obteve, dos seus collegas da mesa, o officio foi recebido em 24 do corrente, tendo a data de 23, e que a reunião devia effectuar-se em 27, pelo que se tinha tornado impraticavel, qualquer convocação para se deliberar o que havia a fazer, devido a tão pequeno espaço de tempo.

O sr. Francisco de Jesus diz que é de parecer que se faça uma reunião especial, para tratar d'este assumpto.

O sr. Presidente convida-o a fazer proposta.

Campos Palermo declara que está d'accordo, que haja uma sessão especial para tratar do assumpto, mas entende que ella só deve realisar-se depois de se ter officiado ao Centro Pharmaceutico do Porto, pedindo-lhe o resultado a que chegarem; e que tomando por base os trabalhos ali elaborados, a Sociedade entre na discussão de tão importante questão.

Fundamenta a sua proposta, dizendo que, depois de haver resoluções tomadas pelos nossos collegas do Porto, que tiveram a deferencia de nos convidar para os seus trabalhos, seria de má orientação ir fazer um trabalho novo, em que podia haver incompatibilidades grandes com o do Porto, embora alvejassem o mesmo fim, mas que teria por resultado o enfraquecimento d'ambos.

Foi approvada a proposta do sr. Francisco de Jesus, com o additamento de Campos Palermo.

Leu-se um officio do sr. Freitas e Silva, que faz referencias pouco proprias á assembléa e ao Presidente effectivo, sr. João Mendes Carreiro.

N'esse officio, d'entre outros periodos, salientam-se estes: «Quando entrei para essa Sociedade não contava com o espirito conservador das assembléas e com a incompetencia de V. Ex.^a»

«Só ahi voltarei quando vir que a orientação é outra e outra gente frequenta a Sociedade, etc.»

O sr. J. P. Estanislau da Silva declara que o motivo que o levou, na qualidade de vice-presidente da Sociedade, a assumir o logar de Presidente na assembléa de hoje, foi por ter recebido uma carta do sr. João Mendes Carreiro, dignissimo Presidente d'esta Sociedade, em que, com palavras de magoa, faz vislumbrao o desgosto profundo que lhe causára o desacato feito pelo sr. Freitas e Silva á Sociedade e, principalmente, a elle, que era o mais visado.

N'essa carta, que leu, pedia o sr. Presidente, que occupasse o sr. Estanislau da Silva o seu logar, pois não sabia se voltaria mais a exercer as funcções de Presidente, porque isso dependia da solução que fosse dada ao incidente pela Sociedade.

O sr. Estanislau da Silva terminou a leitura da carta bastante commovido e disse: que ha vinte e tantos annos que era membro da Sociedade, e que nunca tinha visto procedimento identico da parte de socio algum. Diz que emquanto durar aquelle incidente, não póde continuar n'aquelle logar, porque não é simplesmente um collega e consocio de Mendes Carreiro; é tambem um seu intimo amigo, e por isso pede ao sr. Fernando Mendes Pereira que exerça as funcções de Presidente, emquanto elle, para melhor poder expandir o seu sentimento por aquelle estranhavel facto, vae tomar logar na assembléa.

Occupar, pois, a cadeira de Presidente o sr. Mendes Pereira, e o sr. Estanislau da Silva pede que lhe seja concedido continuar no uso da palavra, o que lhe é deferido.

O sr. J. P. Estanislau da Silva continua dizendo que lhe tinha sido bastante dolorosa a noticia da ingratição, da flagrante injustiça praticada para com o digno presidente d'esta Sociedade.

Que João Mendes Carreiro tem sido um dos mais desvelados amigos da Sociedade, tendo occupado quas

todos os cargos do funcionalismo da Sociedade, com dedicação rara, e muita aptidão.

Foi elevado a Presidente da Sociedade pelo conhecimento verdadeiro, que todos tinham dos relevantes serviços que a ella havia prestado, e por todos conhecerem ser elle um espirito de ordem e conciliação.

Abusou, talvez a Sociedade d'elle, exigindo-lhe mais este difficil encargo, quando é certo que só com grande sacrificio, como tem feito, elle podia cumprir o seu mandato, devido á sua vida pensionada; mas quando lhe disseram que a Sociedade precisava dos seus serviços, esqueceu tudo para só d'isso se lembrar.

Ha só uma attenuante, se isso se lhe póde chamar: é que o socio, que tão mal se conduziu, é de ha meia duzia de dias, e nem a vida pharmaceutica exerce, pelo que não admira que desconheça aquillo que devia conhecer.

Esse socio, que tem mostrado sempre, ser muito arrebatado, podia n'um impulso commetter qualquer imprudencia; mas, pensadamente, decorrido dias d'um conflicto insignificante, havido n'uma assembléa, vir acintosamente offender a Sociedade e a pessoa do seu esclarecido Presidente, é commettimento que não tem desculpa, e que precisa ser punido.

O sr. Presidente diz que não sabe se tornará a occupar o logar para que o elegêmos, porque isso depende da resolução que a Sociedade tomar sobre o assumpto. Pena é que sua ex.^a não esteja ouvindo as nossas palavras, para não ter duvidas, e saber que ainda ha justiça, que ainda ha gratidão e que ainda ha recompensa para aquelles que possuem um caracter como o d'elle.

Que não terminará sem informar a Sociedade de que o nosso consocio sr. Francisco de Carvalho, não está em Lisboa, por ter ido á Chamusca, devido a um motivo imperioso; mas escreveu-lhe, e na carta mostram o sr. Carvalho a sua magoa «pela offensa feita a

quem, pelo seu elevado character, intelligencia e serviços prestados, só merece gratidão e nunca offensas».

Que lhe pede para informar d'isto a Sociedade, e que «o considerem presente, para tudo quanto tenda a desaggravar quem só merece louvores, e foi d'uma grande benevolencia para com o sr. Freitas e Silva, deixando-o falar livremente, e só intervindo quando se excedia e compromettia o prestigio da Sociedade.

«Que ficassem, pois, todos certos, que se associava, com enthusiasmo, como socio e amigo sincero que é de João Mendes Carreiro, pelas suas nobilissimas qualidades, á manifestação que se lhe faria, da qual não duvidava, por conhecer que a Sociedade quer ordem, e que se mantenham as suas nobres tradições.»

Por fim, o sr. José Pedro, declarou que gostosamente informára a assembléa do sentir do sr. Francisco de Carvalho, e que passava a apresentar a seguinte moção:

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, attentas as incorrecções manifestadas verbalmente, e em officio de 22 do corrente, pelo socio sr. Arnaldo de Freitas e Silva, resolve, sem mais considerações, acceitar a demissão de que trata o citado officio do referido socio, e declarada pelo mesmo senhor na sessão ultima, em que abandonou o logar de secretario que estava exercendo e a propria sessão; e, commentando este facto, muito mais o sente por ter havido n'esse incidente offensa ao nosso illustre e presadissimo Presidente, a quem a Sociedade confere as mais elevadas provas de estima e apreço, attentos os seus meritos pessoaes e profissionaes, além dos muitos e importantes serviços prestados a esta corporação pela sua intelligencia, dedicação e zeloso criterio; e desprezando, como merecem, os factos que inibem o mesmo sr. Presidente de estar n'este momento occupando o seu elevado car-

go, convida-o grata e carinhosamente a continuar no desempenho da sua missão, declarando-lhe firmemente que repudia por inconvenientes e insensatos, os fundamentos que originaram os tão respeitáveis melindres de S. Ex.^a, e, considerando findo o incidente, passa á ordem da noite.

O socio honorario

JOSÉ PEDRO ESTANISLAU DA SILVA.

Pede a palavra sobre a moção o sr. Francisco de Jesus. Levantam-se varios socios, que dizem, que se a moção não fôr votada, por unanimidade, sahirão de socios.

O sr. José Pedro Estanislau da Silva diz que deve ser concedida a palavra ao sr. Francisco de Jesus, porque é provavel que elle, como proponente do sr. Freitas e Silva, se queria justificar de o ter proposto.

O sr. Francisco de Jesus responde, exactamente.

E' dada a palavra ao sr. Francisco de Jesus, que declara não concordar com o officio do sr. Freitas e Silva, nem com a demissão que pediu na ultima sessão, por não poder faze-lo; mas attribue isso a levianidade, e que tem a certeza de não querer aquelle socio offender o sr. Presidente.

O sr. Fernando Mendes Pereira diz, que conhece muito bem o sr. Freitas e Silva, porque foi seu discipulo, durante 10 mezes. Sabe que foi uma creancice mas, que creancices d'aquellas, que se punem, e é o que a Sociedade vae fazer.

Sua ex.^a declara que um officio d'aquelles dirigido a um homem, como Mendes Carreiro, é desprezivel.

Campos Palermo requer que seja posta a moção á votação com prejuizo dos oradores inscriptos. E' approvado por unanimidade.

Posta a moção á votação foi approvada por unanimidade.

Depois da votação o sr. Francisco de Jesus pede que;

seja novamente lida a moção, porque diz não ter ouvido bem, mas o sr. Presidente responde que não póde mandar fazer a leitura da moção, porque já foi votada e unanimemente approvada.

O sr. Francisco de Jesus declara que então rejeita.

O sr. J. P. Estanislau da Silva retoma o seu logar.

Ordem da noite *

Teve 1.^a leitura uma proposta para socio correspondente.

Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram onze horas e tres quartos da noite.

O 2.^o secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

VARIEDADES

O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia ¹

(Continuado de pag. 140)

Sobre o ultimo concurso ficaram alguns dos nossos collegas em duvida do motivo porque houve duas classificações.

Eu esclareço.

Como disse, o concurso era de provas praticas e documentaes. As provas praticas constaram d'uma analyse chimica *ad hoc*, e de duas preparações pharmaceuticas pelo mesmo systema.

Ficaram classificados no 1.^o grupo, com 15 valores, o signatario, Joaquim Pedro de Moraes, Jayme José da Costa, Fausto Cardoso de Figueiredo e Simões.

¹ Ainda sômos obrigados a retirar parte do artigo do nosso illustre consocio sr. Armando de Campos Palermo, que publicaremos em o numero seguinte.

Houve outro grupo de 14 valores de que fez parte o sr. Horacio Pimentel e mais alguns.

Houve ainda outras classificações interiores, tendo ficado dois pharmaceuticos de 1.^a classe desclassificados.

O parecer, com as classificações, foi mandado para a Direcção Geral de Marinha, onde depois foi submettido á apreciação d'uma junta composta de 4 medicos, que fizeram depois um parecer final, em que classificaram os concorrentes, segundo as provas praticas e documentaes.

Foi esta junta que simplesmente classificou pelos valores das cartas, não se importando com a cathegoria de cursos, attribuindo á parte pratica um valor muito insignificante.

O jury do concurso da Marinha deixou a melhor impressão nos concorrentes, o que contrastou bastante com o tal jury apedantado da Misericordia.

D'esse jury fizeram parte os nossos collegas srs. Joaquim Urbano da Veiga e Bento Pereira Pedroso, collegas que se portaram dignamente.

Agora comece o sr. Fragoso a descarregar palmas, toadas n'um dos segundos classificados em provas, que, a quem incharão as mãos, será aos concorrentes que ficaram mais abaixo, e entre elles está o tal, que pena é que não tivesse ficado, pelos dotes de saber e intelligencia, e por quem o *illustre sabio* quebrou lanças, quando foi do concurso para Lente de Pharmacia, mas a quem não achou competencia para a Misericordia.

Não terminámos no numero antecedente a nossa narração, sobre o edificante concurso para pharmaceutico da Misericordia, devido á muita abundancia de original relativo a assumptos que não podiam ser addidos, pelo que só parte do nosso artigo foi publicado.

Vamos fazel-o hoje, pois não só já o tinha prometido, como tambem depois da confissão do sr. Emilio Fragoso, em que dá claramente a entender que estava incommodado de saude, quando fez parte do jury do concurso, o que o obrigou a estar sentado e a não acompanhar convenientemente os trabalhos — que foram algo movimentados — não quero, por fórma alguma, perturbar a sua convalescença. O que podia era ter dito isso ha mais tempo, e não estar a esforçar-se por mostrar a legalidade d'aquillo.

Não obstante o sr. Fragoso ter classificado de estopante a minha narração, o caso é que pouco ou nada tem dito que contradiga as minhas afirmações.

Sobre as suas pegadilhas, vou eu dizer :

O sr. Fragoso accusa-me de pouca memoria, dizendo ter eu escripto no penultimo numero que elle tinha feito interrogações ao sr. Silva, sobre o sôro physiologico gelatinado, quando este o ia esterilisar. Leia o sr. Fragoso outra vez e verá que não está lá isso, mas sim que tinha sido o sr. presidente Alfredo Luiz Lopes.

E' pois s. ex.^a que não lê bem, e não eu que estou falho de memoria, que é uma das melhores coisas que actualmente possuo.

Outro ponto a que se refere o sr. Fragoso, é o ter eu derramado o mercurio quando estava fazendo a tomada.

Quem lêr aquillo ha de julgar que quando eu estava extinguindo o mercurio o fazia de modo que era projectado para fóra do gral.

Pois não é nada d'isso.

O sr. Fragoso lança mão dos seus dotes de prestidigitador, mas nós cá estamos para lhe descobrir as sortes.

O que se deu, foi o seguinte :

Fiz a tara a uma capsula, para n'ella pesar o mercu-

rio. Este estava dentro d'uma botija, que devia conter approximadamente uma arroba d'este irrequieto metal, dando em resultado ter que fazer exercicios athleticos para o deitar na capsula, indo um dos jactos do mercurio bater n'um dos pontos da parede da capsula, tombando-se esta, o que era facilimo n'estas condições, devido á grande convexidade do seu exterior.

Foi por isto que se entornou o mercurio, e não pelo que o sr. Fragoso quiz fazer entender. Sobre este ponto nem de leve o jury deveria tocar, porque obrigou — devido á insufficiencia do aparelho — os concorrentes a supportar, durante mais de hora e meia, o nocivo e fétido cheiro a ovos pôdres do sulphydrico.

A fartura foi de tal ordem que os metaes, que, digase a verdade, estavam bem limpos, ficaram completamente negros.

Disse ao presidente que nos estavam envenenando e que aquillo devia ser feito d'outra fórma, mas aquelle illustre *pharmacotecnico* respondeu que não fazia mal, porque a casa era muito grande.

Parece que gosta d'aquelle cheiro . . .

Outra referencia do sr. Fragoso: é sobre o sulfo-cyaneto de potasio, cujo soluto estava vermelho, e que portanto esse reagente devia ser inutilisado, porque devendo o seu soluto ser incolor e dar com os saes ferricos uma colloração vermelha, desde que já o estivesse, dar-nos-ia sempre a reacção dos saes ferricos, embora os não houvesse.

O sr. Fragoso então diz que ha muitos vermelhos e que aquelle é sanguineo, e eu me esqueci de o dizer.

Temos conversado, senhor Fragoso! . . .

Leia a analyse chimica do nosso mallogrado collega e compatriota Roberto Duarte Silva, no artigo reagentes, e ahi verá que a solução do sulfo-cyaneto de potasio é bastante alteravel, e que o eminente chimico diz que aquelle reagente é o melhor dos saes ferricos

com os quaes dá uma coloração *rouge*; e lá não o havia capaz.

Parece-me que a traducção de *rouge* é vermelho, e não indica sanguinio ou qualquer outro tom.

Já vê que se este humilde pharmacopola merece palmatoadas por ter escripto aquillo, tambem o illustre morto as ha de sentir, e outros distinctos chimicos.

O senhor Fragoso á falta de ter onde pegue, agarra, na verdade, em coizas muito escorregadias.

Com respeito á exclamação do sr. Fragoso... Isso são altas chimicas! quando eu pretendi fazer a reacção da chlorhydrina chromica, para confirmação da existencia de chloretos no sulfato de sodio, confesso que a fiz, pois diz que até encolheu os hombros com aquella inutilidade, porque todo o soluto tinha dado abundante precipitado com o azotato de prata.

Era evidente que se tratava de chloreto.

Ai! palmatoria, palmatoria! que bem precisas ser agarrada pelos 5 olhos em vez de ser pelo cabo...

Pois o sr. Fragoso não sabe que o Azo^3Ag é um reagente geral dos acidos ou do genero dos saes, assim como o SH^2 o é dos metaes.

O azotato de prata dá precipitados brancos, abundantes com diversos corpos, segundo a natureza e quantidade d'estes.

O que Roberto Duarte da Silva e todos os chimicos não omittem é a caracterisação d'esse precipitado, que é importantissima, pois facilimo é confundil-a, e o sr. Fragoso, que d'esta vez queria as minuciodades todas, deixa escapar isto, com a aggravante de ser na occasião de estar censurando outrem que falou em vermelho e não disse sanguineo, como se elle conhecesse outras reacções do sulfocyaneto de potasio com outros corpos e que dêem vermelho sem ser sanguineo...

(Continúa)

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 13 de Agosto de 1907Presidencia do sr. **João Mendes Carreiro**

Socios presentes : Srs. João Mendes Carreiro, Francisco de Carvalho, José Cerqueira Affonso, Paschoal José de Moura, João Francisco de Jesus, Jayme José da Costa, Luiz Seabra Lopes e Gaspar do Nascimento.

Aberta a sessão ás 9 ¹/₂ horas da noite, e, não tendo podido comparecer os srs secretarios, foram convidados, pelo sr. Presidente, a occupar os logares de 1.º secretario o sr. José Cerqueira Affonso e de 2.º secretario o signatario.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, depois dos srs. Francisco de Carvalho e Paschoal José de Moura justificarem a sua falta á sessão citada, sentindo não terem podido comparecer para, pessoalmente, se associarem á fórma correcta e digna, em que a assembléa se manteve no percurso do lamentavel incidente que se deu.

O sr. Presidente agradece as palavras que acabam de lhe ser dirigidas, e congratula-se pelo facto da Socie-

dade ter desagradado, tão levantadamente, um dos seus funcionarios duramente offendido.

O sr. Presidente disse a seguir: Que tinha a cumprir o doloroso dever de participar á Sociedade o fallecimento do seu illustre Presidente honorario sr. Conselheiro Hintze Ribeiro em cujo funeral se incorporaram muitos membros da classe pharmaceutica ou fosse por expontanea deliberação ou fosse em virtude do convite que, para tal fim, a Mesa resolveu publicar em alguns jornaes da capital.

Que pensou proferir, junto do tumulto do insigne estadista, algumas palavras expressivas do sentimento geral da classe, que alli representava; mas, assim como aconteceu ao representante da Academia Real das Sciencias e a outras individualidades, foi-lhe impossivel realizar o seu intento, em virtude da hora avançada a que terminou o discurso do ultimo orador.

Do logar que occupa e na primeira sessão realisada apoz o triste acontecimento, impõe-se-lhe o dever de prestar culto á memoria de tão prestimoso amigo da classe pharmaceutica.

Que a reforma do ensino, com que o sr. Conselheiro Hintze Ribeiro nobilitou as funcções sociaes do pharmaceutico portuguez, conquistava lhe o direito á consagração que se lhe fez n'essa belia festa inaugural do seu retrato, sessão inolvidavel, na qual a palavra fluente, brilhante e correctissima do grande homem d'estado arrancou frémios d'enthusiasmo e de carinhosa admiração a todos que desvanecidamente o escutaram.

Elle era ainda uma risonha esperanza para a classe pharmaceutica, porque lhe havia prometido a reforma d'exercicio profissional, que elle mesmo reputava o complemento necessario da reforma do ensino, promessa que certamente cumpriria na primeira situação ministerial a que presidisse.

Se é licito, pois, ao paiz, em geral, chorar a perda

de tão insigne e preclaro cidadão, ponderando as bellas qualidades que lhe esmaltavam a intelligencia e o character, é dever indeclinavel da classe pharmaceutica abençoar compungidamente a sua memoria, envolvendo-a nos suaves effluvios da mais legitima e perduravel gratidão.

Finalisa propondo que na acta se consigne um voto de profundo pezar pelo passamento do conselheiro Hintze Ribeiro, que á sua inconsolavel e amantissima esposa se dêsse conhecimento do facto, e que a sessão fosse encerrada em tributo de saudade e respeito pela memoria do chorado estadista.

O sr. Francisco de Carvalho approvando o apresentado pelo sr. Presidente, e depois de proferir sentidas palavras ácerca de tão luctuoso acontecimento e de mostrar tambem o muito que a Sociedade perdeu, lembra que a Mesa seja encarregada de transmittir á viuva do illustre extincto, os sentimentos da Sociedade.

Todos os socios presentes, usando da palavra, approvaram os alvitres apresentados pelos oradores antecedentes, tendo palavras de verdadeira magua pelo falecimento de tão prestante cavalheiro, depois do que, foi encerrada a sessão. Eram 10 1/2 horas da noite.

O socio servindo de 2.º secretario

GASPAR DO NASCIMENTO.

da Ordem dos Farmacêuticos

Sessão de 27 d'Agosto de 1907

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, João Francisco de Jesus, Jayme José da Costa, José Nunes, João Filippe de Mattos Miranda, José Allemão Cisneiros de Faria, Armando de Campos Palermo, Luiz Fernandes Martins, Gaspar do Nascimento, Valladas Preto,

Francisco de Carvalho, Paschoal José de Moura e Alberto da Costa Veiga.

Não estando presente o 1.º secretario, o sr. Presidente convidou a occupar o seu lugar o sr. Luiz Fernandes Martins.

Lida e approvada a acta da sessão anterior (13 de agosto de 1907) o primeiro secretario procedeu á leitura da correspondencia, na qual havia uma carta d'um collega, consultando a Sociedade sobre se podia nos domingos, dia destinado para o descanso da maioria das classes trabalhadoras, vender productos que outros estabelecimentos tambem costumam vender, taes como vinho do Porto.

A assembléa manifesta-se no sentido de que todos os pharmaceuticos podiam exercer o seu mister, fosse qual fosse o dia, e que, portanto, podia vender tanto n'aquelles dias como nos outros, o que até aqui a lei lhe tem permittido vender.

Como o consulente especificasse o vinho do Porto, duvida alguma ha sobre a venda d'este producto, quando destinado a convalescentes, pois se encontra no codigo official que é a Pharmacopéa Portugueza, e no regimento de preços.

O sr. Francisco Jesus falou por algum tempo sobre os meios a empregar para o levantamento da classe pharmaceutica, desenvolvendo o seu largo plano, no que revelou muito trabalho.

O signatario pediu a palavra, e disse que tinha ficado com a palavra reservada na sessão em que os srs. Francisco de Jesus e professor Carvalho da Fonseca haviam falado sobre vinhos, e o ultimo tambem em experiencias physiologicas feitas com laudano de Sydenham; mas, que não tendo o sr. F. de Jesus concluido a sua exposição, faltando-lhe ainda a 2.ª parte, que sua ex.ª affirmou referir-se a vinhos quinados, e não estando presente o sr. Carvalho da Fonseca, pedia ao sr. Fran-

cisco de Jesus que concluisse a exposição do seu estudo, e que depois, quando estivessem os dois na mesma sessão, responderia a ambos.

O sr. Francisco de Jesus diz que não tem duvida em proseguir, e pede a palavra para esse fim.

O sr. Presidente dá a palavra ao sr. Francisco de Jesus.

Este socio começa por dizer que a pharmacopéa, na secção que trata de vinhos, se refere apenas, para o seu uso, á força alcoolica, não esclarecendo nem exigindo mais cousa alguma sobre outros pontos de vista oenologicos.

Demonstra sua ex.^a a importancia da quantidade de tannino do vinho, para a preparação do vinho quinado; descreve o processo de destannisar o vinho, por intermedio da gelatina em pó, dizendo ser o processo bastante delicado, e declara ser de parecer de que os vinhos de quina devem ser feitos com quina amarella, visto ser a que maior percentagem tem de quinina.

O sr. Francisco de Jesus diz que o pharmaceutico deve proceder á dosagem de tannino dos vinhos para usos medicinaes, e que a media de tannino para os vinhos do Porto deve ser de 0,3 a 0,4 grammas por litro.

Foi approvedo socio effectivo (por unanimidade) o sr. Antonio Maria Simões Ferreira.

Tiveram primeira leitura duas propostas para socios effectivos — propostos pelo signatario.

O sr. Presidente pergunta se alguem deseja a palavra para antes de encerrar a sessão.

Pedem a palavra varios socios para tratar do descanço semanal

Falam contra o encerramento das pharmacias os srs. Alberto Veiga, Jayme José da Costa, Cisneiros de Faria e Mattos Miranda, e a favor os srs. José Nunes, Francisco de Jesus e Campos Palermo.

O sr. Francisco de Carvalho declara que não foi á reunião de classe, para que o convidaram, por não ser pharmaceutico estabelecido, pois a sua posição o obrigava á mais absoluta imparcialidade.

O sr. Presidente diz que é de parecer que a Sociedade não deve intervir no assumpto, depois dos trabalhos que a classe tem encetado lá fóra para este fim.

Os srs. Francisco de Carvalho e Alberto Veiga concordam com a opinião do sr. Presidente, accrescentando o sr. Carvalho que era pequeno o numero de socios para resolver caso tão importante, que devia ficar para outra sessão.

O signatario, depois de uma serie de considerações, que se baseiam principalmente no sentido da attitude do sr. Presidente, allegando que houve duas grandes reuniões da classe, para que todos os pharmaceuticos foram convidados, promovidas pela Associação dos Pharmaceuticos Portuguezes, e a que tinham ido muitos socios da Sociedade, achando-se alguns presentes, e outros ainda mandado adhesões á commissão organisadora, e portanto, estarem os trabalhos organisados de fórma que toda a classe se podia manifestar, propoz que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana não se envolva na questão do descanso semanal e deixe a continuação dos trabalhos d'este assumpto á Associação dos Pharmaceuticos Portuguezes, que n'elles já tomou parte activa.

Todos os socios applaudiram a proposta, e como se esperasse que a decisão da assembléa sobre este assumpto seria affirmativa, para se encerrar a sessão, os representantes dos jornaes retiraram-se.

Quando, porém, o sr. Presidente foi pôr a proposta á votação retiraram-se alguns socios; e como não houvesse numero para continuar a sessão o sr. Presidente desigou uma sessão especial, para tratar d'este assumpto, no dia 31 do corrente, pelas 8 horas da noite.

Encerrou-se a sessão ás 11 e tres quartos da noite.

O 2.º SECRETARIO

Armando de Campos Palermo.

PHARMACIA.

Processos facéis de esterilisação

Nas condições precarias em que a Pharmacia se encontra em Portugal, tanto sob o ponto de vista scientifico como pecuniario, devido a ser ainda pouco o tempo, em que a ultima lei do ensino pharmaceutico tem feito sentir os seus beneficios, e não haver ainda uma reforma do exercicio profissional, complemento d'aquella, tem-se conservado n'um estado de pouco desenvolvimento a parte da Pharmacia que trata das esterilisações, não obstante o estado da sciencia actual impôr aquellas operações ao pharmaceutico, e o futuro lhe garantir uma grande propagação.

Até ha pouco tempo, as esterilisações eram em Portugal, para a maioria dos que as deviam conhecer de perto, coisa mysteriosa, e só depois das principaes nações as terem utilisado ha muito, é que em Portugal se começou a tratar do assumpto, que é da maior importancia.

Ainda ha poucos mezes observámos o lamentavel caso de, no primeiro hospital do paiz, não saberem explicar a theoria do funcionamento do autoclave, e na pratica errarem o seu funcionamento.

O que existe publicado sobre esterilisações pharmaceuticas, não é muito, mas muito ha a fazer. Comtudo, quem estudar o assumpto e saiba a que elle visa, estudando um pouco de bacteriologia e tendo os vastos conhecimentos que hoje se exigem ao pharmaceutico

portuguez, poderá com vantagem triumphar de todos os que actualmente lidam com tal materia.

Muito poderíamos escrever a tal respeito; o nosso fim, porém, não visa (principalmente porque não temos competência para isso) a fazer exhibição de grandes conhecimentos, mas sim a mostrar, áquelles que distantes dos grandes centros, onde mais depressa irradiam os conhecimentos, ou que não possuindo o estudo ou os tratados onde estas questões se explanam proficientemente, os processos mais facéis de, sem grande material, fazerem as esterilisações que lhe possam ser exigidas com urgencia, e ainda os productos esterilizados que poderão conservar nas suas officinas, para quando fôr opportuno.

Posto isto, vâmos começar por dar uma ideia das coisas, que teem relação directa com o que nos propuzemos tratar.

Assepsia e antisepsia

Diz-se que qualquer corpo está asseptico, quando está completamente isempto de microbios ou dos seus órgãos reproductores.

Um corpo n'estas circumstancias não poderá dar origem a qualquer sêr, quer animal quer vegetal, sem que seja contagiado pelo meio exterior.

Foi Pasteur quem demonstrou esta verdade e a collocou em bases seguras, com os seus memoraveis trabalhos, deitando por terra a theoria das gerações exponenteas.

Um ser vivo provém sempre d'outro ser vivo.

Como os microbios ou micro-organismos e os seus órgãos reproductores se acham profusamente espalhados na Natureza; e como são muitos d'estes microbios que produzem as doenças contagiosas, tão numerosas, que causam as fermentações diversas, e alteram em fim, com o tempo, todos os corpos organisados, e a

maioria das materias organicas, o seu estudo tornou-se imprescindivel para quasi todos os ramos da sciencia humana.

Como é ao pharmaceutico, que compete a manipulação e expedição das substancias, de que o medico precisa para tratar os doentes, e sendo as infecções doenças microbianas, tem o pharmaceutico de preparar os medicamentos precisos para taes doenças, devendo por isto ter conhecimento preciso d'esta especialidade.

Tem o pharmaceutico tambem de saber em que condições deve preparar, acondicionar e expedir não só as substancias, que são necessarias para combater as doenças contagiosas, como tambem as que tendem a evitar que se dêem.

Os corpos assepticos são exactamente aquelles que convem empregar, quando se trata de evitar que haja infecções, como acontece nas operações chirurgicas, no tratamento de certas feridas, e ainda em todos os casos em que se reconheça que a acção do contacto pode dar origem a uma infecção.

O corpo asseptico tem, portanto, o fim de evitar o contagio microbiano.

A asepsia tem por fim pôr os corpos isemptos de germens.

Corpo septico é o que tem microbios ou os seus órgãos reproductores, isto é, germens capazes de se reproduzir e de irem infectar outros corpos.

(Continúa)

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Pomada d'acido borico, por Max Nyman (1)

Na maior parte das pharmacopeas, a pomada d'acido borico contem 10 por 100 d'acido borico. O exci

(1) Farmaceutiskt Notisblad (orgão da Sociedade dos Pharmaceuticos Finlandezes).

piente é a banha benzoinada (Dinamarca), a vaselina ou o unguento de parafina (Inglaterra, Allemanha, Estados Unidos, França, Hollanda, Noruega, Suissa, etc.; ou ainda uma mistura de vaselina e gordura de lã (Suecia). Na Finlândia fornece-se habitualmente nas pharmacias uma pomada conhecida por «unguento borico de Lister», ainda que a sua composição não corresponda á da prescripção original ingleza, na qual a proporção do acido borico attingia 25:100, sendo o excipiente formado de cera branca, oleo de amendoas e parafina.

A pomada borica é empregada para proteger a epiderme, e attribuem-se-lhe fracas propriedades antisepticas. Admitte-se que o acido borico impede o desenvolvimento dos micro-organismos, e que a pomada é e fica estéril. O acido borico possui, com effeito, algumas propriedades antisepticas. Koch observou, experimentando sobre bactérias carbonosas desprovidas de spóros, que o acido borico demora o seu desenvolvimento já na dóse de 1:1250, e que impede na dóse de 1:800. Mas os spóros carbonosos tratados durante seis dias por um soluto a 5 p. 100, apesar de enfraquecidos, não são destruidos.

Sabe-se, alem d'isto, que o acido borico é um acido muito fraco, e que tem a propriedade de formar com os compostos organicos e muitos hydroxis, taes como a saccharose, mannita, glicerina, etc., acidos complexos de reacção acida bem mais pronunciada. Oswald supõe que, nestes novos acidos, os atomos de hydrogenio são provavelmente substituidos pelo boryle, BO , radical monovalente.

Como quer que seja, estas combinações complexas são consideradas tambem como antisepticas, e Kahlenberg e True estabeleceram que exercem uma acção bem mais nociva que os acidos simples sobre as funções vitas dos germens das plantas superiores. Mas

não se póde admittir que, mesmo na preparação da pomada finlandeza, a qual se aquece a 80.^o, haja saponificação pelo acido borico, com uma certa quantidade de materia gorda, pondo em liberdade a glycerina e formação d'um acido complexo. Nada de semelhante, póde produzir-se, em todo o caso, com as pomadas cujo excipiente é a vaselina ou parafina.

Emfim, R. Koch demonstrou que os agentes de desinfecção não actuam sobre as cellulas bacterianas senão em soluto aquoso, porque é sómente n'estas condições que o veneno protoplasmico póde penetrar nas cellulas. Os productos antisepticos, dissolvidos n'um corpo gordo, perderiam, pois, as suas propriedades.

Todos estes factos e considerações, contrarios á opinião que se tem formado das propriedades da pomada borica, tão empregada, levaram Max Nyman a fazer pesquisas methodicas para se certificar se, realmente, a dita pomada era aseptica e antiseptica. O seu processo experimental consistia em introduzir, tomando as necessarias precauções, pequenas quantidades de pomada no meio de cultura em placas (gelatina e gelose) ou em caldos.

Fez os seguintes ensaios: 1.^o em pomadas de excipientes varios, e cuja percentagem em acido borico era muito diversa; 2.^o sobre pomadas antigas e recentemente preparadas.

Todas as pomadas, contendo pelo menos, 10 p. 100 d'acido borico mostraram-se asepticas; não deram lugar a cultura alguma. As que continham menos acido borico, pelo contrario, deram origem ao desenvolvimento d'organismos, tanto na cultura em placas como em caldos.

A pomada borica de Lister, addicionada de 1:100 d'albumina, examinada depois de quatro mezes, conservava-se estéril, emquanto que a mesma mistura sem

acido borico se apresentou infectada, o que prova que o acido borico opéra como desinfectante.

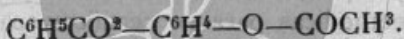
Como conclusão do conjuncto dos seus trabalhos, Max Nyman crê poder affirmar que as pomadas com uma percentagem minima de 10:100 de acido borico são estéreis.

G. N.

MEDICAMENTOS NOVOS

Vesipyrina: examinada pelo Dr. F. Zernik. (1)

A vesipyrina é o ether acetico do salol: tem por formula



Este producto tem sido preconisado recentemente, como anti-rheumatismal e desinfectante da urina; não tem nenhum dos inconvenientes do acido salicylico e do phenol: a sua dóse média é de 1 gr. por dia.

O producto examinado pelo dr. Zernik é um pó branco crystallino, sem cheiro nem sabor sensiveis, fundindo a 97°; insoluel na agua, soluvel nos outros dissolventes. Para identificar a vesipyrina o dr. Zernik indica saponifical-a por uma lexivia alcalina; saturando-a pelo acido chlorhydrico produz precipitado de acido salicylico e apparece o cheiro do phenol. A vesipyrina não deve conter acido salicylico nem phenol livre, e não deve ceder coisa alguma á agua mesmo depois da ebulição.

G. N.

(1) Apotheker Zeitung.

FORMULARIO

sal de Carlsbad (1)

Segundo uma analyse do dr. Ek-kert, o sal de Carlsbad natural em pó, apresenta a seguinte composição:

Sulphato de potassio	3,41	%
Carbonato de lithina	0,19	»
Bi-carbonato de sodio	34,04	»
Carbonato de sodio	1,77	»
Sulphato de sodio	42,10	»
Chloreto de sodio	18,14	»
Tri-borato de sodio	0,01	»
Oxido de ferro	0,002	»
Acido silicico	0,002	»
Iodeto de sodio	0,00046	»
Agua	0,32	»
Ca e Mg	vestigios	

O Codex allemão dá, para o sal de Carlsbad artificial, uma formula que se approxima nas suas linhas geraes da composição acima referida:

Sulfato de potassio	2
Bi-carbonato de sodio	36
Sulfato de sodio secco	44
Chloreto de sodio	18

A Pharmacopeia belga ed. III dá a mesma formula que a Pharmacopeia allemã, mas accrescenta que «6 grammas d'este pó, dissolvido num litro d'agua, produz uma agua mineral analoga á de Carlsbad».

(1) Journal de Pharmacie d'Anvers.

Sabão dentifricio

O sabão seguinte, é excellente como dentifricio.

Thymol.....	0,05 centigr.
Extracto de ratania.....	1 gr.
Glycerina.....	10 »
Magnesia calcinada.....	0,50 centigr.
Borato de sodio.....	4 gr.
Essencia de hortelã.....	XX gottas.
Sabão medicinal.....	30 gr.

Applica-se com uma escova.

(*La Presse Médicale*).

Pó contra a hyperhydrose dos pés:

Per-borato de sodio.....	15 grammas
Oxido de zinco.....	10 »
Talco.....	75 »

Praticam-se pediluvio quotidianos com soluto de perborato de sodio a 2:100, e polvilham-se os pés com este pó.

G. N.

VARIEDADES

**O concurso para chefe dos serviços
pharmaceutics da Santa Casa da Misericordia**

(Continuo de pag. 160)

Como eu dizia que Ferreira da Silva e outros chemicos de nomeada, davam grande importancia á reacção da chlorhydrina, e por isso eu a queria fazer, o sr. Fragoso quiz ver se nos livros dos auctores que eu citava encontrava materia contraria, e julgou tel-a achado, porque no livro de analyse chimica de Ferreira da Silva ou n'outro qualquer, se dizia que o empreg do

So^4H^3 e $\text{Cr}^2\text{O}^7\text{K}$ permittia distinguir os chloretos dos brometos e iodetos.

Pois o sr. Fragoso não sabe que o sulfato de sodio póde conter aquelles corpos, com grande facilidade, devido ao processo de preparação?

No meu relatorio descrevi um processo de preparação do sulfato de sodio, em que quasi sempre o sulfato de sodio contem aquelles corpos, justificando com a descripção do processo o motivo porque tinha investigado os ditos corpos.

E julga o sr. Fragoso, de pouca importancia, n'uma analyse de sulfato de sodio, ir verificar se ha lodetos, Brometos ou Chloretos, ou se ha os tres?

Não sei que juizo formará d'isto, e portanto deixo á sua mentalidade a resposta.

Disse tambem o sr. Fragoso, ter eu perdido um tempo precioso doseando a agua de crystallisação do sulfato de sodio, (trabalho que só eu fiz) pois não tem importancia.

Leia o Dupuy, na secção que trata das principaes alterações que os corpos experimentam, devido a variadas circumstancias, e ahi encontrará — por acaso — como primeiro corpo, apontado, o sulfato de sodio. Dupuy é tambem um mestre, e eu não tenho a pretensão de ter inventado nada do que fiz nem do que aqui tenho escripto; é tudo o que os mestres e a experiencia me têm revelado.

Foram estes os pontos de referencia do sr. Fragoso, aos quaes eu acabo de responder; e cada qual que formule as considerações que entender. E o sr. Fragoso não queira mais fazer parte de jurys, quando estiver doente, porque as faculdades intellectuaes recentem-se muito com o mau estar physico.

Ha muito quem attribua a perda da campanha da Russia, por Napoleão I, a uma constipação, que o impediu de traçar os seus planos com a sua habitual pericia.

E adeus, até outro concurso de que o digno collega faça parte, porque não quero tirar-lhe o prazer de lá me ver.

E o Brandão que tenha paciencia.

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

ROBERTO DUARTE SILVA

(Continuado de pag. 120)

N.º 9

Noticias sobre os obsequios funebres
em honra de **ROBERTO DUARTE SILVA**

N.º 1

O enterro d'este nosso sabio compatriota verificou-se em Paris no dia 11, sendo os officios funebres resados na egreja de Saint-Severin, ao meio dia. Presidiu ao sahimento o sr. FRIEDEL, membro do Instituto de França e intimo amigo do finado, e acompanharam-n'o as primeiras summidades das escolas de Paris. A Escola Polytechnica de Lisboa fez-se representar na triste cerimonia.

Os convites da parte de sua familia e de seus amigos enumeravam os seguintes titulos do eminente e deplorado conterraneo, que se fez francez para melhor servir a sciencia e o seu paiz: **ROBERTO DUARTE SILVA**, professor de chimica analytica na Escola central de artes e manufacturas, antigo professor de chimica na Escola municipal de physica e chimica da cidade de Paris, antigo presidente da Sociedade chimica de Paris, membro da Academia das sciencias de Lisboa, etc.; cavalleiro da Legião de Honra, commendador da Ordem de S. Thiago de Portugal, etc., fallecido em 9 de feve-

reiro de 1889, em uma casa na rua Thenard, 6, na idade de 51 annos.

O enterro foi no cemiterio do Mont Parnasse.

(*Diario de Noticias*, de 15 de fevereiro de 1889, sob o titulo ROBERTO DUARTE SILVA).

2

Publicamos em seguida a traducção do eloquente e sentidissimo discurso, pronunciado pelo celebre chimico francez, o sr. CH. FRIEDEL, junto do tumulo do nosso mallogrado compatriota, e em presença das maiores summidades do professorado e da sciencia franceza. A posteridade, que principiou para aquelle portuguez illustre, «que deixou á França um grande exemplo e profundissimas saudades», faz-lhe desde já a justiça, a que tinham jus o seu grande merito e o seu purissimo character. E' mister, porém, que se não regatêem agora ao portuguez benemerito, que tanto está honrando, ainda — *post mortem* —, o paiz em que nasceu, as homenagens a que tem jus.

Que Portugal lhe erija o tumulo, onde repousa, já que não soube ou não pode aquilatal-o sufficientemente em vida.

E' uma divida a que urge immediato pagamento, e confiamos do alto patriotismo e illustração do sr. Barros Gomes, que o fará, como é dever nosso e na conformidade do sentimento publico, que o applaude e o requer.

(*Segue o discurso de FRIEDEL, que é o doc n.º 8*).

(*Diario de Noticias*, de 21 de fevereiro de 1889, sob o titulo — *Um portuguez benemerito*, ROBERTO DUARTE SILVA).

N.º 10

Homenagem prestada pela Camara Municipal do concelho da Ribeira Grande, da Ilha de Santo Antão, á memoria de ROBERTO DUARTE SILVA.

A Camara municipal do concelho de Santo Antão acaba de honrar-se, reunindo em sessão extraordinaria apenas ali constou o passamento do seu conterraneo o sr. ROBERTO DUARPE SILVA, fallecido em Paris, onde honrou sempre a nação e engrandeceu o seu nome, que era respeitado e considerado por todos os que estudam e trabalham.

Orgulhando-nos de ver como a Camara municipal se ennobreceu, publicamos em seguida a acta d'aquella sessão. Corre-nos o dever de registrar aqui a ultima homenagem prestada pela ilha de Santo Antão ao seu filho dilecto e benemerito.

Acta

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1889, aos 16 dias de fevereiro, n'esta villa D. Maria Pia, da ilha de Santo Antão e sala das sessões da Camara municipal, presentes os srs. Joaquim Ignacio Ferreira Nobre, presidente; Antão Victorino Ferreira, Antonio José de Lima, João Zacharias de Mello e Aurelio Antonio Martins, bem como o sr. administrador do concelho Francisco Tavares d'Almeida comigo Diocleciano Nobre, escrivão da administração do concelho, no impedimento do respectivo.

Aberta a sessão pelo sr. presidente, foi dito que acabava de ter a noticia do fallecimento de ROBERTO DUARTE SILVA, facto que teve logar em Paris no dia 9 do corrente; que o illustre morto era natural d'esta ilha um dos seus filhos mais dilectos, e um d'aquelles que mais a tinham ennobrecido, pela eminencia da sua posição social e pelo seu altissimo valor scientifico; que

elle presidente não pretendia fazer o elogio funebre de um cidadão tão notavel, mas não podia deixar de referir alguns factos da sua vida gloriosa para justificar assim o seu proposito; que ninguem visse nas suas palavras outro sentido que não fosse o de fazer justiça, e que nem podia haver vaidade nem lisonja perante a fria pedra tumular; que nunca era demais o preito e a homenagem á memoria dos homens illustres, e aquelle de que está tratando tinha todos os predicados para se impôr ao respeito e á veneração publica; que as portas de um tumulo eram sempre as portas da historia, e que esta havia de ser justa nas apreciações d'aquelle que já era um vulto seu.

Elle presidente ia dizer o que era do conhecimento de todos, mas não queria que se suppozesse que ficando callado se esquecia em momento tão solemne d'um compatriota tão distincto; que foi á custa do trabalho nobre e honrado, servindo o seu paiz com elevada intelligencia, que DUARTE SILVA poudo alcançar os meios de fortuna, indispensaveis para completar a sua educação scientifica; e foi em Paris, onde tudo é grande e nobre, que elle desvendou os segredos e os mysterios da sciencia, applicando-se principalmente ao estudo da chimica em que chegou a ser um sabio admirado e respeitado por todos os homens notaveis nacionaes e estrangeiros, em cujo numero, e como um dos mais fanaticos admiradores, se encontrava uma das mais elevadas capacidades do nosso paiz o grande estadista, o eminente parlamentar, o distincto professor Antonio Augusto de Aguiar, cuja perda ha de ser sempre geralmente sentida. N'estas condições, elle presidente, parecendo-lhe interpretar bem o sentimento da camara, era de opinião que esta sessão, a primeira depois da noticia de que dá conhecimento, fosse inteiramente consagrada á memoria do glorioso patricio, como preito e homenagem á sua honestidade e ao seu saber; que

para honrar o seu nome lhe bastava a immortalidade da historia, cujas portas se lhe acabavam de abrir, mas elle presidente entendia que era preciso mostrar ao mundo civilisado que os povos d'esta ilha sabem venerar a memoria dos filhos que ennobreceram a sua patria, e assim propunha:

1.º Que se lançasse na acta um voto profundo sentimento pela irreparavel perda d'um compatriota tão distincto.

2.º Que se promovesse por todos os meios adequados uma subscrição publica para erigir um monumento em honra do seu nome, ou para obter a trasladação do seu cadaver, encerrando-o em tumulo condigno, satisfazendo assim um dos seus ultimos desejos.

3.º Que se levantasse a sessão em signal de luto e em homenagem ao illustre finado.

4.º Finalmente que da acta d'esta sessão se tirassem duas copias, uma para ser enviada ao seu unico irmão, Antonio Duarte Silva, e outra para ser publicada no Boletim Official da provincia, impetrando-se para isso a previa auctorisação.

A camara, compenetrada do elevado sentimento que dictava as palavras do seu presidente, approvou por aclamação as suas propostas, reservando-se para opportunamente resolver ácerca do movimento destinado a perpetuar a memoria d'um compatriota que tanto honrou a sua patria; e levantou a sessão.

da Ordem dos Farmacêuticos

(a) *Joaquim Ignacio Ferreira Nobre, Antão Victorino Ferreira, Antonio José de Lima, João Zacharias de Mello e Aurelio Martins*, — O escrivão, *Diocleciano Nobre*.

(Continúa).

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PHARMACIA

Processos faceis de esterilisação*(Continuado de pag. 169)***Esterilisação**

A esterilisação é a operação que tem por fim destruir os germens que os corpos podem conter, quer em plena actividade, quer no estado lactente.

Esta operação póde fazer-se por diversos modos.

**Processos physicos, processos chimicos
e processos physico-chimicos**

D'estes processos de esterilisação os mais empregados são os processos physicos.

Porque são estes os processos mais empregados?

E' o que vamos dizer:

Para esterilisar por processos chimicos empregam-se os antisepticos, corpos que actuam pela sua acção chimica, e, portanto pelas modificações de constituição que fazem experimentar aos corpos que com elles estão em contacto, decompondo-se elles proprios.

Por este principio se vê tambem que a quantidade de antiseptico deve ser proporcional á quantidade de substancia septica e ainda ao grau septico d'esta.

E' difficil determinar a quantidade de antiseptico precisa para aniquilar os germens, pelo que se emprega sempre em excesso, para haver a certeza da sua acção, o que, na maioria dos casos, faz com que corpos que nós queriamos simplesmente assepticos, se tornem antisepticos, á custa do excesso de antiseptico empregado e de que o corpo fica inquinado.

Para se obter um corpo asseptico, por acção chimica, geralmente é necessario tirar-lhe depois o excesso de antiseptico por meio de dissolventes ou outros processos, o que torna pouco pratica a operação.

A acção do antiseptico, ou o processo chimico de esterilisação tem dois inconvenientes principaes:

O de, devido á sua acção chimica, ir atrofiar as defezas do (1) organismo para com a invasão microbiana, inutilizando ou diminuindo a vitalidade dos leucocytos ou globulos brancos do sangue, elementos que travam guerra sem treguas aos corpos extranhos que invadem o organismo.

A estes elementos lhes chamam tambem phagocytos e á sua acção, phagocytaria.

E' preciso têr-se bem em conta que isto tem grandes inconvenientes quando os microbios e seus esporos (orgãos reproductores) têm grande resistencia e é necessario o emprego de repetidas applicações do antiseptico.

Em muitos casos o antiseptico destroe rapidamente os microbios, produzindo uma acção benefica sem que se reconheça damno.

Grande numero de antisepticos, produzem intoxicações por absorpção havendo varios casos de morte.

O acido borico, que é um antiseptico fraco, tem pro-

(1) Quando se trata da acção dos antisepticos no organismo animal.

duzido intoxicações, quando applicado em pó sobre as feridas.

São estas razões de bastante valor para demonstrar a inconveniencia das esterilisações por processos chimicos, em grande numero de casos.

Outro inconveniente de importancia, é o caso de muitas vezes o antiseptico (principalmente quando é solido) formar combinações insolueis com as substancias que lhe estão em contacto, formando uma camada protectora que impede que nova quantidade de antiseptico, não alterado, vá exercer a sua acção sobre os microbios que estão encobertos com ella, e formaram combinações que não têm poder antiseptico.

E' este caso frequente com o iodoformio, aristol, sublimado corrosivo e outros antisepticos quando applicados sobre feridas, mais ou menos profundas.

Ha neste caso a ponderar que os antisepticos perdem mais ou menos o seu poder antiseptico em presença das materias organicas, segundo a qualidade e quantidade d'estas, chegando mesmo a anular-se por completo a sua acção. Antisepticos ha, que têm acção sobre certos microbios, ao passo que outros são inofensivos e até bons meios de vida.

Foram estas as principaes razões porque os processos physicos de esterilisação tomaram nos ultimos tempos tão grande incremento, fazendo diminuir sensivelmente o emprego dos antisepticos.

Não obstante o reconhecimento de todos estes factos, os antisepticos são ainda hoje indispensaveis em grande numero de casos.

Uma ferida que esteja invadida por microbios, não obstante toda a limpeza, ou assepcia que se lhe faça, precisa no entanto que se lhe destruam os microbios, visto que a assepcia os não destroe, mas apenas evita que os de fóra a ataquem.

Neste caso precisa-se d'ambos os meios, asseptico e antiseptico.

Antiseptico é, pois, a substancia que por acção chimica destroe os microbios.

Microbios são pequenissimos sêres vivos, que podem pertencer ao reino vegetal ou animal (muitos, ainda hoje, não estão classificados em nenhuma ordem biologica) que se alimentam e reproduzem por differentes maneiras e só visiveis com o auxilio do microscopio.

E' pelo seu systema de vida que os microbios produzem os phenomenos de alteração e decomposição.

— Os processos physicos de esterilisação têm a vantagem de pôr os corpos em condições assepticas, sem que as suas propriedades constituintes sejam alteradas.

Os processos physico-chimicos são os menos empregados, porque são mais limitados e menos accessiveis á maioria dos casos.

Processos physicos de esterilisação

Os principaes processos physicos de esterilisação são os seguintes:

Pelo calor secco, pelo calor humido e por filtração.

Pelo calor secco, podemos esterilisar applicando-o de modos diversos.

Temos o processo da *flambage* que consiste em passar o corpo que se pretende esterilisar a uma chamma pouco fuliginosa, como a que se pode obter com o bico de Bunsen, alcool, etc.

Este processo é rapido e vulgarmente empregado para a esterilisação de estiletos, abaixa-linguas, lances e outros instrumentos chirurgicos, tendo ainda outras applicações. Tem todavia, muitos inconvenientes. Grande numero de corpos não pôdem ser esterilizados por este processo, porque se alterariam rapidamente e outros destruir-se-iam tornando-se inaptos para servir.

Os instrumentos metallicos tambem são atacados mais ou menos, segundo a permanencia que têm em contacto com a chamma e o numero de vezes que a operação lhes é feita. O gume dos bisturis e instrumentos cortantes, soffre consideravelmente com a enorme e brusca mudança de temperatura, o que representa um grave inconveniente.

Tem tambem este processo o inconveniente de fazer uma esterilisação pouco uniforme, visto que a chamma não incide o mesmo tempo sobre todos os pontos do corpo.

Os instrumentos que têm ranburas, parafusos mais ou menos apertados, etc., com difficuldade pôde a chamma ir exercer a sua acção esterilizadora ás partes reconditas dos mesmos.

E', portanto, a *flambage* um processo de esterilisação que só se deve empregar em casos especiaes, e que não requeiram grande rigor d'asepçia.

Tambem, para um restricto numero de casos, se pode empregar o processo de mergulhar o corpo n'um liquido inflamavel, como por exemplo o alcool, e lançar-lhe depois fogo. Este processo ás vezes empregado com vantagem para esterilisar rapidamente tubos d'ensaio, copos de Bohemia e outros corpos sobre que o vehiculo inflamavel não tenha acção nem a chamma produzida.

Empregando o alcool — que é o mais vulgarmente usado — obtemos uma dupla acção esterilisante, o alcool em si e depois o calor.

Para esterilisar pelo calor secco podemos utilizar estufas, algumas muito simples. Uma simples estufa de folha de cobre de forma rectangular pôde prestar muito bons serviços. Dentro da estufa podem collocar-se uma ou mais prateleiras, afim de sobre elles serem collocadas as substancias a esterilisar.

Qualquer caixa metalica, de paredes delgadas, tendo uma porta lateral e na parte superior dois buracos,

para num entrar um thermometro fixado numa rolha perfurada; e outro onde póde entrar um tubo de vidro estirado n'uma das extremidades e que será tambem adaptado n'uma rolha perfurada.

Estas estufas funcionam rapidamente, mas não mantem uma temperatura certa, o que obriga a continua vigilancia.

São geralmente utilizadas para a esterilisação de objectos de vidro; taes como funis, graes, frascos, em-polas, etc.

Como estes objectos se pódem quebrar, sendo sujeitos a temperaturas muito elevadas, costuma-se envolv-os em algodão, que, aproximadamente á temperatura de 180°, toma côr de café com leite.

Pode tambem utilizar-se o acido tartrico, collocado em vidros de relógio ou em pequenas capsulas, que á temperatura de 170° a 180° funde e forma uma massa esponjosa.

Estes processos de verificação da temperatura do ar quente são tambem empregados no forno de Pasteur e sempre que não possuimos thermometro para aquellas temperaturas elevadas.

(Continúa).

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Preparação do succo de groselhas (1)
por M. Gaudin

Todos os nossos collegas conhecem os desgostos causados pelo defeito de conservação do xarope de groselhas; este xarope, ainda que conservado ao abrigo da luz, enche-se muitas vezes de crystaes, a tal ponto que chega a não haver liquido algum nas vasilhas, e, quando por acaso o phenomeno se não dê, por estar a

(1) L'Anjou pharmaceutique.

vasilha ainda repleta, não tarda a manifestar-se desde que começa servindo.

Ha vantagem em preparar este xarope em pequenas quantidades, fazendo dissolver a banho d'agua a proporção d'assucar necessario para o succo bem preparado.

A preparação do succo de groselhas não offerece difficuldade alguma, mas não se dá o mesmo com a sua conservação: o *mutismo* pelo acido sulfuroso não é muito seguro e altera o aroma tão delicioso da groselha; o processo da addição d'oleo na superficie póde dar um gosto a ranço; enfim o processo de Appert enegrece o succo e tira o aroma para o substituir pelo gosto de cosido.

O processo mais racional, o mais conforme aos conhecimentos actuaes, e tambem o mais commodo, consiste apenas n'uma cuidadosa pasteurisação.

Todos sabem que a empregam muito na industria dos vinhos.

O aquecimento a 60 graus, como mostrou Pasteur, basta para entorpecer a levedura e matar os microbios, de fórma que o vinho cessa de viver, não envelhece, mas não está exposto ás doenças.

A's noções apresentadas e postas em pratica por Pasteur, juntam-se os novos conhecimentos trazidos á luz pelos trabalhos de Bourquelot: falla-se das oxidases, cujo papel é tão importante na conservação das substancias organicas, pelas mudanças de côr e formação de depositos que ellas produzem com o tempo; ora, estas oxidases são destruidas pelo calôr.

Eis a technica seguida pelo auctor, e que lhe permite, mesmo depois de muitos annos, ter á sua disposição xarope de groselhas com todas as qualidades de xarope fresco.

Depois de ter tirado os engaços das groselhas, esmagam-se estas com a quantidade desejada de framboesas

e cerejas pretas; faz-se fermentar a polpa n'um vaso coberto, afim de impedir o acesso das pequenas moscas do vinagre; expreme-se no fim de quarenta e oito horas; o succo, collocado n'um vaso de fermentação, coberto e munido d'um thermometro, é aquecido a 70° a banho d'agua, depois abandonado ao resfriamento; no dia seguinte filtra-se o liquido, que passa muito claro e com uma grande rapidez (não succede o mesmo com o succo não aquecido, cuja filtração é das mais demoradas).

Não falta mais do que engarrifar em vasilhas de meio litro ou em garrafinhas mais pequenas, que se rolham com algodão, durante um novo aquecimento a 70°, pelo espaço de dez minutos, a banho-maria.

As garrafas, quentes, são tiradas uma a uma para a rolhagem definitiva, que consiste em substituir o algodão por uma rolha esterilisada cortada junto ao collo e lacradas sem nunca *inclinár a garrafa*.

Produz-se, com effeito, pelo resfriamento, um vacuo que leva á superficie do liquido por distillação, um pouco d'alcool, que favorece a conservação; oppondo se ao desenvolvimento dos bolôres, de que ficam sempre os sporos na rolha

Bismuthum tannicum (1)

Aquecendo hydrato de bismutho com um soluto de tannino, obtem-se o sub-tannato ou mono-tannato de bismutho. Forma-se o mesmo producto quando se tenha feito ferver nitrato de bismutho com uma quantidade equimolecular triple de tannato de sodio.

Todavia, se nesta reacção se evitar o calor, obtêm-se combinações mais ricas em tannino, cuja composição se approxima da do di-tannato de bismutho.

(1) L'Union pharmaceutique.

Lança-se um soluto de 322 grammas de nitrato bis-muthico em 52 grammas d'acido nitrico a 43,3 por 100 e de 300 grammas d'agua, n'um soluto de 854 grammas de tannino e de 340 de sodio em 4 litros d'agua, agitando vivamente.

Agita-se ainda durante 5 a 6 horas á temperatura ordinaria, decantando depois.

Tira-se o excesso de tannino, e o nitrato de sodio formado, agitando a massa duas ou tres vezes com agua. Filtra-se, lava-se cuidadosamente com agua e secca-se a 40°.

O producto assim obtido é um pó leve, amarello-claro, de sabôr levemente acido. A sua acção therapeutica parece ser superior á do mono-tannato, pois que a percentagem em tannino é mais elevada, e abandona facilmente metade do seu tannino.

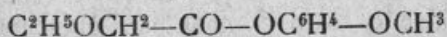
G. N.

MEDICAMENTOS NOVOS

**Monotal, novo derivado do guaiacol.
por M. Impens. (1)**

O monotal ou o ether do acido éthyglycolico e do guaiacol é um liquido oleoso, incolor, fervendo a 170.° sob a pressão de 25^{mm}; o seu cheiro é levemente aromatico. Em certas condições, o producto torna-se solido e forma cristaes brancos, fusiveis a 30.° O monotal é pouco soluvel na agua (0,32 : 100); dissolve-se mais facilmente nos oleos, sobretudo no azeite (29,6 : 100 a 19°).

A sua formula é a seguinte :



E' facilmente absorvido pela pelle e menos caustico que o guaiacol; possui todas as propriedades analge-

(1) Ther. Monasths.

sicas d'este producto, sem os inconvenientes inherentes ao emprego do guaiaicol.

Blenal (1)

E' o ether carbonico do santalol. Prepara-se na fabrica Heyden, em Rabedeut, tratando o santalol pelo acido chloroxycarbonico e os alcalis, ou com os etheres carbonicos. Formula $(C^{15}H^{23}O)^2CO$.

O blenal é um liquido oleoso, insipido, amarellado, quasi inodoro, que se dissolve no alcool e ether; é insolavel na agua. A sua percentagem em santalol é de 94 0/0.

Emprega-se como succedaneo da essencia de sandalo. Devido á sua decomposição lenta, sob a acção alcalina do intestino, a proporção de santalol é sempre mais fraca, não produzindo portanto irritação, o que não succede com a essencia de sandalo ou o santalol puro.

O blenal é administrado na dóse de 15 gottas, tres vezes ao dia, ou em capsulas de 0,^{gr}3 — duas de cada vez.

G. N.

FORMULARIO

Moskido Puder (2)

(Pós contra mosquitos)

Essencia d'encalyptus.....	30
Talco.....	60
Amido.....	420

Pulvilha-se o rosto e mãos para afugentar os insectos.

G. N.

(1) L'Union pharmaceutique.

(2) Bulletin de Pharmacie de Liège.

VARIÉDADES

Escola de pharmacia do Porto

Esta escola, em cumprimento de uma boa disposição regulamentar das escolas de Pharmacia, inicia sempre os seus trabalhos escolares por uma sessão solemne em que um dos seus lentes profere a «oração de sapientia», e o secretario da escola dá conhecimento dos alumnos que foram premiados no anno lectivo antecedente.

E' um estímulo para todos, lentes e alumnos, e uma maneira de elevar, e portanto, acreditar as escolas, credito que vae reflectir-se sobre a nossa classe, por isso honra seja feita á Escola do Porto.

Este anno a oração inaugural foi proferida pelo nosso amigo, sr. Antonio Carvalho da Fonseca, companheiro de longa data, nas lides associativas da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, á qual tem prestado muito bons serviços.

Transcrevemos d'*O Commercio do Porto* o que nelle se publicou sobre a dita sessão.

Escola Superior de Pharmacia

Realisou-se hontem, com muito luzimento, a abertura solemne dos cursos da Escola Superior de Pharmacia para o anno lectivo de 1907-1908.

Assumiu a presidencia o sr. dr. Moraes Caldas, sendo secretario o sr. dr. Thiago de Almeida. Nas respectivas bancadas estavam os srs. drs. Dias de Almeida, Carlos Lima e Lopes Martins, professores da Escola Medico-Cirurgico; e conselheiro dr. Ferreira da Silva, dr. Eduardo Pimenta, Nuno Salgueiro e Carvalho da Fonseca, professores da Escola de Pharmacia do Porto.

Entre a assistencia viam-se os srs. tenente Marques

Nogueira, representando o sr. general-commandante da 3.^a divisão militar; tenente João Luiz Lobo da Costa, que representava o coronel-commandante da guarda municipal; José Saraiva, da Associação Commercial do Porto; Annibal Cunha, da Sociedade Chimico-Pharmaceutica; varios officiaes do exercito, alumnos das Escolas Medico-Cirurgica e de Pharmacia, alguns medicos e pharmaceuticos, representantes do Centro Pharmaceutico Portuguez e de outras agremiações, algumas senhoras, etc.

O sr. dr. Dias de Almeida representava tambem a direcção administrativa do Hospital Geral de Santo Antonio.

A sessão foi aberta á uma hora da tarde.

Pronunciou a oração inaugural, como já annunciámos, o professor sr. Carvalho da Fonseca, que para isso fôra expressamente convidado pelo conselho escolar.

O illustre professor versou o thema—*necessidade da ampliação do estudo da chimica pharmaceutica e da criação da cadeira de chimica biologica* na Escola de Pharmacia.

Começou fazendo uma rapida resenha da historia da chimica e da pharmacia na peninsula, desde a idade média até hoje, indicando as razões de atrazo d'estes ramos dos conhecimentos humanos entre nós, reduzindo em particular o papel dos pharmaceuticos durante um largo periodo a uns simples herbanarios.

Com os primeiros arreboes da cultura chimica começa tambem a elevação dos estudos de pharmacia. Em 1801 abrija-se na casa da moeda um curso de chimica, regido por Mousinho de Albuquerque, curso que não durou muito tempo. Em 1823 reabriu-se de novo, e os discipulos de Mousinho continúam o movimento iniciado pelo mestre, e, em 24 de julho de 1835, fundam a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, de tradições

tão gloriosas no nosso modesto meio scientifico. Pelos esforços d'esta benemerita sociedade, publicou Passos Manoel, em 1836, um diploma que organisou pela primeira vez, entre nós, um curso pharmaceutico regular, que tinha por base a chimica e a botanica.

Era uma modesta organização; mas muito valia já para a época em que foi feita. Infelizmente, deixou de produzir os seus efeitos, por causa de uma série de medidas e concessões de interesse particularista que deram em resultado validar os cursos irregulares.

O *ultimatum* inglez em 1891 agitou fortemente a nossa nacionalidade, e pensou-se um pouco no atrazo da nossa industria, inclusivè a agricola, e algumas medidas salutaes foram adoptadas para o fomento industrial; mas, por falta de escolas que podéssem habilitar profissionaes com a instrucção condigna, a industria chimica nada ou quasi nada aproveitou.

A reforma dos estudos de pharmacia de 1901, devida ao fallecido estadista Hintze Ribeiro, abre uma nova éra nos progressos da pharmacia portugueza.

Em uma remodelação, diz o orador, que representa indiscutivelmente um melhoramento ha tanto tempo ambicionado e solicitado, marca-se a transição de uma instrucção desconnexa, sem base em que sólidamente assentasse, para um periodo puramente scientifico, que, se ainda não acompanha totalmente os progressos da escola estrangeira, todavia serviu para o inicio de novos aperfeiçoamentos.

A proposito d'essa reforma, o orador rende uma sentida e elevada homenagem á memoria de Hintze Ribeiro. O seu nome está indelevelmente inscripto em fulgentes letras de ouro nos nossos fastos: o estadista Hintze Ribeiro pertence á historia da nossa classe.

Entrando propriamente no thema da sua oração, mostrou o illustre professor a necessidade inadiavel de introduzir melhoramentos nas nossas escolas, que são

as instituições de ensino superior mais modernas em Portugal; e entre esses melhoramentos resalta, sem duvida, a ampliação do estudo da chimica pharmaceutica e a creação da cadeira de chimica biologica.

Na chimica actual agitam-se os grandes problemas que fazem objecto da physico-chimica, e abriu-se recentemente esse capitulo interessantissimo da radioactividade. O orador espraia-se largamente e com grande proficiencia sobre este assumpto. Mostra depois a variedade extraordinaria de agentes chimicos naturaes e syntheticos que invadem a therapeutica; é indispensavel, é urgente, «dividir esta montanha de agentes, não só para os definir e classificar methodicamente, mas para os descrever com a maior clareza possivel». E' indispensavel, além d'isso, não descurar no ensino da chimica pharmaceutica as industrias correlativas, que se possam implantar facilmente, e com vantagens economicas no nosso paiz; e o orador menciona muitos productos pharmaceuticos, que poderiam preparar-se com os mineraes que se encontram entre nós—preparados arsenicaes, de antimonio, etc. Igualmente poderiamos aproveitar os sarros e tartaros dos nossos vinhos e as plantas de perfumes, que se podiam cultivar entre nós.

O estudo tão interessante das differentes classes de fermento, de que derivam noções que não só permite esclarecer phenomenos variados que se dão nos organismos vivos, mas tambem fornece noções da maior utilidade para as industrias e para a pharmacotechnia; —os conhecimentos modernos sobre as albuminas, toxinas, anti-toxinas, toxalbuminas e colloides— são o objecto de chimica biologica; a necessidade de crear entre nós esses estudos e collocal-os nas nossas escolas de pharmacia é evidente. O orador demonstrou-o com grande cópia de argumentos.

Por fim, o illustre professor, depois de uma saudação ao director da escola e aos seus collegas, terminou

fazendo uma invocação aos alumnos, indicando-lhes que escutassem attentos e assimilassem a lição dos seus mestres e dedicassem especial attenção aos trabalhos práticos no laboratorio e gabinete da escola, não esquecendo que «é na prática effectiva e diaria que se recebe o mais util e fecundo ensinamento das sciencias profossadas na escola».

Seguidamente o sr. dr. Thiago de Almeida procedeu á leitura dos nomes dos alumnos premiados no anno lectivo de 1906-1907, que são os seguintes:

1.^a cadeira (historia natural das drogas) — *Accessit*: José de Oliveira Pinto e João Julio Franchini.

2.^a cadeira (pharmacia chimica) — *Accessit*: João Julio Franchini e José de Oliveira Pinto.

4.^a cadeira (analyses toxicologicas) — *Accessit*: Allyrio Baptista de Barros.

A sessão terminou cerca das duas horas e meia da tarde.

Aquelle professor foi muito felicitado pelos seus collegas e por diversos assistentes.

Laboratorio Municipal do Porto

Parece que este laboratorio chimico, que tanto honrava o Porto, pelos grandes beneficios que prestava ao commercio e á sciencia, devido aos trabalhos valiosissimos que nelle se realisavam, vae abrir novamente.

Houve sentença, annullando a deliberação da camara que extinguiu o dito laboratorio, sentença que foi muito bem recebida, porque representa um acto de justiça.

O sr. conselheiro Ferreira da Silva, nosso consocio honorario, tem sido muito felicitado pelo acto de reparação praticado pelo tribunal, e tambem enviamos ao douto professor as nossas sinceras felicitações.

Sempre esperámos que justiça seria feita, porque

conhecemos perfeitamente a questão pela Separata da *Revista de chimica pura e applicada*.

Para se avaliar os serviços que o Laboratorio prestava ao Porto, bastará saber-se, que, desde a sua criação, se realisaram nelle 10.487 analyses. O serviço de analyses foi augmentando progressivamente. No primeiro anno fizeram 176 analyses, e, em 1906, 900, estando neste numero comprehendidas 846 analyses de substancias alimentares, o que é importante, e mostra que o sr. conselheiro Ferreira da Silva não esquecia o fim principal, para que o laboratorio foi creado.

F. de CARVALHO.

ROBERTO DUARTE SILVA

(Continuado da pag. 180)

N.º II

**O testamento de ROBERTO DUARTE SILVA
feito em Paris a 22 de abril de 1884**

Paris, 4 place de la Sorbonne, le 22 abril 1884.

Mon cher monsieur Friedel et vénéré Maitre

J'ai voulu depuis longtemps consigner dans une lettre quelques dispositions devant servir de testament et j'en ai été empêché par mes constantes occupations. Je vais consigner maintenant dans ces lignes que j'écris pour l'Angleterre mes dispositions testamentaires.

Je lègue à Société chimique de Paris:

Tous mes livres, y compris les bibliothèques, aussi le peu de fortune que je possède en valeurs déposées à la Société de Depots et de Comptes Courants, 2 place de l'Opéra à Paris, apres avoir payé:

A M.^{me} Fœrster, la veille femme de ménage qui me sert depuis quelques années, la somme de 1.500 fr.

Et avoir payé une petit dête que j'ai chez mon tailleur Mr. Moovot 28, rue Vivienne, dête, qui provient de ce que je n'ai pu régler mes comptes avec Mr. Moovot, faute de temps pour chercher les reçus d'argent remis.

Aussi une petite dête a Mr. Rabasse, 10, rue des Archives.

Et une petite dête a mes amis de Lisbonne MM Antonio Feliciano Alves d'Azevedo, Filhos, 31, Praça de D. Pedro.

Je laisse à mon neveu et filleul Roberto Duarte Silva Junior, fils de mon frère Joaquim Duarte Silva, décédé, toutes les petites terres qui me viennent de mon père et de ma mère à l'île Santo Antão, archipel du Cap Vert.

Les objects de menage et mon linge et les quelques meubles seront donnés à M.^{me} Fœrster.

Vous, mon excellent Maître, vous devrez prendre toutes mes petites chinoiseries et donner à mon excellent ami, Mr. de Clermont, deux caisses de chinoiseries, que me seront expédiées de Chine très prochainement, ce pourquoi j'ai envoyé dernièrement environ 200 fr.

A mon ami Grisou de la maison Clin & C.^{ie}, je vous prie de donner les deux vases de porcelaine de Chine, qui sont dans ma chambre à coucher et ont des oiseaux.

A mon ami Louis Perrot, l'actuel économiste de l'Ecole Centrale, une obligation de la Ville de Paris, que j'ai à la Société de Depots et Comptes Courants.

Outre les valeurs qui se trouvent à la Société de Depots, il y a à la Pharmacia Centrale, 7, rue de Joly, pour 2:000 fr. d'actions ou obligations qui m'appartiennent.

Dans le tiroir du cartonier, qui est tout près de la porte, marque R D S., si trouvent des papiers, qui interessent mes affaires; mais il y a là aussi un paquet cacheté contenant des *lettres intimes que personne ne*

doit lire. Vous, mon cher Monsieur Friedel et mon excellent ami Mr. de Clermont, vous *brulez le paquet tel est.*

Voilà, mon excellent Maître, ma volonté et je confie dans votre si grande et paternelle bienveillance de tout faire executer.

Je vous dis adieu, mon vénéré Maître et à M.^{me} Friedel et vos chers enfants, sans oublier mon jeune ami Jean. Je me reppelle au bon souvenir de tous mes amis, surtout M. et M.^{me} de Clermont, et je prie Dieu de vous conserver et de vous bénir!

Recevez l'expression de la plus vive reconnaissance de votre élève qui vous vénère

P. S. Mes signatures se trouvent chez le notaire de la rue Condé et aussi au Consulat général de Portugal.

(signé) ROBERTO DUARTE SILVA
ou R. D. SILVA

(Continúa)

Maneira de suprimir os soluços

Segundo o *Lyon Médical*, o dr Argellier, de Bilom, e o pharmaceutico Fournioux, teem experimentado o seguinte meio, com bom resultado, contra os soluços: tomando um pedaço de assucar, mergulha-se em vinagre, mastiga-se rapidamente e deglute-se. Este processo, diz o dr. Argellier, nunca falha; obteve mesmo bom exito num caso de soluço histerico.

A pharmacia na cõrte do sultão ⁽¹⁾

No seu livro «Abdul Hamid II, sua familia e cõrte», Beenhard Stern dá interessantes detalhes sobre o exer-

⁽¹⁾ Apotheker Zeitung.

cicio da pharmacia na côrte do Sultão. No interior dos muros d'Ildiz existe uma pharmacia particular onde devem ser preparados os medicamentos destinados ao sultão e sua côrte. No tempo do seu primeiro director, um grego chamado Theodorides, a esta pharmacia faltavam as coisas mais necessarias, apesar das quantias importantes que o sultão destinava á officina. Os remedios prescriptos, eram simplesmente comprados em Pera ou Stamboul e mudados, na pharmacia imperial, para frascos especiaes.

O sultão tem para si e seu harem uma pharmacia particular. Existe ainda uma terceira pharmacia imperial para os principes e princezas, que não habitam Ildir; mas, temendo ser envenenados, fazem preparar os seus medicamentos em Pera.

Houve outr'ora, na côrte, dois pharmaceuticos allemães. Um chamado Wittig, que desapareceu sem deixar vestigios, depois de ter estabelecido, pela analyse, que uma alta personalidade da côrte tinha sido envenenada. O outro, o pharmaceutico da côrte, Dr. Arnold-Ansbach, agora em Munich, voltou á Allemanha.

**Resistenela do cão á acção de grandes doses
d'acido arsenioso. (1)**

O *Bulletin commercial*, de agosto de 1906, relata uma communicação feita por Doyon e Morel á Sociedade de biologia, communicação da qual resulta saber-se que o cão é um animal susceptivel de resistir a doses assaz consideraveis d'acido arsenioso. Com o fim de produzir lesões hepaticas tinham os auctores administrado acido arsenioso a diversos cães, quer pela via estomacal quer pela via sub-cutanea. Pelo estomago, o

(1) Répertoire de Pharmacie.

pó tinha sido dado por meio de sonda, depois de diluído em óleo, ou envolvido em pedaços de carne. N'um caso, um cão de 10 kilos tinha ingerido todos os dias, durante quatro mêzes, 1 gr. d'acido arsenioso solido. O animal não apresentou a menor perturbação, e no fim da experiencia tinha engordado 2 kilos.

O figado, o cerebro, e os pellos do animal, não continham quantidade alguma anormal de acido arsenioso.

Num outro caso administraram a um cão, em carne, uma dóse de 18 gr. d'acido arsenioso, sem provocar nem vomitos, nem diarrhea, nem qualquer outro symptoma de intoxicação.

Pelo contrario, quantidades infinitamente menores, introduzidas sob a pelle, provocavam a morte no fim de poucos dias.

Reproduzindo os resultados das experiencias de Doyone Morel, Vitron cita uma observação que foi feita, ha trinta annos, por um commissario de policia. Este funcionario, n'uma epocha em que se procedia com actividade á extincção da raiva no paiz onde se achava, tomou o encargo de administrar aos cães vadios bollinhas de carne, contendo cada uma 50 centigr. de acido arsenioso; qual não foi a sua surpresa ao encontrar no dia seguinte os cães de boa saude. Renovou a experiencia n'um seu cão, que tomou impunemente duas d'essas bollinhas.

De todas estas observações, parece resultar que o acido arsenioso é inoffensivo para os cães, logo que estes animaes o tenham absorvido pela via estomacal.

G. N.

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 31 de Agosto de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes : Srs. João Mendes Carreiro, Francisco Carlos Costa, Cisneiros de Faria, Mattos Miranda, Ismael Pimentel, Jayme Tavares, José Henrique Gomes, Alberto Veiga, José Bento Almeida, Rodrigo Ramos, Luiz Branquinho Junior, José Nunes, Francisco de Carvalho, Mourato Vermelho e Rosa Limpo.

Não estando presentes os srs. 1.^o e 2.^o secretario, o sr. Presidente convidou, para occuparem os seus lugares, respectivamente, o sr. Gomes e Luiz Branquinho.

O sr. Presidente dá conta dos motivos que levaram a Mesa a convocar esta reunião extraordinaria, que foi não ter a Sociedade, pelo adeantado da hora da ultima sessão, podido pronunciar-se sobre a proposta do sr. Campos Palermo, proposta apresentada quasi no fim da mesma sessão e que se refere ao descanso semanal. Que sendo a discussão do assumpto de tão flagrante oportunidade, o voto da Sociedade não podia addiar-se e d'ahi a urgencia da reunião.

Seguidamente foi lida e approvada a acta da sessão anterior, depois de ligeiras observações dos srs. Mattos Miranda e Cisneiros de Faria, que declararam, o primeiro que só se referiu ao facto de se poderem ou não vender vinhos medicinaes nas pharmacias, aos domingos, e o segundo que combateu o encerramento e não o descanso semanal.

Antes da ordem da noite, o sr. Ismael Pimentel falou sobre a organização do laboratorio da Sociedade, respondendo-lhe o sr. Presidente, que explicou as razões de ordem economica que, até aqui, se teem opposto á realisação desse *desideratum*.

Entrando-se na ordem da noite, usaram da palavra os srs. Ismael Pimentel, Mattos Miranda, Jayme Tavares, Henrique Gomes, Alberto Veiga, Almeida e Luiz Branquinho Junior, sendo por fim approvada a proposta do sr. Campos Palermo, que a sociedade não se envolvesse na questão do descanso semanal, por unanimidade, menos um voto, o do sr. Rosa Limpo.

A sessão, que principiou ás 9^{1/2} horas da noite, foi pelo sr. Presidente encerrada ás 11^{1/2}.

Servindo de 2.º secretario

LUIZ BRANQUINHO JUNIOR.

CHIMICA

da Ordem dos Farmacêuticos

Desinfecção das aguas potaveis pelo acido clorico e raios solares (1)

A esterilisação da agua potavel pelo calor é certamente, o meio de desinfecção mais seguro e recommen-

(1) La semaine medicale.

davel, mas ha casos em que a sua applicação é difficil senão impossivel.

E' sobretudo para as necessidades d'um exercito, em campanha e para as expedições coloniaes, que se tem procurado substituir aquelle processo por uma purificação chimica; diversos productos, taes como o iodo, per-manganato de potassio, etc., teem sido aconselhados para este fim.

Mas, além do mau gosto que estas substancias communicam á bebida, era necessario que a purificação assim obtida fosse reconhecidamente satisfatoria; assim Riegel procurou saber se o acido citrico, numa proporção quasi identica ao da limonada, teria o poder desinfectante necessario.

As experiencias foram feitas com uma agua que continha vibrões cholericos, bacillos d'Eberth e bacillos de desinteria.

Uma percentagam de 6^o/₁₀₀ d'acido citrico, bastou para a destruição dos vibrões cholericos. Pelo contrario, o seu effeito sobre os bacillos typhico e desinterico é menor, mais incerto e variavel. O auctor procurou juntar a este processo chimico a acção bactericida da luz solar. No verão e primavera, mesmo num clima temperado, basta expor ao sol, durante hora e meia, a agua contendo os 6^o/₁₀₀ d'acido citrico para que os bacillos d'Eberth e os da desinteria sejam completamente destruidos. Mas no inverno, quando o ambiente esteja sob uma temperatura fria — as experiencias foram feitas em Berlim — a exposição de duas horas ou mais tempo não é bastante.

D'onde resulta que nos paizes quentes, em que a acção do sol é muito intensa, o processo combinado (do acido citrico e luz solar) pode ser recommendado para obter agua purificada tendo ao mesmo tempo gosto agradavel.

Papel de filtrar: — causa d'erros em chimica analytica (1)

Em 1902 foi communicado á Sociedade de Pharmacia de Paris, por Mansier, que tomando papel de filtrar lavado pelo acido chlorhydrico, depois pela agua destillada, até á reacção neutra, e fazendo passar por esse filtro um soluto de soda normal, este soluto filtrado tinha perdido $\frac{1}{20}$ do seu titulo, o que prova que o papel tinha fixado a soda; as proporções fixadas eram ainda mais consideraveis operando com solutos mais diluidos.

Mansier havia dito que a mesma fixação se produzia com a cal, a baryta e os carbonatos alcalinos; com o sublimado, a perda de mercurio era dum quarto e a do chloro um vigessimio; numa soluto de morphina a perda era de 22 por 100 e o mesmo se dava com outros alcaloides.

Labat renovou as experiencias de Mansier e observou que, nos solutos normaes de soda, o titulo apenas diminuia $\frac{1}{40}$ e ainda em certos casos elle não variava; a diminuição não era verdadeiramente importante a não ser nos solutos centinormaes.

N'estes ultimos, a maior perda observada foi de 28 por 100.

Como disse Mansier, a diminuição do titulo é tanto maior quanto os solutos filtrados são mais diluidos.

Collocando em funil de vidro um quarto de papel de filtrar Prat-Dumas, sobre o qual verteu 4 c. cubicos de soluto decinormal de soda, e lançando em seguida sobre este papel agua fervente, de fórma a obter 50 c.c. de liquido e titulando-o, Labat observou que a perda apenas era de 17,5 por 100.

Mansier, nas mesmas condicções, tinha achado uma perda de quasi metade.

(1) Répertoire de Pharmacie.

Na agua de cal, Labat observou, depois da filtração, uma diminuição de titulo de 3 por 100, e, para a agua de baryta, 6,5 por 100.

Segundo Mansier, filtrando um soluto de chloreto de calcio a $\frac{2}{1000}$, o chloro não era fixado, mas o calcio era-o na proporção de $\frac{1}{3}$. Labat não observou perda alguma semelhante.

Quanto ao sublimado, os factos citados por Mansier eram bastante graves, e Labat considerou, desde o principio, os resultados publicados por Mansier como exagero.

Com effeito, conhecia-se o methodo de Denigès para a dosagem da caseina do leite e dos albuminoides da urina, consistindo em precipitar estas materias num meio acetico, sob a fórmula de combinações mercuriaes á custa d'um excesso d'iodeto mercurio-potassico, filtrar e a deduzir, da dosagem cyanometrica do mercurio a dóse de caseina ou d'albumina contida no liquido examinado.

Deycke propôz este processo para a dosagem da albumina do sangue. Ora o reagente precipitante é preparado com o sublimado e iodeto de potassio; se o filtro retivesse o mercurio d'um soluto de sublimado, reteria o mercurio do soluto empregado na preparação do reagente. Nem Denigès, nem Deycke observaram factos d'esta ordem.

Labat, mesmo, titulou solutos de sublimado apoz a filtração, e não observou baixa de titulo.

Fez titulagens que lhe permittiram observar que um soluto de sublimado que continha, antes da filtração, o,^o745 de mercurio e o,^o266 de chloro, continha exactamente estas mesmas proporções depois de filtrado.

No que respeita aos alcaloides, Labat não observou as perdas indicadas por Mansier; não operou todavia mais que em solutos de chlorhydrato de morphina e de sulfato de quinina.

Resulta das pesquisas de Labat que, como disse Mansier, a cellulose do papel de filtros pode fixar os alcalis, sobretudo quando estejam em soluto diluido. No que diz respeito ao chloreto de calcio, sublimado, chlorhydrato de morphina e sulfato de quinina, Labat não observou perda alguma.

Não se segue que não hajam corpos susceptiveis de ser retidos pelo papel; em todo o caso não parecem muito numerosos.

Processo simples de differenciar o sangue dos diversos animaes. (Plorkorvski) (1)

O processo indicado pelo auctor consiste em introduzir n'um tubo de vidro, de 6 centimetros d'altura e de 8 millimetros de diametro, um centimetro cubico de liquido de hydrocele ou de sôro sanguineo humano (o liquido hydrocelico é preferivel); dilue-se uma gotta do sangue fresco, que se deseja examinar, n'uma quantidade d'agua que pôde variar de 10 a 50 gottas, e lança-se com precaução esta mistura no tubo, de maneira que fique sobreposta ao liquido seroso alli contido.

Se o sangue é humano, nota-se, depois de meia hora ou tres quartos d'hora, que se formou um precipitado levemente córado em vermelho, que outra coisa não é que sangue coagulado, enquanto que o liquido sobrenadante ficou limpido.

Operando da mesma tórma com o sangue d'outro animal, não ha precipitado e o liquido córa-se em vermelho.

Pôde servir o sangue dessecado para produzir a reacção, mas só depois de dissolvido n'um soluto physiologico de chloreto de sodio.

Introduzindo no tubo o sérum de qualquer ani-

(1) Berichte der deuts. pharmac. Gesellschaft.

mal (cavallo, boi, etc.), nota-se, que, como no liquido do hydrocele humano, o precipitado não se produz sem que se junte a este sérum, sangue proveniente do mesmo animal.

Estas reacções são ainda mais sensiveis se se agitar com precaução os tubos de meia em meia hora, depois de produzida a coagulação: ha um novo precipitado a cada agitação.

Sulfato de quinina: methodo de Kerner

(P. Biginelli) (1)

Resulta das experiencias do auctor, que o methodo de Kerner é muito delicado, e que o seu emprego carece das seguintes condições:

1.^a O sal de quinina deve ser completamente efflorescente.

2.^a Uma elevação de temperatura de 40 a 50°. durante uma hora não é bastante para efflorescer o sulfato; pode aquecer-se a uma mais alta temperatura, durante menor praso de tempo, e abandona-lo em seguida á temperatura do ambiente durante dose a vinte e quatro horas.

3.^a A quantidade d'agua necessaria deve ser pesada exactamente.

4.^a A temperatura da reacção deve ser fixa.

5.^a A duração do esfriamento e a conservação do banho a 15° deve ser bem fixada.

6.^a Os filtros devem ser sempre da mesma natureza e dimensão.

7.^a A temperatura do soluto de quinina e a da ammonia deve ser mantida a 15° durante a existencia da mistura.

8.^a A mistura deve ser feita lentamente, afim d'evi-

(1) Bolletino chimico farmaceutico

tar a formação de hydrato a 8 equivalentes de H^2O , que é pouco soluvel.

O emprego do sulfato efflorescente deveria ser obrigatorio, não sómente para o ensaio de Kerner, mas para os de solubilidade.

A temperatura de 70 a 80°. seria preferivel á de 50 ou 60°, que deshydrata insufficientemente os saes duplos.

Tres ou quatro gr. de sulfato de quinina, tratados por 30 a 50.^{cc} d'agua, dariam uma quantidade de liquido maior, o que permittia tomar as ultimas porções filtradas e suprimir a acção do filtro.

Sabendo-se que o processo de Kerner faz reconhecer impuro um sulphato contendo quinina livre, deverá lavar-se antes este sal pelo ether do petroleo.

O peso das cinzas deve ser fixado em 0,10 por 100 o maximo.

G. N.

PHARMACIA

Processos facéis de esterilisação

(Continuado da pag. n.º 186)

Ha tambem estufas, com reguladores, que permittem manter qualquer temperatura, durante o tempo que se pretenda, sem oscilações.

Na esterilisação pelo ar quente, em estufas ou fornos, ha sempre a attender á natureza da substancia a esterilisar e á temperatura e tempo precisos para uma esterilisação effcaz.

Assim, muitos corpos não podem supportar temperaturas muito elevadas, e então é preciso que o tempo de esterilisação seja maior. Corpos ha que não po-

dem soffrer, sem se alterar, a acção do ar quente, quando essa temperatura attinge certa elevação, ao passo que por outros processos de esterllisação pelo calor resistem perfeitamente sem experimentar alteração. Isso succede com a maioria dos tecidos textis.

O algodão, gaze, papel, fios de seda etc. quando sujeitos ao ar quente, a temperatura elevada, soffrem grande alteração, que se manifesta, primeiramente, pela perda da sua consistencia, tornando-se quebradiços, e depois pela mudança de côr, chegando a reduzir-se a pó pelo simples toque.

Se os sujeitarmos ás mesmas temperaturas, ou ás equivalentes para produzir egual effeito bactericida, no vapor d'agua sob pressão, estes corpos apresentarão depois as mesmas propriedades que antes de soffrerem a operação, pelo que geralmente se esterilizam por este processo.

Muitas substancias que contêem quantidades maiores ou menores de materia mucilaginosa, succede-lhes perderem os liquidos da mucilagem tornando-se ressequidas e difficultando a entrada do calor no interior da massa, porque a evaporação começa na peripheria, e forma-se uma camada isoladora do calor.

O que se dá com as substancias d'aquella natureza dá-se tambem com os proprios microbios e seus esporos.

Já tivemos occasião de dizer, quando mostrámos alguns dos inconvenientes da esterilisação por processos chimicos, que os microbios e esporos se fazem acompanhar de certa quantidade de materias organicas, formando uma especie de geléa, que os envolvem mais ou menos, e portanto, pela acção do ar quente tambem esta ganga gelatinosa se torna secca e attenua grandemente a acção do calor; isto é, difficulta-lhe a entrada na membrana cellular do microbio ou do esporo, tornando assim os germens muito mais resistentes, e

sendo preciso empregar uma temperatura muito elevada ou de muito mais duração.

E' esta a razão essencial, por que, para esterilisar pelo ar quente, se exige sempre uma temperatura mais elevada do que para esterilisar pelo vapor d'agua sob pressão, dentro do mesmo espaço de tempo.

Quando tratarmos da esterilisação pelo vapor d'agua sob pressão diremos das vantagens que este processo apresenta, debaixo d'este ponto de vista, sobre o da esterilisação pelo ar quente. Podem esterilisar-se pelo ar quente o azeite, vaselina, lanolina, geolina e todos os corpos que podendo experimentar temperaturas elevadas sem se decomporem ou soffrerem alterações sensiveis.

Ha muitos corpos que não podem esterilisar-se pelo vapor d'agua e que com vantagem se podem esterilisar pelo processo da estufa ou dos fornos.

Está calculado que para fazer uma esterilisação pelo ar quente que equivalha a uma feita pelo vapor d'agua sob pressão a 120° , é preciso elevar a temperatura do ar de 170 a 180° .

Quando se colloquem nas estufas ou nos fornos corpos que se quebram com as diferenças bruscas de temperatura, taes como os de vidro, deve-se deixar primeiro abaixar alguma cousa a temperatura antes de os tirar.

Já dissemos que o material de vidro, porcelana ou d'este genero, pôde perfeitamente esterilisar-se por este processo, porque nada tem com elles os inconvenientes que apontamos com outros, visto poder-se elevar a temperatura o sufficiente para destruir todos os germens em pouco tempo.

—Certos corpos apresentam difficuldade em esterilisar-se por serem muito resistentes e ao mesmo tempo muito porosos.

É o que acontece com as velas que servem para fazer as esterilisações por filtração.

Algumas d'estas velas são usadas em pharmacia, para determinadas esterilisações de que mais alem falaremos, sendo as mais empregadas as de porcelana. Podem esterilisar-se por processos physicos e chimicos. O processo que aconselhamos é o physico, o qual passamos a descrever.

As velas, depois de terem servido, ficam invadidas pelos microbios, que se acham dentro dos canaliculos da vela e adherentes ás suas paredes, formando colonias ou aglomerações de microbios e dos seus esporos (nos microbios esporalados).

Se passarmos em revista os varios processos physicos de esterilisação, que conhecemos, vemos que não nos servem n'este caso. Podiamos esterilisar a vela pelo *vapor fluente ou sem pressão, ou pelo vapor sob pressão.*

Em qualquer dos casos se sujeitassemos as velas á temperatura e tempo convenientes, conseguiriamos matar os microbios, mas por este processo, se a quantidade de microbios fosse grande, o que succede muitas vezes, os cadaveres dos microbios ficariam obstruindo os canaliculos da vela e dificultariam depois a passagem dos liquidos, podendo-lhe até communicar certas propriedades inconvenientes, taes como mau cheiro, alteração no gosto e na côr, conforme a natureza dos micro-organismos que lá existissem.

Já temos visto velas, depois de tres dias de terem servido, por exemplo á filtração de solutos d'ergotino, cheias de bolores interior e exteriormente.

Pelas razões apontadas não se usam esses processos para a esterilisação das velas. A *flambage* parece á primeira vista que seria conveniente, mas só se deve usar quando não haja o outro meio que a seguir descrevemos.

A *flambage* a uma chamma de intensidade conveniente, e feita a operação com cuidado, destruiria por completo todos os microbios, ficando os da periphéria

da vela reduzidos a cinza, os que estiverem no interior das paredes da vela parte carbonizados parte em cinzas, e os do interior simplesmente carbonizados, podendo ainda assim ter alguns dos inconvenientes, que apontamos nos outros processos.

Ha, porém, ainda um outro inconveniente bastante para ponderar. A vela sendo d'argila, que se contrahe pelo fogo, e não incidindo o calor uniformemente sobre toda a vela, nos sitios em que a chamma incidir dar-se-ha a contracção, e esta não sendo acompanhada pelo resto da materia da vela poderá dar logar a rutura, devido á desigualdade de contracção; e isto é frequente succeder.

O processo geralmente seguido é esterilisar a vela n'uma forno de reverbero, aquecendo-o até ao rubro.

Assim, não só serão mortos os microbios como completamente destruida a materia de que são constituídos, ficando a vela apenas com ligeiros vestigios de cinza, pois a materia organica volatilisa-se transformada em $C O^2$, $C O$, $O H^2$ e varios productos pyrogenados.

Não se deve tirar a vela do forno senão depois de arrefecer.

Quando haja corpos d'esta natureza dever-se-hão esterilisar pelo mesmo processo.

De tudo isto se depreheende, que é indispensavel conhecer a natureza do corpo, que se pretende esterilisar, e só depois se póde escolher e processo de esterilisação.

• *Continúa*

VARIÉDADES

ROBERTO DUARTE SILVA

(Concluindo de pag. 198)

N.º 12

Carta que **ROBERTO DUARTE SILVA** escreveu a seu irmão **Antonio Duarte Silva**, em 1 de fevereiro de 1889, oito dias antes da sua morte

Paris, 1.º de fevereiro de 1889.

Meu caro Antonio

Recebi com prazer a tua carta de 6 do mez passado. Agradeço muito a tua attenção.

Estimo que os teus negocios continuem como presentemente. Não te queixes da sorte, pois a residencia de S. Vicente não deve ser desagradavel, e és o unico pharmaceutico da ilha. Se quizeres trabalhar, debes ahí viver agradavelmente.

Tenho o pezar de te dizer que estou muito doente ha já oito mezes e com pouca esperanza de me restabelecer; tenho uma terrivel doença do estomago, e, o que é muito peor, o pulmão esquerdo atacado; n'estas condições preciso em breve dispôr das minhas cousas e fazer o meu testamento.

Para isto preciso que me envies pelo primeiro vapor a lista das terras que me vêm do patrimonio de nossos paes. Desejo saber onde estão situadas, de que são cultivadas, etc., e bem entendido tambem os preços porque foram estimadas e os que representam hoje.

Quem recebe os productos d'estas terras? Não faço estes pedidos, bem entendido, para exigir alguma cousa.

Tenho muita pena do estado da minha saude ; por que o meu grande desejo fôra ir passar o resto da minha vida em Santo Antão, n'uma pequena propriedade, que comprasse, bem situada e com uma caza. Lá queria eu ter laranjeiras, alguns pés de café, muita bananaeira, papaeira, etc., que me lembrassem uma pequena parte da minha dura mocidade.

Inclino me deante da vontade de Deus!

Tem saude e os teus e recebe um abraço de

Teu irmão.

R. D. SILVA.

P. S. Manda-me o mais *breve possivel* a lista que te peço.

N.º 13

Episodio de viagem, com ROBERTO DUARTE SILVA, narrado pelo sr. Rangel de Lima

Foi em 1888. Eu acompanhava uma das mais conhecidas familias de Lisboa em viagem pela Hespanha, França e Suissa. Depois de estarmos uma semana em Madrid, fomos d'aquella capital a Bordeus, onde nos deviamos demorar poucos dias, para, em seguida, passarmos uma temporada em Paris e de lá partirmos para Lucerne.

Em Handaya, quando mudámos de comboio, occupámos uma carruagem composta de dois compartimentos, que se communicavam por uma estreita porta. N'um dos compartimentos tomei logar com os pais e a avó de duas meninas : uma que apenas balbuciava raras palavras ; outra, dos seus dez ou doze annos, muito sagaz, muito intelligente, fallando já com facillidade algumas linguas estrangeiras. No compartimento contiguo

ao nosso iam as duas meninas — a mais nova acompanhada por uma criada antiga da casa, a mais velha por uma *instrutice* alemã, bastantante instruida, fallando tambem as principaes linguas vivas.

Chegado o comboio a Biarritz, entrou no compartimento em que viajavam as meninas um homem já de certa idade. Do meu logar vi-o assentar-se em frente da menina mais velha e da mestra.

Confesso que estranhei o todo um tanto original d'aquelle viajante. Completamente vestido de preto—ampla sobrecasaca, laço de seda, chapéu alto e luvas de pellica — o seu rosto, em quem transparecia, é certo, uma tal ou qual expressão de bondade e bonhomia atrahente, offereciã, contudo, um verdadeiro contraste com o dos viajantes que, de ordinario, se encontram n'aquellas paragens. De uma côr baça, olhar meigo, nariz um tanto achatado, bigode de guias compridas e cahidas, não parecia um europeu. O fato preto que trajava e o chapéu alto a occultar-lhe uma cabelleira basta e toda annellada, como depois se viu, tornavam a sua physionomia ainda mais soturna, dando-lhe ares de um funcionario indigena de qualquer provincia ultramarina.

A' menina mais velha da já citada familia não passou despercebido o estranho aspecto do recém chegado; pelo que, depois de o mirar e remirar, voltando-se para a *instrutice* que parecia ter ficado, como a discipula, tambem impressionada pela presença do novo companheiro de viagem, disse-lhe, em inglez, com a desculpavel imprudencia de uma creança :

— Parece um Chinez de luto, vestido á europea. E' a primeira vez que vejo um homem assim !

A mestra sorriu-se e não respondeu; mas no seu sorriso mostrou concordar plenamente com a opinião da discipula.

O nosso homem, impassivel, conservando o seu ar

bondoso, tira, momentos depois, do bolso da sobreca-saca uma charuteira, da charuteira um charuto, e, dirigindo-se com a mais perfeita cortezia á menina e á mestre pergunta-lhes, em correctissimo inglez, se as não incommoda o fumo do charuto.

A perturbação das duas foi de tal ordem que não se atreveram a responder ao seu interlocutor. Apenas a menina, vexadíssima, teve animo para dizer á mestra, em allemão:

— Então o chinez de luto não se me sáe a fallar inglez como um inglez!

E o chinez de luto que fallava inglez como um inglez, vendo que as duas não respondiam á sua pergunta, observa-lhes em puro allemão:

— Visto que não se oppõem, accenderei o meu charuto.

O assombro da pobre menina ao ouvir aquellas palavras foi ainda maior que o da mestra. Fez-se de mil côres, e tão perturbada ficou por um momento, que a criada que acompanhava a irmã mais nova correu pressurosa para ella, julgando que lhe ia dar alguma coisa.

A menina, porém, cobrando novamente animo, disse á creada, que era portugueza e não fallava outra lingua senão a sua:

— Não é nada, Conceição. não te assustes. Succede-me com este homem uma coisa... Logo te contarei.

N'isto, o comboio pára na estação de Bayonna.

Eu, percebendo que se pasava o que quer que fosse de extraordinario no compartimento vizinho, levantei-me do meu lugar para ir saber o que era.

O singular viajante levantou-se tambem; e, tirando da carteira um bilhete de visita, entregou-m'o, dizendo em bom portuguez:

«Peço desculpa se dei motivo, embora involuntario, a qualquer censatoria; mas, cesssando a causa, cessa o effeito. Eu apei-mo n'esta estação».

E, descobrindo-se respeitosamente, saiu tão apressado que nem sequer me deu tempo a trocar com elle duas palavras.

Dominado pela maior curiosidade, leio o cartão de visita, e nelle vejo gravado um nome que não me era estranho: o do celebre professor de chimica em Paris, Roberto Duarte Silva.

Tinha idéa, e não me enganava, conforme depois verifiquei, de que este nosso compatriota era um dos mais illustres ornamentos do professorado francez. Natural da ilha de Santo Antão, archipelago de Cabo Verde, foi em 1863 para França, onde publicou varios livros, alguns dos quaes a Academia das Sciencias de Paris premiou. Apesar de estrangeiro, obteve em 1867 a alta distincção de ser eleito presidente da Sociedade de Chimica d'aquella capital.

Em 1889, os jornaes de Lisboa annunciavam a sua morte, occorrida em 9 de fevereiro, e descreviam o funeral do illustre sabio, ao qual assistiram as summidades do professorado e da sciencia de Paris.

A triste nova trouxe-me á memoria o episodio de viagem do anno anterior, que deixo aqui relatado com a mesma simplicidade com que então me foi referido pela sympathica menina que lhe dera origem, e é hoje uma senhora casada das mais illustradas da nossa primeira sociedade.

Julho de 1904.

RANGEL DE LIMA.

*Revista litteraria, scientica d' «O Seculo»
de 8 de agosto de 1904).*

CASA DA SOCIEDADE

Termo do sorteio, realisado em 25 de Junho de 1907, de vinte e cinco obrigações do empréstimo para a construção do edificio, a amortisar no primeiro semestre do dito anno.

Aos vinte e cinco dias do mez de junho do anno de mil novecentos e sete, nesta cidade de Lisboa e edificio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, situado no Bairro Camões, Rua da Sociedade Pharmaceutica, pelas oito e meia horas da noite, achando-se ali reunidos os membros do conselho administrativo da mesma Sociedade, abaixo assignados, e sob a presidencia do sr. João Mendes Carreiro, Presidente da Sociedade, afim de se proceder ao sorteio de *vinte e cinco* obrigações do empréstimo para a construção do edificio, que devem ser amortisadas no primeiro semestre do referido anno de mil novecentos e sete, e sendo apresentado pelo thesoureiro da Sociedade o sr. Antonino Alves Barata um embrulho de papel, lacrado e sellado com um timbre antigo da Sociedade, e com um rotulo escripto, indicando que o mesmo embrulho continha um sacco de linhagem, no qual se haviam guardado os cartões correspondentes aos numeros das obrigações ainda não sorteadas, tendo o referido rotulo a data do ultimo sorteio, effectuado em vinte e seis de junho de mil novecentos e seis, e a rubrica de todos os vogaes do conselho administrativo e obrigacionistas que assistiram a todos os actos do dito sorteio; e tendo o sr. Presidente quebrado o sêllo do referido embrulho e procedido á abertura do sacco de linhagem nelle contido, verificaram todos os vogaes do conselho presentes, que no mesmo sacco se encontravam os cartões

indicados no rotulo, e procedendo-se á sua contagem se verificou existirem *trezentos e dezeseis* cartões numerados, declarando o sr. Presidente nesta occasião que, se acaso no sorteio a que se ia proceder, sahissesem os numeros *cento e treze*,—*trezentos e vinte e oito*,—*trezentos e vinte e nove*,—*trezentos e quarenta e nove*,—*trezentos e cincoenta e trezentos e setenta e quatro a trezentos e oitenta e treze*, estes não deviam ser aproveitados, por corresponderem aos numeros de quinze obrigações offerecidas pelos seus possuidores á Sociedade posteriormente ao primeiro sorteio.

Tendo sido depois os ditos *trezentos e dezeseis* cartões bem misturados no referido sacco de linhagem, foi chamado á sala das sessões do conselho, onde se procedeu ao sorteio, um menor, a fim de tirar do mesmo sacco os *vinte e cinco* numeros que deviam ser sorteados, e procedendo-se assim, o mesmo menor entregou successivamente ao sr. Presidente *vinte e cinco* cartões, que se verificou terem os seguintes numeros pela ordem porque foram estrahidos, a saber:—*cincoenta e sete*.—*cento e quatorze*,—*quarenta e seis*,—*cento e setenta e nove*,—*cento e trinta*,—*duzentos e setenta*,—*trezentos e noventa e quatro*,—*duzentos e trinta*,—*duzentos e quinze*,—*cento e um*,—*duzentos e onze*,—*duzentos e quarenta e sete*,—*quatrocentos e treze*,—*duzentos e cincoenta e nove*,—*duzentos e sessenta e sete*,—*quatrocentos e quinze*,—*cento e setenta e cinco*,—*cento e setenta e dois*,—*duzentos e seis*,—*trezentos e setenta*,—*quatrocentos e quarenta e sete*,—*trezentos e quatorze*,—*cento e cincoenta e oito*—, *cincoenta e cinco*,—*cinco*.

Procedendo-se em seguida á arrecadação dos cartões não sorteados, foram estes guardados no mesmo sacco de linhagem, e os cartões dos numeros sorteados inutilisados, sendo o dito sacco fechado e envolvido n'um embrulho de papel, lacrado e sellado com o

timbre antigo da Sociedade, escrevendo o sr. Ernesto Gonçalves da Rocha e Castro, primeiro secretario, o competente rotulo na parte exterior do mesmo embrulho, indicando o que elle contém e a data do ultimo sorteio realisado, e sendo depois rubricado por todos os vogaes do conselho administrativo que assistiram aos actos do sorteio, foi em seguida entregue ao thesoureiro da Sociedade o sr. Antonino Alves Barata, a fim de ficar guardado na Thesouraria.

E de tudo o que, para constar, se lavrou este termo, que vae assignado pelo sr. Presidente e por todos os vogaes do referido conselhos administrativo que estiveram presentes.



João Mendes Carreiro.

Ernesto da Rocha e Castro.

Francisco de Carvalho.

Antonio Carvalho da Fonseca

Antonino Alves Barata.

Armando de Campos Palermo.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 12 de Novembro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. Francisco de Carvalho, João Mendes Carreiro, Francisco de Jesus, José Nunes, Gaspar Maria do Nascimento, Valladas Preto, Campos Palermo e João Francisco Tavares.

Abertura da sessão ás 9^{1/2} da noite.

Não tendo comparecido o 1.º secretario, o sr. Mendes Carreiro convidou a exercer aquelle cargo o sr. Gaspar do Nascimento.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior — 31 de agosto do ultimo.

O 1.º secretario fez a leitura da correspondencia, na qual havia uma carta do nosso consocio sr. Joaquim de Jesus Cardoso e Sousa, de Maiorca, com referencia ao descanso semanal, do que a Sociedade ficou inteirada.

Tambem existia carta d'outro collega, de Cantanhede, em que pergunta se um medico pela escola do Funchal pode exercer clinica no continente: e se é obri-

gado a ter na sua pharmacia medicamentos que não é costume receitarem-se na localidade onde está estabelecido.

Fala sobre o assumpto o signatario e o sr. Francisco de Carvalho, ficando resolvido que o 2.^o secretario escreva a este nosso collega elucidando o sobre a sua consulta.

Carta de um nosso antigo consocio e collaborador, em importantes trabalhos, o sr. Manuel Falcoeiras, residente no Brazil, ha pouco de visita em Lisboa, agradecendo as condolencias da Sociedade pelo fallecimento da sua estremecida esposa.

Carta, com a nota d'urgencia, do nosso consocio sr. Francisco de Souza Gomes, de Portimão, pedindo a intervenção da Sociedade, afim de cohibir o abuso de macomunicação d'um medico com um pharmaceutico, naquella villa.

O sr. Presidente declara que já tratou de providenciar, e conta chegar a bom termo, porque em caso identico já a Sociedade foi attendida pelas instancias competentes.

Antes da ordem da noite, pediu a palavra o signatario para participar á Sociedade que em nome d'esta tinha procurado o sr. ministro das obras publicas, sobre o assumpto d'uma proposta que tracta da reforma do Mercado Central de Productos Agricolas; e que tendo preguntado a s. ex.^a, se no seu projecto de reforma haveria qualquer disposição ácerca de fiscalisação, inspecção e analyse de productos alimentares, respondeu que a reforma se restringia a disposições sobre o regimen de trigos e outros productos, e da transferencia das attribuições do ministerio das obras publicas, para o do reino, sobre o mesmo assumpto.

O sr. Francisco de Carvalho propoz um voto de sentimento pela morte do nosso antigo consocio João Augusto Solar, major pharmaceutico, á memoria do qual

fez elogiosas referencias, e que se communicasse esta resolução a sua esposa sr.^a D. Adelaide Barbosa Solar. Foi unanimemente approvedo.

Os sr. Francisco de Jesus e José Nunes levantam um incidente sobre a demissão do socio sr. Freitas e Silva, tendo o sr. Presidente dito que já tinha ficado resolvido, não se tratar mais de semelhante assumpto, para evitar retaliações, que só podem prejudicar o bom andamento dos trabalhos da Sociedade.

Como o incidente não terminasse, alguns socios retiram-se, e o sr. Presidente encerrou a sessão por falta de numero de socios.

Eram 11 ¹/₂ da noite.

O 2.^o SECRETARIO,
ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Sessão de 10 de Dezembro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Abertura da sessão ás 10 horas da noite

Não estando presentes os srs. secretarios foram convidados pelo sr. Presidente a occuparem os seus logares os socios srs. Almeida Alves como 1.^o secretario, e João Francisco de Jesus, 2.^o secretario.

Procedendo-se á leitura da correspondencia, não foi lida a acta da sessão anterior, por o sr. Campos Palermo a não ter enviado.

Seguidamente o sr. Presidente informa a assembleia, que se commettem abusos, sobre as leis de saude publica, em Portimão; e, attendendo á urgencia que lhe pediram, que officiou ao governador civil de Faro, e que, tendo agora ensejo, communica este facto á Sociedade a que tem a honra de presidir.

Ao mesmo tempo pedio que de ora avante não se admittam assumptos á discussão, antes da ordem da

noute, porque havendo trabalhos encetados na sessão anterior, não se concluíram por ter concedido a palavra a varios socios sobre materias extranhos a ella.

Entrando-se logo na ordem da noite, foram admitidos para socios os srs. Marcolino Alves da Cunha e Carlos Prospero Barella.

Estava tambem, sobre a meza, uma proposta para socios honorarios, que teve a primeira leitura, resolvendo-se nomear uma commissão para sobre ella dar o seu parecer, que ficou composta dos socios, srs. Francisco de Carvalho, Jayme José da Costa e João Francisco Tavares.

Em seguida o sr. Presidente justifica a sua attitude ao abrir da sessão, pela faculdade que lhe concede o art.º 56 do regulamento interno da Sociedade.

O socio João Francisco de Jesus declara que tomando em consideração, o que o nosso illustre Presidente acaba de resolver sobre assumptos dados para antes da ordem da noite, os socios devem usar da faculdade do art.º 51, 3.º do *regimento*, isto é, declararem com antecedencia as materias que desejam tractar na sessão immediata.

O sr. Carvalho da Fonseca julga rasoavel a doutrina do sr. Presidente e entende ser de toda a justiça que os socios tenham conhecimento dos trabalhos, que se trate nas sessões seguintes, afim de estarem preparados para os discutir.

João Francisco de Jesus volta a insistir em que ha assumptos que não podem deixar de discutir-se antes da ordem da noite; muitas vezes veem no jornal lapsos que é de justiça emendar, e que passam despercebidos, quando se ouvem ler as actas, como tivemos occasião de observar isso na sessão transacta; e como todos estamos animados da melhor vontade, os desejos heterogeneos conciliam-se.

Desejava que voltasse a existir o livro das actas e

que o nosso jornal trouxesse apenas um extracto das sessões, visto a nossa vida íntima, associativa, não interessar aos extranhos; e ao mesmo tempo por haverem particularidades que devem apenas constar d'esse livro. Ainda, no uso da palavra, lembra á assembleia a vantagem de se modificar o convite para as sessões, não dispensando a cooperação de todos os nossos illustres collegas, sobre quaesquer trabalho que queiram trazer á assembleia.

O sr. Francisco de Carvalho, respondendo ao orador que o antecedeu, tem a informar que, o livro das actas, deixou de existir porque eram transcriptas do jornal da Sociedade. Que outróra, o nosso saudoso consocio Sousa Telles instou bastante para que não deixássemos de cumprir essa formalidade, e que se vio obrigado a coordenar as actas de então, para fazer um livro, mas que se levantaram difficuldades no seu proseguimento. Entretanto, conformava-se com qualquer deliberação que n'este sentido se tomasse.

Emquanto á modificação, que o socio pede que se faça nos avisos das sessões, acha-a regular; em tempos fôra contra isso, por lhe parecer irem crear atrictos ou embaraços á Sociedade, pois que essas exigencias iam até a convidarem-se pessoas extranhas, affim de assistirem á discussão de assumptos.

O João Francisco de Jesus, replicando, diz não se dar por satisfeito com os argumentos do orador antecedente, sobre as actas, visto ellas terem-se sempre feito até 1891, como constava da secretaria; e sobre o convite a pessoas extranhas não foi alvitrado por elle. O fim porque tem trazido assumptos differentes a esta Sociedade, é apenas para que outros socios de maior illustração e competencia os desenvolvam, e sobretudo para que os nossos juvenis e estudiosos collegas das escolas nos tragam materias novas e estabeleçam aqui debates scientificos.

O sr. Jayme Costa refere-se á installação de fabricas estrangeiras em Portugal, e ao facto de apresentarem productos com sellagem inferior á que deviam ter, sophismado os rotulos, que por dentro estão escriptos em francez e por fóra em portuguez.

O sr. José Nunes renova a sua insistencia sobre a falta do livro das actas, e fez ver os inconvenientes que isso traz aos trabalhos de investigação que se queiram fazer, visto o jornal vir sempre atrazado.

Lamenta que não fôsse lida n'esta sessão a ultima acta, porque desejava saber se fôra modificada em harmonia com o officio, que se leu á illustre assembleia.

O sr. Presidente lembra ao digno socio de que o segundo secretario apresentou as suas razões, e que lhe pareceu que ficava satisfeito, ou pelo menos não constatou, com insistencia, o facto.

O sr. José Nunes replica, que a sessão fôra curta e não insistiu porque os socios retiraram quando se tratava do caso, tendo o sr. Presidente de encerrar a sessão por falta de numero.

O sr. Presidente pede á esclarecida assembleia que tome em consideração os argumentos referentes a Sousa Telles; que nos conformemos com as deliberações tomadas n'esse tempo e que fique por esta forma liquidada a discussão das actas.

O sr. Francisco de Carvalho, como presidente da comissão de redacção, tem ainda a informar o sr. José Nunes de que, o que está no jornal, é pouco mais ou menos o que se deprehende do officio; que a comissão não altera o texto das actas, e que só por deliberação da assembleia se faz qualquer rectificação.

O sr. Carvalho da Fonseca fallando sobre as irregularidades dos fabricantes estrangeiros, regosija-se por ter mais este excitante de nervos! Constou-lhe que se dizia ser elle um dos patrocinadores d'esses abusos, mas considerava isso affrontoso á sua dignidade, e pe-

dia que lh'o demonstrassem com factos. Lembra que a benevolencia que tem usado para com os seus collegas, no espinhoso cargo que exerce juncto do governo, nem sempre é correspondida com a mesma lealdade e boa fé!

O sêllo de 50 réis é hoje privativo das alfandegas, e simplesmente para pôr ao abrigo de abusos os productos nacionaes. Entretanto, deseja ouvir outros commentarios sobre este caso, affim de responder. Lamenta tambem que pharmaceuticos portuguezes quando escrevem os rotulos das suas especialidades, deem a preferencia ás linguas estrangeiras.

O sr. Almeida Alves diz que veiu á Sociedade exclusivamente por causa do assumpto apresentado pelo seu esclarecido collega Jayme Costa.

Justifica o caso de os pharmaceuticos se sujeitarem aos droguistas, não por ser uma submissão, mas apenas devido á força de circumstancias.

Refere-se á invasão de productos estrangeiros que infestam o nosso mercado; insiste na irregularidade ou dôlo, illudindo a fazenda nacional, e por fim mostra um d'esses exemplares, denominado « Xarope Famel », preparado com a assistencia do pharmaceutico F. Borges, diplomado pela escola de Lisboa. Pergunta se isto é legal, e aproveitando o ensejo de estar presente o sr. inspector do sêllo, desejava ouvir a sua opinião.

O sr. Carvalho da Fonseca, respondendo ao digno sócio, tem apenas a dizer-lhe o seguinte: sobre as irregularidades da sellagem nessa especialidade, apresente as razões por escripto na repartição competente; e sobre o abuso do preparado, parece-lhe que poderá encontrar solução no conselho superior de hygiene publica.

O sr. Almeida Alves entende que o assumpto interessa a todos os pharmaceuticos, e péde que seja dado para ordem da noite da proxima sessão.

O sr. Presidente encerra a sessão ás 12 horas, dando para ordem da noute, da seguinte, a continuação do debate sobre o Xarope Famel e noções geraes sobre fermentos.

O socio servindo de 2.º secretario,

JOÃO FRANCISCO DE JESUS.

Sessão de 31 de Dezembro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. Antonio Carvalho da Fonseca, Seabra Lopes, João Mendes Carreiro, Almeida Alves, Jayme José da Costa, João Francisco de Jesus, Armando de Campos Palermo, Francisco de Carvalho e José Nunes.

Por ter faltado o 1.º secretario, o sr. Presidente convidou para exercer o seu logar o sr. Seabra Lopes.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 12 de novembro. Foi tambem lida a acta de 1 de dezembro, e approvada depois de ligeiras modificações, em virtude de algumas emendas propostas pelo sr. Francisco de Carvalho.

O sr. Francisco de Jesus pede que seja lida novamente a acta de 12 de novembro, quando comparecer o sr. José Nunes, visto ella encerrar materia que diz respeito aquelle nosso conhecido consocio.

O 2.º secretario responde ao sr. Jesus, que não acha motivo para se deferir o que elle pede, pois que o assumpto de que trata a acta, e a que elle se refere, pode ser tratado em qualquer occasião, independentemente de nova leitura da acta. O sr. Jesus conformou-se com este parecer.

O sr. Presidente João Mendes Carreiro communica á Sociedade que, por informações de toda a confiança, soube a agradavel noticia, de que na reforma das mor-

gues, em elaboração pelo sr. ministro da justiça, ficarão os trabalhos toxicologicos a cargo das Escolas de Pharmacia, e que o pessoal d'estas será augmentado com um preparador pharmaceutico. por cada escola. Mostra s. ex.^a em seguida o grande alcance que esta medida tem para o levantamento do prestigio da classe. A assembléa manifestou o seu contentamento, por tão agradável noticia, usando da palavra neste sentido o sr. Francisco de Carvalho.

O sr. Presidente propõe um voto de sentimento pelo fallecimento de um irmão do nosso consocio, da Ilha Terceira, Vasco Sequeira de Moraes, que foi unanimemente approvedo.

Participa tambem o sr. Presidente que recebeu uma proposta para socio, assignada pelo proposto, o que é contrario ás disposições dos estatutos.

Sobre o assumpto fallam varios socios, ficando resolvido sob proposta do sr. Almeida Alves, que se enviasse um dos jornaes da Sociedade, que tem a lista dos socios, para o proposto escolher algum d'elles para seu proponente.

O sr. Francisco de Jesus pede a palavra, e sendo-lhe concedida, diz que a Sociedade deve encetar trabalhos com o fim de conseguir a autonomia das Escolas de Pharmacia; e lê um trecho da oração academica proferida pelo nosso consocio e professor de Pharmacia da Escola do Porto, sr. Antonio Carvalho da Fonseca, na abertura das aulas do presente anno lectivo, em que defende substanciosamente essa doutrina

O nosso consocio sr. Francisco de Carvalho responde ao sr. Jesus, que tambem deseja as Escolas autonomas, como aliaz toda a classe; mas que por'ora acha que se não deve tratar d'esse assumpto, por não lhe parecer opportuna a occasião e haver outros de mais urgente necessidade, como é, por exemplo, a reforma d'exercicio profissional.

Sobre o mesmo assumpto fallaram o sr. Carvalho da Fonseca e Campos Palermo, sendo ambos de parecer que é imprudente pedir muitas coisas ao mesmo tempo, e que é preciso muita diplomacia no campo das reivindicações, até para se alcançar aquillo que de direito nos pertence.

Ordem da noite. 1.^a parte: Teve primeira leitura um parecer sobre uma proposta para socio honorario.

2.^a parte. Especialidades estrangeiras.

O sr. Almeida Alves diz que na sessão anterior tinha levantado a questão de tão melindroso assumpto, e a Sociedade achando-o de grande importancia deliberou dal-o para ordem da noite, d'esta sessão.

Depois de repetir o que narrou na sessão passada, sobre o caso, apresentou a seguinte proposta:

«Em virtude da concorrência desleal, que, os productores das especialidades pharmaceuticas estrangeiras estão fazendo ás similares nacionaes, por tolerancia da sua preparação no nosso paiz, o que importa prejuizo para a fazenda nacional, além da ruina da industria pharmaceutica portugueza, proponho que a Sociedade procure o sr. ministro da fazenda, afim de cessarem estes abusos, ou saber se realmente este facto é de seu conhecimento e auctorisação».

O sr. Carvalho da Fonseca declara que de repente senão pode fazer coisa alguma, tanto mais que a especialidade pharmaceutica, a que se refere o sr. Almeida Alves, está dentro d'um regimen ainda em vigor, mas que termina brevemente devido a medidas, que foram tomadas com o fim de evitar abusos, que a experiencia tem revelado. Diz parecer-lhe a questão levantada pelo sr. Almeida Alves uma questão pessoal, pois sendo de conhecimento do nosso consocio, ha muitissimo tempo, numerosos casos identicos, nunca se insurgio contra elles. Lamenta que se tenham espalhado pelos seus collegas boatos de ter sido elle que aconselhou a preparação

e venda do preparado a que se refere o sr. Almeida Alves, e julga ser aquelle consocio quem os propalou, pois que é completamente destituído de fundamento o que lhe querem insinuar.

O sr. Jayme José da Costa declara que é esta uma questão muito grave, que senão deve descurar. Que são dois os seus pontos principaes: 1.º o damno material que este abuso nos causa; e 2.º a illegalidade que representa estar um individuo preparando e vendendo medicamentos sem ter diploma de pharmaceutico pelas nossas escolas.

Como a hora estivesse adeantada, o sr. Presidente pediu ao sr. Francisco de Jesus, que fizesse a sua dissertação sobre fermentos na proxima sessão, ao que este consocio annuou gentilmente, pedindo, porém, que dos avisos da sessão constasse que tractaria de fermentos.

Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram onze e quarenta minutos da noite.

O 2.º secretario,

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

CHIMICA

A estabilidade do soluto de per-manganato de potaesto, J. por W. Hamner (1)

Segundo o auctor, desde que as substancias organicas que se encontram na agua ou que adherem ás paredes do vaso são destruidas pelo per-manganato, e que uma quantidade correspondente d'este ultimo está decomposto, a estabilidade do soluto torna-se, por assim dizer, illimitada.

Hamner serviu-se, para as suas experiencias, de tres

(1) Apotheker Zeitung.

frascos que encheu d'um soluto de per-manganato de potassio de concentração conhecida. Estes frascos tinham contido anteriormente: o primeiro, um soluto de per-manganato, o segundo um extracto fluido e o terceiro uma tinctura. Os dois ultimos frascos foram apenas cuidadosamente lavados. Todos elles eram de vidro amarello e rolhados a esmeril.

Indicam as tabellas que acompanham a nota do auctor, que o soluto de per-manganato não havia mudado de titulo, no primeiro frasco, quatorze dias depois, enquanto que esta estabilidade não foi attingida, nos dois outros, senão depois de quatro a cinco mezes.

Um soluto de per-manganato antigo é, portanto, o que se deve preferir nos laboratorios. Se se conservar ao abrigo da luz e de modo a evitar o accesso de qualquer impureza, o seu titulo nunca variará.

Atoxil ⁽¹⁾

Tem sido dada ao atoxil a formula $C^6 H^5 Az H As O^2$, contendo 37, 69: 100 de arsenico. Ora a analyse, feita por Puckner e Clark, indicou sómente 25, 77 por 100, pelo que a formula do atoxil deverá ser $C^6 H^4. Az H^2. (As O. OH. O. NA)^2$. Doseia-se o arsenico aquecendo a substancia a banho-maria, por meia hora, em frasco fechado com um soluto saturado d'acido sulfuroso; elimina-se o excesso d'acido sulfuroso pelo calor, e titula-se pelo iodo.

Para doseiar o sodio, humedece-se a substancia com acido sulfurico concentrado; calcina-se e pesa-se o sulfato de sodio formado.

A agua é doseiada por dessiccação a 100°.

G. N.

(1) Pharmaceutical Journal.

PHARMACIA

Solubillidade de certos saes na glycerina Ossendowski (1)

100 partes de glycerina pura a 15.^o dissolvem :

Acetato de cobre.....	10.0
Acido benzoico.....	10.21
Acido borico.....	11.0
Acido oxalico.....	15.10
Arseniato de potassio.....	50.13
Arseniato de sodio.....	50.0
Bi-carbonato de sodio.....	8.06
Borato de sodio.....	60.0
Carbonato d'ammoniac.....	20.0
Carbonato de sodio.....	98.3
Chlorato de potassio.....	3.54
Chloreto d'ammoniac.....	20.06
Chloreto de baryo.....	9.73
Chloreto mercurico.....	8.0
Chloreto de potassio.....	3.72
Chloreto de zinco.....	49.87
Cyaneto de potassio.....	31.84
Iodo.....	2.0
Iodeto de potassio.....	39.72
Iodeto de zinco.....	39.78
Phosphoro.....	0.25
Quinina.....	0.47
Enxofre.....	0.14
Sulfato de calcio.....	5.17
Sulfato de cobre.....	36.30
Sulfato de zinco.....	35.18
Tannino.....	48.83

(1) Pharmaceutical Journal.

Ensaio do vidro para ampolas destinadas a conter solutos d'alcaloides, por Gluber (1)

O auctor insiste sobre a má qualidade do vidro fornecido aos pharmaceuticos, que preparam solutos ou ampolas d'alcaloides para injeções hypodermicas. O vidro, para estes usos, deverá ser sempre ensaiado, segundo as indicações fornecidas por Schneider e Seiss: as ampolas ou balões são cheios d'agua distillada, adicionando-se-lhe uma pequena quantidade do soluto de phenol-phtaleína a 1:100; collocam-se em seguida, com as rolhas presas ao collo, em agua fervente ou antes recebendo os seus vapores. Qualquer vidro, cujo contheudo fique incolor, pode ser empregado na preparação e esterilisação do soluto hypodermico d'alcaloides.

Mas aquelle cujo contheudo corar em rosa só poderá ser utilizado depois de nova lavagem em agua fervente.

O que ainda, mesmo depois d'este segundo tratamento, corar o seu contheudo, deve ser rejeitado.

Estas precauções são indispensaveis para os solutos de morphina e adrenalina, que se alteram tanto mais, quando o vidro é mais alcalino.

Com o vidro não alcalino, como o de Iena, pode esterilisar-se o soluto d'adrenalina, sem que se altere.

Ampolas de chlorhydrato de apomorphina

Afim de obstar ás diversas causas d'alteração dos solutos de chlorhydrato de apomorphina, taes como: a oxidação pela acção da luz, a alcalinidade do vidro que contem o soluto, e os vapores d'ammoniaco de que muitas veses está impregnada a athmorphera dos labo-

(1) Pharmaceutische Post.

(1) Repertoire de pharmacie.

ratorios, Pegurier aconselha operar do modo seguinte:

1.º Fazer a operação em camara escura, illuminada por meio de luz vermelha.

2.º Evaporar acido acetico no logar onde se opére para neutralisar os vapores d'ammoniaco.

3.º Empregar as ampolas de vidro amarello e um soluto de chlorhydrato d'apomorphina acidulado pelo acido chlorhydrico. (1)

Chlorhydrato de apomorphina 0,50

Acido chlorhydrico ao decimo 1,50

Agua distillada esterilizada 100.^{cc}

A preparação do soluto e enchimento das ampolas deverá fazer-se com um material rigorosamente aseptico, para se evitar a esterilisação no autoclave das ampolas depois de terminadas; esta operação teria como resultado, facilitar o ataque do vidro e a decomposição do producto.

G. N.

FORMULARIO

Emulsão d'oleo de ricinos-Wilbert (2)

A seguinte formula permite obter uma emulsão branca, homogenea, que se separa um pouco no fim de muito tempo, mas que uma ligeira agitação resta-belece facilmente.

(1) Não é para nós novidade, o emprego de ampolas de vidro amarello e de soluto de chlorhydrato d'apomorphina acidulado pelo acido chlorhydrico, porque ha muitos annos isto se pratica, no deposito geral de medicamentos do exercito, com bom resultado.

N.

(2) American Journal of pharmacy.

Mistura-se em gral 50.^{cc} de óleo de ricinos com 1,^{gr}5 de sabão medicinal pulverisado e 3.^{cc} de alcoolato de hortelã-pimenta; junta-se em seguida, pouco a pouco, 1.^{cc} de soluto de saccharina e a quantidade de agua necessaria para se obter 100.^{cc}

G. N.

VARIEDADES

Leite vegetal, por P. Carles (1)

As pessoas que frequentam as colonias dizem que os Europeus sentem muitas vezes a falta do leite fresco destinado á alimentação das creanças, dos convalescentes e doentes de diversas naturezas. Procurou remediar-se esta falta pelo leite de conserva liquido ou seco, mas parece que nenhuma das diversas marcas industriaes tem dado resultados satisfatorios.

Nuns, a materia gorda separa-se ou rança, noutros falta-lhes completamente. Na maior parte, a caseina está mais ou menos coagulada ou transformada, e, se n'alguns se conserva inteiramente solúvel, é devido á addição de diversos saes alcalinos, cuja ingestão quotidiana não poderá ser salutar. Finalmente, em todos, as diastases normaes são mais ou menos transformadas pelo calor, e o assucar junto com profusão.

Estas diversas causas devem fazer tomar em consideração o emprego que se faz, ha muito tempo, do leite vegetal na China e Japão.

Segundo um japonéz, este leite tem por origem os grãos da *Soja hispida* ou feijão oleaginoso da China.

Estes grãos tem uma composição excepcional, digna de ser notada pelos hygienistas e pelos clinicos.

(1) Repertoire de Pharmacie.

Assim, não contém amido destrinchavel ao iodo, mas uma pequena quantidade (6:100) de materia saccharificavel e susceptivel de fermentar directamente sob a acção da levedura de cerveja.

Tem além d'isso 36:100 de materias albuminoides, e 17 de materias gordas.

Prensando estes grãos, depois de cosidos em agua, obtem-se um succo que, diluido em agua não muito quente, constitue o *leite vegetal*. Este nome parece muito natural, desde que se sabe que, no leite da vacca, ha uma média de 3,3:100 de caseina, 4 de manteiga e 4,5 de assucar de leite. Não se ignora tambem que ha uma extrema semelhança entre a legumina e a caseina.

Mas, o que mais os iguala é que o leite vegetal tratado pelos coagulantes ordinarios do leite, tambem se coalha, diz-se, e que, separando-se o soro pelo esgotamento, obtem-se um residuo semelhante ao queijo animal.

Segundo o mencionado japonéz, tanto o feijoeiro como o leite e o queijo vegetal, entram em notavel proporção no alimento dos chinezes e japonezes.

Como os Europeus, para o queijo animal, elles sabem retardar pelo sal a decomposição do queijo vegetal, e, por meio de manipulações analogas, converte-lo, pelas fermentações diastasicas espontaneas, em tantas variedades comestiveis, quantas nós fazemos com o coalho dos leites animaes.

O grão do soja não tinha servido até ao presente mais do que para fazer a farinha do pão destinado aos diabeticos; uso logico, pois que não contem amido e apenas pequena parcella de materia saccharificavel.

Depois do que fica dito facil é de prevêr que um habil cosinheiro pode, para estes doentes, variar a comidá por meio do soja.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME

A		E	
Acido arsenioso (resistencia do cão á acção de grandes doses de).....	199	Cosméticos que desenvolvem oxigenio.....	190
Aguas potaveis (desinfecção das) pelo acido citrico e raios solares....	202	Eleições (As) da Sociedade de.....	64
Antonio Carvalho da Fonseca (discurso do prof.)	16	Elixir paregorico (preparação rapida do).....	76
O mesmo — «Oração de sapientia» proferida na abertura da Escola de Pharmacia do Porto...	191	Emulsão de oleo de ricinos.....	235
Atoxil.....	232	Emulsão de Scott.....	109
Armando de Campos Palermo (o concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos na Santa casa da Misericordia de de Lisboa) 34, 68, 90, 111, 134, 156 e.....	174	Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro (conselheiro) 140 e.....	143
		Escola de Pharmacia do Porto.....	191
		Esterilisação da mucilagem de gomma arabica.	75
		Esterilisação (processos facteis de) 167, 181 e.....	268
B		F	
Bibliographia.....	76	Formulario, 96, 109, 173, 190 e.....	235
Bismuthum tannicum....	188	Francisco de Carvalho (Discurso de) na sessão solemne.....	20
Blenal.....	190		
C		G	
Chimica 34, 55, 56, 68, 90, 130, 202, 204, 206, 207, 231 e.....	291	Glycerina (solubilidade de certos saes na).....	233
Chlorhydrato de apomorphina (ampolas de).....	234		
Clemente Pinto (Dr.)....	60	I	
Commissão de chimica (parecer da).....	41	Incompatibilidades dos iodetos.....	105
Comprimidos enzymoscopicos para a verificação dos leites pasteurizados.	130		

			Peças officiaes 3, 41, 61, 81, 83, 86, 88, 101, 103, 121, 125, 145, 146, 149, 161, 163 201, 221, 223 e.... 228
Joaquim José Alves (Dis- curso proferido na inau- guração do retrato do dr.)	9	Pomada de acido bórico..	169
José Allemão de Mendon- ça Cisneiros de Faria (Discurso de).....	9	Pós contra mosquitos....	190
José Bento Coelho de Je- sus (Discurso proferido na inauguração do retra- to de).....	16		
L		Q	
Laboratorio Municipal do Porto	195	Quadro da Sociedade (Al- terações ocorridas du- rante o 71.º anno da sua instituição no).....	3
Leite para diabeticos....	96	Quadro da Sociedade em 30 de junho de 1906..	43
Leite vegetal.	236		
M		R	
Medicamentos novos, 172, 189 e.....	100	Relação dos individuos e corporações que brinda- ram a Sociedade	7
Monotal	189	Resumo da conta geral de receita e despesa no anno economico 1905 - 1906	33
N		Roberto Duarte Silva (Do- cumentos ácerca de) 77, 97, 116, 176, 196, 213 e.....	218
Necrologia 6o e	140		
O		S	
Obrigações da casa da So- ciedade sorteadas em 25 de junho de 1907, 140 e	218	Sabão dentifrico.....	174
Oleo de figados de bacá- lhau (nova reação do)..	55	Sal de Carlsbad.....	173
Oleo de figados de bacá- lhau (emulsão de)	96	Sangue (processo simples de differenciar o) dos di- versos animais.....	206
Oleo de ricinos em pó... 56		Santa casa da Misericordia (O concurso para chefe dos serviços pharmaceu- ticos da) 34, 57, 68, 90, 111, 134, 156 e.....	174
P		Sessão de 11 de dezembro de 1906 (solemne)	3
Papel de filtrar: causa d'er- ros em chimica analytica.....	204	Sessão de 26 de dezembro de 1906	61
Per-manganato de potassio (a estabilidade do soluto de).....	231	Sessão de 8 de janeiro de 1907	81
Pharmacia 56, 75, 76, 105, 106, 167, 181, 186, 208 e	233	Sessão de 29 de janeiro de 1907.....	83
Pharmacia (A) na côrte do sultão.....	198	Sessão de 26 de fevereiro de 1907.....	86
		Sessão de 12 de março de 1907	88

Sessão de 9 de abril de 1907	101	Succo de groselhas (preparação do)	186
Sessão de 14 de maio de 1907	103	Sulfato de quinina nacional	57
Sessão de 28 de maio de 1907	121	Sulfato de quinina methodo de Kerner	207
Sessão de 11 de junho de 1907	145	Synonimia de novos productos pharmaceuticos.	106
Sessão de 25 de junho de 1907	125		
Sessão de 9 de julho de 1907	146	T	
Sessão de 30 de julho de 1907	149	Tinctura de iodo (o acido iodhydrico na)	56
Sessão de 13 de agosto de 1907	161		
Sessão de 27 de agosto de 1907	163	V	
Sessão de 31 de agosto de 1907	201	Variedades, 57, 77, 96, 97, 111, 116, 134, 156, 174, 176, 191, 195, 196, 198, 213 e	236
Sessão de 12 de novembro de 1907	221	Vesipyryna	172
Sessão de 10 de dezembro de 1907	223	Vidro neutro (meio rapido de reconhecer o)	97
Sessão de 31 de dezembro de 1907	228	Vidro para ampolas (ensaio do)	231
Soluços (modo de suprimir os)	198		

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



1835

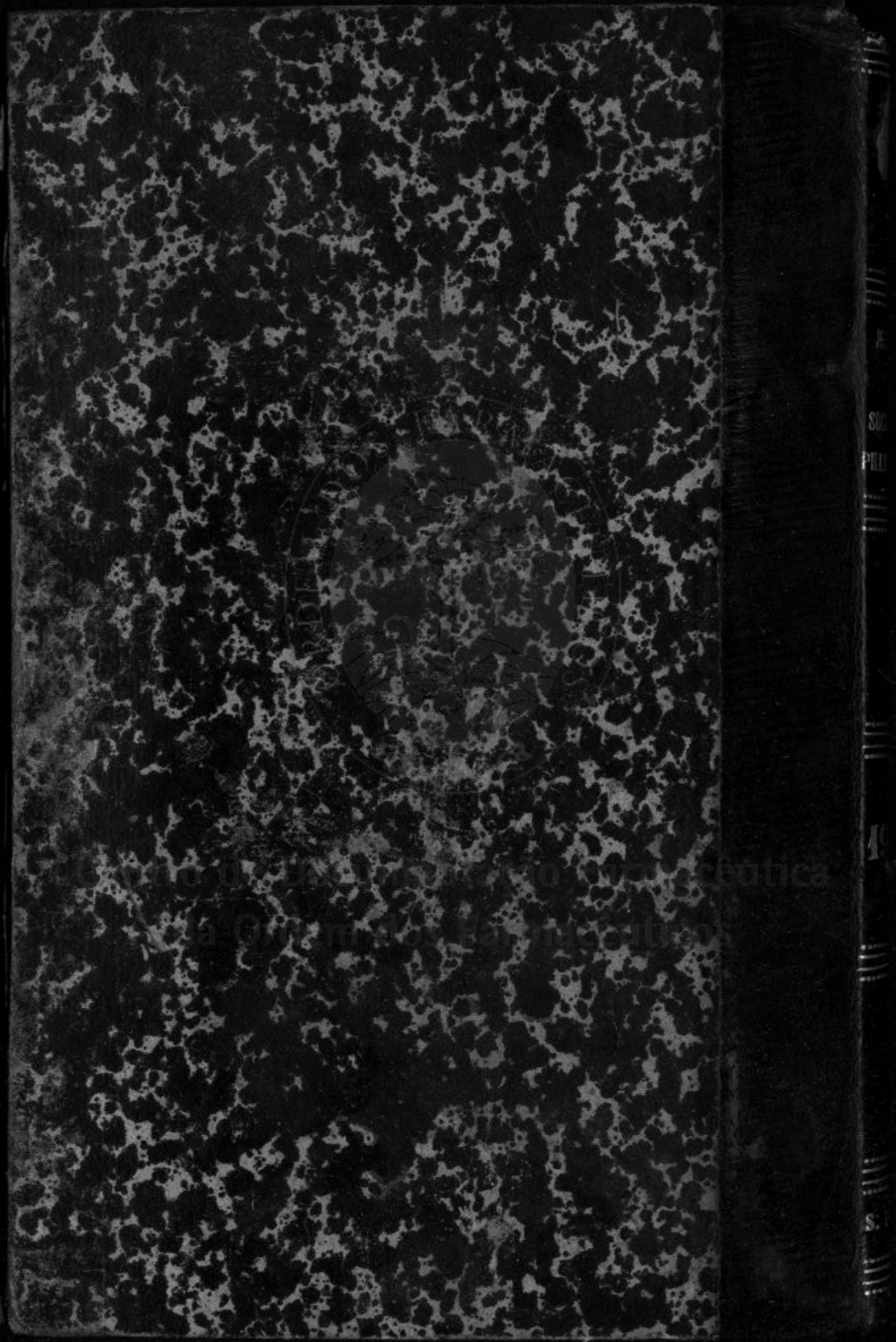
Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



JOURNAL
DA
SOCIIDADE
FARMACEUTICA

1875

1907

PH. L.